

B

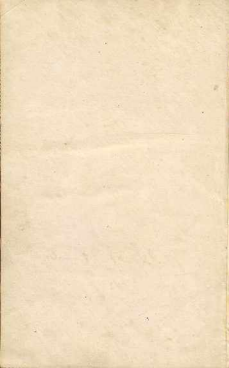
N.º 6888

R.º 6074

VA
MO
VA

L





RANCHO DA CARQUEJA

O RANCHO DA CARQUEJA

P. A. L. 27 - C. B. Liv.

P. H. S. / 2

R. 6.074

O BANCO DA BAHIA

1854

1854

4.

B
6.888

O RANCHO DA CARQUEJA

TENTATIVA DE ROMANCE HISTORICO

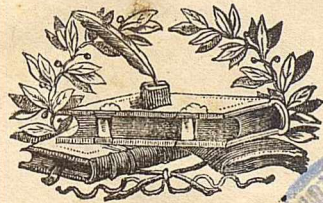
BASEADO NOS ACONTECIMENTOS ACADEMICOS
DO SEculo PASSADO

Um dia de payaluda!

«...» POR «...» *Bibliotheca d'Evora*

A - Antonio Francisco Barata

No. 6.074



COIMBRA
IMPRESA LITTERARIA
1864

O BANCO DA CAROLINA

ESTABELECIDO EM 1835

RESERVA DE PROTESTOS E CANCELAMENTOS
DO SEU PATRIMÔNIO

• Este é o livro de trabalho para o
SEU BANCO DE CREDITO.

Carolina, Carolina Carolina



ADMINISTRADORA
CAROLINA CAROLINA
1835

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CONDE DA GRACIOSA

EM SIGNAL DE MUITA AMISADE

E GRATIDÃO

O.

De V. Ex.^a o mais obrigado amigo
e obediente servo

Lisboa, Setembro
de 1783

Antonio O Auctor. Barata

1875

1

THE
HISTORICAL RECORDS OF THE

COMDE DE CRUCIOLA

BY THE AUTHOR OF 'THE HISTORY OF THE COMDE DE CRUCIOLA'

LONDON: PUBLISHED BY RICHARD CLAY AND COMPANY, LTD., BUNGAY, SUFFOLK.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor

Guardo uma lembrança de haver lido algures que os antigos costumavam collocar suas estatuas sobre columnas elevadas, para d'esta fórma desviarem das vistas publicas os defeitos d'ellas; e que, ao modo dos antigos, o nosso Heitor Pinto pozera sob a protecção do Duque de Bragança, D. Theodosio, alguns dos seus famosos Dialogos, como em altissima columna, onde as imperfeições d'elles mal se podessem enxergar.

Na difficuldade de lembrar ideias novas, eu farei como fez o excellente prosador, e irei pôr ao abrigo dos maus criticos o meu livrinho, collocando-o nas mãos de V. Ex.^a E como as santas e profundamente philosophicas maximas de Jesus têm sempre um valor realissimo, e um espirito vigente e activo, quando um homem como V. Ex.^a bondoso aperta a mão do artista, risonho e satisfeito o recebe em sua casa e o faz assentar á sua meza, por contente me darei se o meu curto e mal tecido romance lograr as atenções de V. Ex.^a.

*De V. Ex.^a o mais obrigado amigo
e obediente servo*

Coimbra, Setembro
de 1864

Antonio Francisco Barata.

Das erste Buch dieses Werkes ist gewidmet der Geschichte der Wissenschaften in der Antike und im Mittelalter. In dem zweiten Buch wird die Entwicklung der Naturwissenschaften im 17. und 18. Jahrhundert behandelt. Das dritte Buch enthält eine Darstellung der Philosophie der Aufklärung. Das vierte Buch ist gewidmet der Geschichte der Literatur und der Kunst im 18. Jahrhundert.

In dem fünften Buch wird die Geschichte der Philosophie im 19. Jahrhundert dargestellt. Das sechste Buch enthält eine Darstellung der Philosophie der Romantik. Das siebente Buch ist gewidmet der Geschichte der Philosophie im 20. Jahrhundert. Das achte Buch enthält eine Darstellung der Philosophie der Gegenwart. Das neunte Buch ist gewidmet der Geschichte der Philosophie im 21. Jahrhundert. Das zehnte Buch enthält eine Darstellung der Philosophie der Zukunft.

Das 10. Buch ist gewidmet der Philosophie der Zukunft.

Verlag: Berlin, 1998

PROLUSAM

Por vezes ouvimos fallar em Coimbra no Rancho da Carqueja.

Fôra o Rancho da Carqueja uma sociedade academica cujo principal fim era o mutuo divertimento.

Mas não era só o divertimento, na singeleza da phrase, que o Rancho tinha por norte. A ideia mais extravagante e louca era recebida com frenetico applauso, e executada com admiravel punctualidade.

Nos echos da tradição ouvimos ainda muitos lamentos, queixumes e afflicções.

Mas nunca havíamos lido uma só palavra a tal respeito, a não ser na *Macarronea*, onde se diz a pag. 146:— «Atreveu-se a tanto esta cruel feição, que pôz editaes, congregou exercito, a que chamaram o Rancho da Carqueja. Não me detenho em vos contar o fim, que teve esta diabolica feição, porque assaz é sabido no nosso Reino. Injuria será sempre da nobreza escolastica (emquanto permanecer sua memoria) similhante feição, que mais parece de marabutos renegados que de estudantes ennobrecidos.»

Crêmos que alguns livros, ou periodicos d'esses tempos consagrassem algumas linhas aos famosos disturbios

do Rancho, que chegou mesmo a inquietar o faustoso Monarcha D. João V; mas, procurando-as, não topamos nenhuma a não serem as que citadas ficam.

Em 1863 foi que nos veio á mão um manuscripto coevo, onde mão curiosa traçou esclarecimentos bastantes, para podermos pôr o publico ao facto dos segredos e movimentos do Rancho.

Mal concatenados se liam 'nelle os factos. Má syntaxe, detestavel grammatica e nenhuma orthographia. Mas, isto não obstante, por homem curioso, amigo de sua patria e da verdade haviam sido escriptas aquellas regras, em medonha calligraphia.

Não era conhecido no mundo litterario o nome do auctor d'aquellas linhas: isto fez com que as reputassemos apocrifas, em quanto as não autenticámos na secretaria da Universidade.

Esta razão por um lado, por outro o testemunho de pessoas que ainda conheceram o laboriosissimo compilador de noticias concernentes a Coimbra, foram, a nossos olhos, provas de sobejo para darmos inteira fé e todo o crédito ao dito manuscripto.

Em folhetim no *Commercio de Coimbra* começára, pois, a sair a lume uma noticia a respeito do Rancho da Carqueja.

Com fórmulas romanticas se lia ella. Isto, e a fertilidade do assumpto fez com que concebemos e nutrissemos a ideia que hoje realisamos, de fazer dos esclarecimentos dados em artigos gratuitos, obra de maior folego, e, quiçá, proveitosa.

Ninguem conhece no mercado das letras o nosso nome; d'aqui nasceu a necessidade de publicarmos o romance por nossa conta, procedendo á previa assignatura pelos amigos.

Cabe dar aqui um testemunho de gratidão ás gerações academicas de 1860 a esta parte, que bondosas têm assignado as nossas curiosidades litterarias.

Com defeitos e achaques vae o romance. Mas, o leitor que souber o fim que mirámos e o tempo que podemos dispensar para o tocarmos, certo nos desculpará. — Não pensamos em nos fazer conhecidos na litteraria republica, porque poucas forças levam os nossos escriptos para tranar os mares do esquecimento, mas em auferir alguns proventos da publicação do livro.

O tempo que empregámos em escrever o pequeno romance, foi o que nos sobejou das diurnas occupações, acontecendo, as mais das vezes, mandarmos para a imprensa o original, sem havermos tempo para o ler senão mais tarde nas provas.

Isto diz-se para que a critica sensata e cortez nos faça justiça.

Cabe tambem declarar aqui, solememente, que não tivemos em vista fim politico de qualquer natureza, e que ninguem infira d'este romance que desejamos corrigir o presente com exemplos do passado. De sufficiente civilisação vae passando a presente epocha para necessitar de medicamentos energicos.

Terminaremos este escripto, a modo de prologo, confessando que deixámos correr livremente a penna, sem nem tempo havermos para observar as regras, se regras ha para este genero de litteratura que não sejam o respeito á moral e á decencia, tendo em muita conta as palavras de A. das Neves Pereira nas *Memorias de Litteratura*, T. V. « Que! tudo na Lingoa Portugueza ha de ser periodico por molde? Miseraveis criticas! »

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

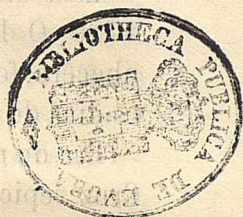
... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

... de la ... de la ... de la ...

O RANCHO DA CARQUEJA



WATERLOO EM MINIATURA

A passos lentos andava o anno do Senhor de 1720.

Havia oitenta annos que Portugal sacudira com braços de ferro, e arremeçára á juba do Leão de Castella a gargalheira da escravidão, fundida nos fementidos juramentos das côrtes de Thomar, em que Philippe II havia compromettido sua honra para a manutenção da autonomia portugueza. Havia oitenta annos que o sol da liberdade alumiaava o occidente da peninsula, desvendado das leis ominosas e tributos vexatorios, com que a Hespanha nos humilhava o collo d'homens livres.

Era por dezembro.

Coimbra, a fundada pelo invasor Ataces, a ma-

drasta de quantos barbaros por esses tempos a senhorearam, recostada em seu throno de verdura, como odalisca em ottomana de fina seda, d'ouro e azul, preparava-se 'neste dia para festejar o 1.º de dezembro de 1640.

Estavamos, portanto, no 1.º de dezembro de 1720. O dia da independência portugueza amanhecêra formoso, como formosos costumam ser os dias do inverno 'neste abençoado Portugal.

Era de manhã. Os sinos do mosteiro de Sancta Cruz repicavam alegres no campanario acastellado e altissimo, convidando todo o corpo docente da Universidade para vir, no templo de Deus, commemorar o dia solemne, o dia do resgate da patria.

Já no largo de Sansão começavam de engrossar os grupos de cidadãos, que pelas suas sete ruas alli convergiam, e na torre elevada da Universidade annunciavam os sinos a sahida do prestito.

Adjunctas ao prestito vinham algumas corporações religiosas, e, no couce d'elle, um grande numero de estudantes da Universidade.

O prestito depois de haver descido pelas tortuosas ruas das Covas e de S. Christovam, dobrava o cotovelo da Estrella, e já se estendia e adiantava a passos medidos pela rua das Fangas.

Era um dia de verdadeiro jubilo nacional! As

cobertas e colchas de damasco pelas janellas, as damas, todas secias, que se recostavam nos peitoris d'ellas, o estridulo repicar de todos os sinos de Coimbra, a alegria de tantas almas a transparecer em tantos rostos, a tudo isto ia brevemente addicionar-se uma scena completamente diversa.

— Diz-me um dedo que adivinha, que temos hoje a funcção molhada. Os doutores não olham lá com muito bons olhos para a nação fradesca, e esta, pela sua parte, faz quanto póde para aborrecer os capellos.

— Parece-me que não, mestre Jacob, já assim andam ha muito tempo e ainda não foram ás do cabo.

— A trovoadã não costuma ouvir-se de repente; o ceu começa a toldar-se pouco a pouco, depois vem os trovões, raios e chuva, respondeu mestre Jacob ao seu interlocutor.

— Só se o *Rancho da Carqueja* assoprar ao fogo; d'outro modo....

— Assopra, assopra, continuou mestre Jacob; faz mais ainda: como o Rancho é de Carqueja, não faltará combustivel; o ponto está em haver faisca.

— Olhe, mestre, que por falta de fogo não deixa de haver incendio. Bem sabe que os estudantes são tão inimigos dos lentes quanto amigos dos frades. Aquelles, pespegam-lhe a sua *raposa*, a me-

nos de real, e estes, são mais patuscos e têm muitas cousas em que são como os estudantes. Uma d'estas noutes encontrei eu tres individuos, disfarçados, e posso affirmar-lhe que eram tres rotundos frades meus conhecidos. Pois se soubesse aonde os vi....

— Lá quanto a isso victorserio, atalhou mestre Jacob; que os estudantes fazem por essa cidade muitas tropelias e desaforos, é certo e mais que certo; mas agora os frades!?... talvez fossem alguns freguezes meus? acrescentou elle, em tom meio reprehensivo, meio indagador, voltando-se para o seu adversario. Este, porém, houve por conveniente calar-se, attendendo ao amor, sympathia e mais partes, que concorriam na illustre pessoa de mestre Jacob para com as ordens monásticas, em geral, e para com alguns frades, freguezes seus, em particular.

O leitor deve estar com certa curiosidade e desejos de saber quem é mestre Jacob, e o sujeito com quem elle praticava. São razoaveis os seus desejos.

Mestre Jacob Maceira da Silva era 'nesses tempos o mais afamado alfaiate da cidade de Cindaunda. Tinha por freguezes um grande numero de lentes, um grandissimo de frades, e um espantoso de bons cidadãos, e burguezes d'esta velha Coimbra.

Sotainas a uns, habitos a outros, além das casacas e carapuças que prodigamente talhava a todos, mestre Jacob era o mais occupado de seu tempo, se não era também o mais respeitado pela aguçada lingua que tinha.

Inimigo dos estudantes, meio amigo dos lentes e submisso e obediente servo e respeitador do throno e do altar, Maceira era querido de todos e o seu menino bonito, como familiarmente se diz.

É uma pena que a posteridade lhe não conserve o retrato physico assim como lhe guardou alguns traços do moral; mas, mestre Jacob Maceira, não era como a maioria de nossos escriptores modernos, que na maior ninharia litteraria, que na obra de mais desmerito que produzam, collocam sempre o prévio retrato. Por vezes foi elle rogado com empenho para arremeçar sua effigie ás gerações por vir; mas, dotado de summa modestia, mestre Jacob só quiz que seus netos o admirassem pela fama de seus dictos agudos e sentenciosos, pelas suas enormes casacas e pelos seus feitos mavorcios.

No entanto, sempre farei uma breve descripção d'elle, tal como a encontro 'num manuscripto contemporaneo.

Mestre Jacob Maceira da Silva devia orçar pelos 55 annos. Era alto, grosso, sem grande mirac, e bem desempenado, apesar da idade. Usava a

barba rapada ao modo do seu seculo, e só não se accommodava com as ideias d'elle, em usar cabelleira empoada, ou por empoar. E, comtudo, Maiceira era calvo; mas a ideia de encobrir a sua bella calva era-lhe affrontosa. Em tudo mestre Jacob se coadunava com o espirito de seu tempo, menos no uso da cabelleira.

— Ha nada mais destemperado, dizia elle, do que isto de rapar as barbas, e de cobrir a careca? Lá fazer a barba ainda admitto, porque ha 'nisto mais aceio; porém, cobrir a cabeça com alheio cabello empoado, só para d'este modo se confundirem os velhos com os rapazes, que empoam seus cabellos por capricho da moda, podendo, em vez d'isso, mostrar a magnificencia da natureza 'numa calva aceiada, ensaboada, luzidia?

Não será mestre Jacob como esses alferins e chichisbeos.

Apesar d'estas razões, mestre Jacob costumava, por vezes, cobrir a calva com um levitico *solideo*.

Ahi fica o homem.

O sujeito com quem elle conversava, era tambem alfaiate e seu contramestre. Chamava-se João Peixoto.

Moralmente póde o leitor consideral-o como um appenso, ou complemento do todo chamado Jacob; e, physicamente, basta que saiba que era

homem dos seus 40 annos bem puxados, e que tinha como signal, ou distinctivo de sua occupação, uma corcunda nas costas, por tal fórma elevada, que melhor dava a lembrar o pico de Tenerif, do que essa marca indelevel do seu viver acoorado.

Pouco tempo havia que mestre João Peixoto deixára de responder ás pesadas razões de Macceira, quando um susurro longinquo, como o bramir de tempestade nos vastos plainos do mar, veio despertar do curto silencio que se impozeram os dois famosos palradores e maldizentes.

—Morra o pacovio!—fóra o palerma! restrugiu nos ouvidos de mestre Jacob e de seus officiaes, como um imperioso chamamento ás armas, ou como os agudos sons da trombeta final no Josphat.

Mestre Jacob correu á janella. O prestito approximava-se, e os sons da charamela universitaria chegaram a seus ouvidos desafinados e multisonos, para serem substituidos por confusa gritaria d'ameaças, imprecações e de agudas chanças.

De facto: a pancadaria começára entre as duas corporações, escolastico-docente e academico-fradesca.

Debalde o conservador da Universidade tentava oppor um dique á impetuosa torrente d'inimizades e odios velhos das belligerantes corporações!

*Outra para
ser guardada*
*idem
muy abito*

Debalde as espadas e alabardas dos verdeaes, manobradas defensivamente procuravam conter a furia e intimidar os combatentes! Qual! O conservador era desobedecido, aos gritos solemne-mente ameaçadores de — morra o pacovio! Os instrumentos charamelicos estalavam despedaçados, esganando as ultimas notas, que soavam como voz lugubre de moribundo afflicto; e as alabardas e as espadas, brandidas já pelos estudantes, distribuiam nos inimigos mil golpes a esmo.

Como duas nuvens pardacentas, prenhes d'electricidade, se chocam e fremem nos ares, assim se embatiam na rua das Fangas os lentes, os estudantes e os frades. Era um soberbo espectaculo cheio de peripecias divertidissimas!

Mestre Jacob não era homem que 'nestas circumstancias fosse mero espectador de tal contenda.

Ao ouvir a voz esganiçada do ludibriado conservador, seu compadre e optimo freguez, gritar imperiosamente — é o Rancho da Carqueja! — Prendam-se os cabeças! mestre Jacob chamou ás armas e mandou reunir *in continenti* os seus officiaes e aprendizes; e, distribuindo por armamentos regoas, tesouras e ferros, nomeou-se general do seu exercito, tendo, como ajudante d'ordens, o bellicoso João Peixoto, seu contramestre.

— Morte aos Carquejeiros! — troou forte a voz

de Maceira. — Morte aos Carquejeiros! respondeu em côro o echo de seus officiaes.

E, descendo precipitadamente e na maior desordem, o indisciplinado exercito de mestre Jacob ia fazer decidir a contenda, ganhar a batalha e ficar senhor do campo. Assim o pensava, pelo menos.

Mestre Jacob era um bravo, mas para bom general não tinha geito.

Sem ordem, sem plano de batalha, sem ao menos deixar na rectaguarda uma reserva de tropas frescas para os revezes adventicios do combate, Maceira, deu sobre o inimigo com inaudita coragem.

— *Aos futricas!* gritou a voz forte e sonora d'um mancebo de 22 annos, de insinuante aspecto, d'altura regular e vestido ao modo academico.

Era o adversario de mestre Jacob. Chamava-se Francisco Jorge Ayres, e passava por ser o fundador e principal cabeça do Rancho da Carqueja; seu conselheiro, seu braço de ferro, e agora seu capitão.

Não é muito facil descrever bem o que se passou na estreita rua das Fangas, depois que Jorge Ayres bradou rijo: — aos futricas! Era um volver e revolver confuso de lentes, frades, estudantes e burguezes!

Era como um caldeirão enorme, em cuja ebul-

lição viessem á flor dos cachões, burguezes, estudantes, frades e lentes, como feijões carrapatos na caldeira d'um regimento!

E affincada continuava a pugna sem que se podesse antever quem seriam os que cantariam victoria, em lucta tão extravagante.

D'aquella sanzalla infernal de vozes, sahio de repente um grito de guerra, novo e proveitoso — O' Ayres! dá 'nesse pellado! vociferou José da Silva Coutinho, academico, e tambem *carquejeiro*, apontando para mestre Jacob, que, armado d'uma regua, se atirava aos estudantes como S. Thiago aos mouros.

Del dicho al hecho não foi grande a demora. Jorge Ayres não se podia enganar no pellado, que convinha pôr fóra do combate, porque perto de si viu luzir a calva monumental de mestre Jacob.

Com o conto d'uma alabarda mandou um golpe de tal ordem ao nosso alfaiate, que para logo fez voar pelos ares, até ir tomar conhecimento com a cabeça de João Peixoto, a regua diabolica, especie de espada de dois gumes com que o bravo Maceira offendia horrivelmente.

Ainda bem não era desarmado mestre Jacob, quando novo bote de conto d'alabarda esgalhou uma orelha ao notavel alfaiate, que, banhado em sangue, foi levado em braços para casa, pelos seus robustos soldados, resto desmantelado de maior

quantia, porque os mais d'elles lá ficaram amorphanhados no combate.

Depois d'isto a victoria era manifestamente dos estudantes.

O prestito desconjunctou-se completamente; e, em poucos minutos, ficou deserta e abandonada a rua das Fangas. Apenas um grupo de seis academicos conversava á porta larga da casa que hoje habita o popular e tão conhecido Christovam Horta, homem que pelo seu espirito e excentricas exhibições, tem feito as delicias dos conimbricenses nas passadas épochas carnavalescas.

— Ó Ayres! sempre a fizeste aceiada! pois vaes esgalhar uma orelha ao pobre lorpa do alfaiate!?

— Eu só tinha intenção de o desarmar, porém...

— Porém quizeste ferir o homem; fizeste mal, porque te podem culpar.

— Ora, adeus, adeus; peores as temos nós feito, e não ha quem se atreva a processar-nos.

Assim respondeu Jorge Ayres pela segunda vez ao collega que, havia pouco ainda, lhe apontára a calva luzidia do alfaiate, como baluarte que no calor da refrega convinha tomar d'assalto.

Convém que o leitor conheça já os nomes dos estudantes que completavam aquella dupla trindade diabolica, em quanto não aprecia e conhece melhor o valor d'elles.

Um, chamava-se Antonio Carneiro dos Sanctos;

outro, Roque Monteiro Paim ; outro, Miguel Pereira Coelho Manço ; e o quarto, Antonio da Costa Silva Pescada.

— Vamos, disse Monteiro Paim, voltando-se para Jorge Ayres, que ordens dás tu para esta noute?

— Esta noute vamos ás freiras de Sancta Clara, respondeu incompetentemente Carneiro dos Sanctos.

Nada, esta noute havemos de tomar conhecimento com uma beata da Mathematica, em casa de quem se escondeu a Maricas da Praça, para nos escapar, alvitrou Antonio da Costa Silva Pescada.

— Não, senhores ; o meu parecer é que devemos ir esta noute procurar o beneficiado de S. Bartholomeu, que teve a petulancia de lançar olhos pecaminosos sobre a nossa Maricas, e darmos-lhe uma boa coça, lembrou por fim Miguel Pereira Coelho Manço.

— Muito bem, disse ultimamente Jorge Ayres : são aproveitaveis os vossos alvitres, e terão todos religioso cumprimento. Mas esta noute iremos todos ao Arco da Traição, para vermos se d'esta vez agarrámos o atrevido futrica que teve o arrojo de dar dois bofetões no Gonçalves Lobo.

— Vá feito ! disseram todos.

— Mas, onde ha de ser o ponto de reunião ? perguntou Paim a Jorge Ayres.

— Em casa do Gonçalves Lobo, ás dez da noute.

— Seja.

Agora, continuou Jorge Ayres, vamos á Praça. Tenho necessidade de me certificar se a Maria da fructa abandonou o posto e me desprezou.

— Abandonou, com toda a certeza, respondeu Silva Pescada. A rapariga acreditava as tuas palavras, mas tinha medo de nós. O que me parece é que devemos ir a Sancta Cruz.

— Primeiro vamos á Praça, obstinou Jorge Ayres, depois iremos a Sancta Cruz.

— Não está lá a Maricas, deixa-te d'isso.

— Vamos sempre, disse em tom imperioso Jorge Ayres, rompendo a marcha na vanguarda do grupo.

E foram todos.

O prestito havia-se desfeito completamente, como já disse; as colchas já não adornavam as janelas, as damas tinham-se retirado ao interior das casas, e até os sinos haviam emmudecido em sua habitação dominadora. Alguns lentes ainda conseguiram ir a Sancta Cruz; outros, porém, pallidos, enfiados, foram apressuradamente para... para casa, mandando ao diabo os estudantes, e quantos frades houve, havia e podiam vir a existir ainda.

Não conduzo o leitor a Sancta Cruz, porque, para ouvir tocar o excellente orgão d'aquella egreja, não convém que assista a um *Te Deum* esfarrapado e

tumultuoso. E' melhor seguir comigo a pista aos estudantes, e descer pela rua das Fangas, ir ao Arco d'Almedina, entrar na Calçada, onde immensos grupos commentam a desordem, e, atravessando a curta rua do Cego, desembocar na Praça. Aqui devem estar os heroes d'esta mui fiel e veridica historia.

De facto: além se agrupam e cercam uma colareja, formosa, ao que parece. Approximemo-nos.

— Mas quem te informou a ti, que tão mal avisado estava? disse Jorge Ayres para Silva Pescada, que lhe havia annuciado o desaparecimento ou fuga da Maricas, para casa d'uma velha da rua da Mathematica.

— Ora quem havia de ser! foi a minha servente, almanach vivo e quanto mais velho mais correcto e augmentado, de tudo quanto se passa em Coimbra.

— Ainda bem que falhou essa folhinha encarquilhada, a quem tu chamas servente, disse Ayres, sorrindo amoroso para a linda Maricas. Que te parece Maria?

— Que me ha de parecer? que são bonitas as suas fallas, sr. Ayres, respondeu corando ainda a encantadora donzella.

Encantadora. E, realmente, Maria da Pureza era formosa. Orphã de pae, Maria seguia o mister de sua mãe que já contava os seus 60, e vendia

fructa ao cimo da Praça, defronte de S. Bartholomeu. Teria 20 a 21 annos. Era de altura mais que regular; esbelta e graciosa, não havia na Praça mulher como ella. Rosto sobre o comprido, olhos pretos, cabellos da côr do ebano, dentes alvissimos e um nariz bem formado, davam á sua pessoa predicados de sobejo para chamar as attentões de quantos por alli passavam.

Não haviam faltado pretendentes á belleza de Maria. Tinha-os de todas as côres; no povo, na nobreza e até no clero. Era pela formosura d'ella que se definhava d'amores o beneficiado de S. Bartholomeu, a quem alludiu Coelho Manço; o qual olvidando a posição elevadamente séria que lhe dava a sua qualidade de sacerdote, de ministro do altar e de Deus, e de director espiritual do seu rebanho, descia a polluir, com pensamentos mundanos e libidinosos o seu manto de pureza, offerecendo ao publico amiudadas scenas de descomposta decencia e seriedade.

A todos esses pretendentes havia Maria da Pureza negado sempre o seu coração, que conservava immaculado para offerter ao dilecto d'elle, quando esse feliz mortal apparecesse. Isto não obstante, Maria sentira já, uma unica vez em sua vida, pulsar com estranho e mais acelerado movimento o pobre coração, quando ás repetidas declarações d'um amor sincero, e d'uma paixão violenta que

lhe manifestava um mancebo da criação d'ella, Maria teve de responder que o não amava, e que não achava em seu peito correspondencia aquelle amor ardente do pobre moço. Maria era dotada de muito bom gosto; e, apesar de não haver recebido uma educação esmerada, era sempre nobre e elevada em suas aspirações. O amor de um simples marçano na transição para caixeiro, era pouco para ella. E, sobre tudo, Maria não gostava d'elle.

Mas, ao dar-lhe o desengano fatal, a sentença de morte, o coração resentiu-se e reagiu contra a decisão da vontade, e Maria conheceu que alguma afecção lhe tinha já, e anteviu logo uma especie de viuvez para si, quando deixasse de ouvir todos os dias as apaixonadas palavras d'elle, e aquelle rosto que de certo modo fazia já uma parte de sua alma.

O pobre Augusto, que tal nome era o seu, havia tres annos que fôra para o Brazil, e nunca mais houve noticias d'elle. Suppunha-se morto.

Nesta quasi viuvez foi que Francisco Jorge Ayres olhou amoroso para ella. E feliz foi, porque foi elle o venturoso. Jorge Ayres era a realisação do devaneiar de Maria, era o mancebo que ella via nos sonhos de felicidade e que antevia nos extasis sublimes de amoroso somnambulismo. Maria entregou-lhe o coração: ou, antes, como a erupção de um volcão por muito tempo latente, e que ao cabo de

algumas tentativas rebenta assolador, assim Maria deu a Jorge Ayres uma paixão violenta; que tal foi a erupção em seu peito, sequioso de affectos, de carinhos, de ventura.

Francisco Jorge Ayres era realmente digno do amor de Maria. A um character jovial e sempre, ou quasi sempre alegre, Jorge Ayres junctava os dotes de uma alma bem formada, generosa e nobre.

É bonito este anverso da medalha: vejâmos, contudo, o reverso d'ella.

Dominado por um genio turbulento, irascivel, e por vezes mau, Jorge Ayres arrastava comsigo ao tremedal do vicio os estouvados mancebos, como elle academicos, mas sufficientemente fracos para resistirem á vontade de ferro, que lhe dava supremacia.

Ayres era um composto de boas qualidades, de virtudes, d'amor e de vicios! Era mau, mas era bom! E amava sinceramente Maria da Pureza. Amava-a, sentia um prazer grande em a ver todos os dias, em lhe fallar, em sonhar com ella, em a ver em tudo e em toda a parte, mas sempre sem que um pensamento baixo e terreno, carnal e libidinoso manchasse aquella imagem formosa, aquella estrella polar da sua primavera!

Eram, pois, dignos estes amantes. Uma cousa havia, unicamente, que Maria temia e receiava. Era o costume que tinha o Rancho da Carqueja de

respeitar pouco o recato, a virgindade e a innocencia. Com manifesta reprobção dos bons habitantes de Coimbra havia, desgraçadamente, provas terribes... E Maria, apesar da idade, já conhecia e avaliava bem o rifão — Dize-me com quem lidas, dirte-hei... etc.

Formosa Maria, bemfadada sejas tu, que tão puro assim offerces o teu amor a um homem! Bemfadada e ditosa sejas!

Suspendamos, leitor curioso, estes esclarecimentos agora, e ouçâmos de novo o que dizem os estudantes.

— Dize-me, linda Maria, tu acreditavas então que fossem mentidas as minhas palavras? Não me respondes? disse Jorge Ayres, no tom mais natural e apaixonado, cravando os olhos 'nella.

— Não, sr. Ayres, o meu coração diz-me que dê eu credito ás vozes do seu; mas, ás vezes... o publico... minha mãe... respondeu Maria.

— O publico e tua mãe? que dizem a meu respeito?

— Ora, sr. Ayres, eu não queria offender esses senhores, mas desejava tanto vel-o só... Anda sempre com elles... Dizem tanta cousa... Ainda agora, na rua das Fangas...

Tens razão. A ti que eu considero como a mulher a quem consagro a mais pura das affeições, a ti não devo eu apparecer com os meus amigos.

Com elles verei outras mulheres: a ti, não; disse Ayres.

— Rapazes! continuou elle, voltando-se para os confrades no Rancho, e para os companheiros e condiscipulos nas aulas, declaro-vos hoje que Maria é minha amada. Escusado será dizer-vos que o sanctuario em que a guardo, nunca foi profanado por mulher alguma. Respeito, pois, e toda a protecção a Maria da Pureza! Somos amigos, e, portanto, entendeis-me.

— Por mim te juro que a respeitarei, e protecționarei, respondeu Coelho Manço.

— Maria é uma excepção; respeito a Maria! bradou Silva Pescada, em tom que pedia *apoiado*.

— Bem dito, disse Paim.

— Apoiado! disse a final Carneiro dos Sanctos.

José da Silva Coutinho, não gostou da declaração de Jorge Ayres, e muito menos do respeito e da protecção que elle pedia para Maria da Pureza. Não desgostava de queimar o seu grãosito de incenso na pyra de Cupido, em louvor de Maria; de modo que, a confissão de Jorge Ayres e de Maria, foram como uma derrota completa em seus desejos e esperanças.

Apesar de tudo era-lhe forçoso dizer alguma cousa, era-lhe preciso jurar tambem protecção e respeito á linda colareja.

— Pois bem, disse elle, guarde-se Maria de qual-

quer *futrica*, de toda a arraya-miuda e de algum sacrilego padre, que a cobiçar!

— Famoso! Com que assim fallas de um collega teu?! disse, gracejando, Coelho Manço. Quando tu os não poupas, o que esperas de nós outros, seculares e peccadores?

— Se não fosse o gracejo e a ironia em que temperaste o teu dicto, sempre te respondia; assim, bem vês que me não puxas pela lingua. O que tu querias era ouvir-me... Não faltarão occasiões.

E calou-se. Lembrando-se, com tudo, de uma passagem de Camões, murmurou baixo:

« Que vos custava ter-me 'neste engano,

« Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada? »

Depois d'isto, aquella porção do Rancho da Carqueja tomou pelas ruas dos Sapateiros, do Corvo, e entrou em Sansão.

Na igreja de Sancta Cruz, continuava o *Te Deum*. Os estudantes entraram.

Pequena era a concurrencia; o templo estava quasi deserto.

Da Universidade, apenas o reitor Pedro Sanches Farinha de Baena, e um limitadissimo numero de lentes assistiam á funcção.

Algumas mulheres do povo, beatas talvez, se viam no templo, sentadas umas, outras de joelhos com os braços abertos, e algumas 'num compassado e

automatico movimento, beijando repetidas vezes o pavimento lageado e humido da vetusta, e por tantos titulos veneranda igreja dos conegos regrantes de Sancto Agostinho.

— Da nobreza, e da que hoje chamamos *meia-tigela* não estava lá uma unica mulher.

— Sem o enthusiasmo frenetico, sem a patriotica alegria que enlouquece os escravos-libertos, se commemorava, por conseguinte, o dia 1.º de dezembro de 1640!

— Os nossos academicos, depois de haverem dobrado o joelho ante o altar da Sagrada Eucharistia, passaram a teia de grades de ferro, que separa o corpo da igreja do cruzeiro, e entraram 'naquelle!

— Ora que será feito do Gonsalves Lobo, que não está aqui? disse Jorge Ayres para José da Silva Coutinho.

— Eu sei! terá medo dos cruzios, respondeu Silva Coutinho.

— A ninguem mettem medo frades, retorquiou Jorge Ayres.

— Pelo contrario, disse o Coutinho, os cruzios passam por ser virtuosos, exemplarissimos e sanctos. Lembra-te de S. Theotonio.

— Se os julgas sanctos, confesso-te que os temo; mas, se para ti, como para mim não vês 'nelles senão frades, senão homens, então não lhes hei medo, respondeu Ayres.

— Parece que leste Amador Arraes, tornou Silva Coutinho, — «A estatua pintada de varias côres cheira ao pinho, e o religioso, ainda que ornado de virtudes, não deixa de cheirar a homem.»

— Com esse trecho queres tu desculpar os grandes defeitos dos frades e os teus proprios. Ou tu não fôras padre! respondeu Jorge Ayres, ou tu não fôras Carquejeiro!

— Sacrilegio! Bradou, de repente, por detrás d'elles uma voz.

Os dous voltaram-se. Viram um sujeito baixo, gordo, vestido com uma sotaina velha e rapada, encarapitado 'num banco encostado á parede, e folheando á pressa um livro *in folio*.

Jorge Ayres e Silva Coutinho por pouco que não soltaram azas ao riso.

Os quatro que faltavam ao Rancho, quando ouviram gritar — Sacrilegio! — aproximaram-se de Jorge Ayres e de Silva Coutinho, de quem havia instantes se tinham separado. Vejâmos o que todos elles viram e observaram.

O sujeito que folheava o livro e gritára sacrilegio, era uma especie de frade, leigo, beguino, ou simples sacristão e carola idiota. Calvo, apenas conservava um pequeno monho de cabellos naturaes, no cimo da testa, e uma tira d'elles em volta da cabeça mal conformada e feia. Tinha as barbas cortadas, e só, juncto ás orelhas, que destacavam

como orelhas felinas, ou azas de alqueire de pau, tinha elle uns dous monticulos de cabellos hirsutos e grisalhos.

Este modo de trazer a barba deixava-lhe ver no labio superior uma pardacenta e asquerosa *carochá*, que só fazia differença dos insectos assim chamados, em não se recolher nunca á toca habitadora, que no beguino era dupla, nas duas ventas larguissimas já, que davam a seu rosto o aspecto das fossas nasaes de uma caveira.

Este figurão, que ouvira a conversa de Jorge Ayres e de Silva Coutinho, achára-a impropria do logar e blasphema; e quando ouviu chamar Carquejeiro a Silva Coutinho, foi que bradou em tom anathematizador: — Sacrilegio! E julgando ver nos estudantes outros tantos diabos, ou possessos d'elle, lançára mão do magno livro dos exorcismos, e, sofregamente, procurava 'nelle remedio para os pôr na rua, para os expulsar do templo.

Os estudantes riam a bandeiras despregadas, e elle folheava e refolheava o livro, bufava e suava, e o pingo do nariz cahia-lhe em manchas sobre o livro sagrado em que elle não encontrava a pagina exorcistica.

Já não eram só os academicos os admiradores das momices do beguino; a posição que elle tomára de prégador *ex-officio* attrahira em volta de si um semicirculo de mulheres e de alguns burguezes. Os

frades mesmo haviam notado já aquella scena, e até os coristas e o organista desafinavam horrivelmente as ultimas harmonias do *Te Deum*.

O illustre e por ironia frei João das Mercês encontrára a final a desejada passagem. Foi extrema a sua alegria.

O verdadeiro endemoninhado era elle; contorcía as faces, ria medonhamente, saltava... era um perfeito orate.

Fr. João das Mercês, que assim se chamava o beguino, depois de limpar o abatado nariz, especie de *taba* de selvagens negricios, e assumindo ares de falso doutor, e no tom mais enfaticamente estúpido, começou a fazer cruces e a ler: — « Hel, Helyom, Heloa, Sabaoth, Helyom, Esereheye, Adonay, Iehova, Ya, Thetagrammaton, Saday, Messias, Agios, Ischiros, Otheos, Athanatos, Sother, Emanuel, Agla...»

Endoudeceu de todo, disse o geral dos cruzios, que se approximára 'neste momento. Coitado!

João das Mercês suava em bagas, lançava olhos esgazeados para os circumstantes e limpava o suor da testa a um lenço de paninho vermelho, tão sujo e immundo, que mais lhe sujava a calva e a testa do que lh'a limpava e enxugava.

Lançando sobre os estudantes o peor dos exorcismos, o septimo, que ao acaso topou no livro, julgou por instantes que conquistára o reino celes-

tial, por livrar aquellas almas do espirito immundo de que eram tomadas; e tanta foi sua alegria, que o pobre homem ficou 'num estado de exaltação tal, que lhe transtornára completamente as faculdades todas.

Os estudantes que muito se haviam rido com as cruces e exorcismos do beguino, tinham agora compaixão d'elle e lamentavam o seu estado.

João das Mercês cambaleava sobre o banco; as pernas negavam-se a sustentar aquelle edificio aruinado; e, se não foram os estudantes que o amparraram e ajudaram a descer e assentar-se no banco, o pobre beato teria visto, quem sabe? a luz do dia pela ultima vez.

O *Te Deum* acabára. Começava a sahir a pouca gente que a elle assistira; e, da capella-mór, já sahia tambem o reitor da Universidade, Pedro Sanches Farinha de Baena.

— Ó Ayres, tu conheces aquelle que vem com o reitor? disse rapidamente Coelho Manço.

— E' o Gonsalves Lobo, se me não engano, respondeu Jorge Ayres.

— Não é tal, disse Paim.

— Qual não é? E' o Gonsalves Lobo, sem confissão.

— Se me dás licença, não é tão genuino como o suppões. Agora trás mistura de velhaco, porque vem em companhia do reitor, respondeu Coelho Manço.

— Tens má lingua, disse Ayres.

— O que te affirmo é que alli ha cousa...

— Trahiu-nos! acrescentou Silva Pescada.

— Mais justiça! bradou Ayres; Gonsalves Lobo é incapaz de tal infamia. E ai d'elle! se tivesse a fraqueza de...

— Silencio! interrompeu Paim.

O reitor Pedro Sanches Farinha de Baena passava 'neste momento com o padre Vicente Gonsalves Lobo.

Vão fallando muito á mão; vejâmos, curioso leitor, se poderemos ouvir alguma cousa.

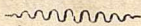
— Dizem-me, porém, que um filho do Capitão-mór da terra da Feira...

— Esse mancebo, interrompeu Gonsalves Lobo, é um moço intelligente e socegado...

Não se poude ouvir mais.

Os dous passaram.

Jorge Ayres, sorrindo-se, voltou-se para Silva Pescada e disse-lhe: — Que tal é aquelle lebreo? Fajreja a caça, amarra-a e vae-lhe na colla: excellente caçador!



II

MONS PARTURIENS

Como todas as cidades antigas, Coimbra ainda apresenta ruas tortuosas e estreitas, e até beccos sem sahida.

Cercada por uma couraça de muralhas, Coimbra foi 'noutros tempos o que eram todas as terras que tinham de oppor ao ferro, a pedra; á força e á barbaridade, a segurança e o valor.

Pouco elevadas as casas de seus habitantes, apresentavam outr'ora, e ainda mostram hoje uma variedade extraordinaria de gostos e architecturas.

Vestigios de habitações romanas, gothicas, arabes e mouras, ainda se descobrem aqui e além, por entre o maior numero de edificações modernas.

Ainda se vêm casas á maneira de thronos desnaturalmente collocados, cuja base, em vez de pousar no solo, vae beijar os beirões da casa fronteira, formando com ella, do mesmo modo construida, uma especie de mina, ou caminho *subaereo* e sem luz,

por onde se não póde andar no inverno, em consequencia da estreiteza da rua e das aguas da chuva que, convergindo ao mesmo ponto, cahem exactamente sobre quem passar. Taes existem na rua do Cego; e, melhor ainda, no becco de Sancta Margarida e na rua de Quebracostas.

'Neste estado foi que Coimbra commungou na piscina regeneradora da actual civilisação.

Coimbra até á descoberta da polvora, ou, melhor, da artilheria, era e podia ser uma terra guerreira e defensavel; de modo que, o tempo que gastava em assacalar as armas e reparar os muros, escasseava-lhe no construir elegante das casas.

Coimbra preferia ser Pallas, a ser cortezã casquilha.

A casa que hoje habita na couraça dos Apostolos o Dr. Calisto Ignacio d'Almeida Ferraz, era ainda em 1720 uma casa irregular e má. Venha commigo o leitor benevolo, e entremos 'nella.

São oito horas da noute do dia primeiro de dezembro de 1720. A noute está escura como um prego, na classica phrase de nossos avós.

Sigâmos, por conveniencia, a luz duvidosa d'aquelle lampeão que alem vae na mão de um rapaz.

— Ó rapaz! ó João! gritou um vulto que vinha pelo becco das Flores, — pára ahí!

O rapaz que subia a couraça, parou. O vulto aproximou-se.

— Olá, sr. Pescada, por aqui! disse o rapaz conhecendo Antonio da Costa Silva Pescada.

— Caluda, garoto! disse Silva Pescada levando ao nariz o indicador da mão direita. D'onde vens tu?

— *Um e dous e argolinha, finca o pé na papolinha...* respondeu, cantarolando, o rapaz.

— Ó velhaco, tu caçôas commigo?! espera!... e Silva Pescada correu ao rapaz.

Este, ao sentir-se agarrado por uma orelha, encolheu o pescoço, inclinou a cabeça sobre o hombro esquerdo, e murmurou: — deixe-me pelo amor de Deus que eu digo tudo.

— Ah! já te chegou a vontade! Vamos:—d'onde vens tu?

— Fui chamar o sr. Ayres.

Quem te mandou, e para que o chamaste? insistiu Silva Pescada.

— Foi o sr. Lobo, para darem um grau 'num caloiro muito grande, que apanharam á bôcca da noute 'numa certa casa...

— E que disse Jorge Ayres? instou Silva Pescada.

— Disse que vinha brevemente, respondeu ainda o rapaz.

— Agora, rode sobre a esquerda e leve a resposta a seu amo.

Assim terminou Silva Pescada o curto dialogo com o rapaz, que, sem esperar segundo aviso, correu na direcção da casa de Gonsalves Lobo.

Silva Pescada trajava de um modo célebre. Vinha de meias e sapatos, trazia na cabeça o gôrro preto e vestia uma jaqueta de pelles. Um varapau na mão direita e uma viola na esquerda eram o complexo d'aquella extravagante *toilette*.

Vejâmos, leitor amigo, onde se dirige o nosso academico. Sigâmol-o.

Em vez de se encaminhar para casa do Lobo desce pela couraça dos Apostolos, toma pela rua da Esperança, e, á direita d'ella, desce pelo becco de S. Marcos. Á porta de uma casa pequena e de ordinaria apparencia pára e bate com o cajado, acompanhando aquellas pancadas com um verbal chammamento: — Ó Coelho!

Coimbra 'naquelle tempo era uma cidade de costumes severos e patriarchaes. Á bôcca da noute recolhiam-se os habitantes á amiga casa, e quando eram oito horas de um mez d'inverno, apenas o silencio imperava 'nella, raras vezes interrompido pelo compassado ruido da ronda dos verdeaes, pelo ladrar d'algum cão, ou pelo guinchar agoureiro e fatidico dos noitibós e das corujas. Não era illuminada ainda, de modo que, a escuridão mais completa envolvia Coimbra toda. As unicas luzes que podiam auxiliar os passeantes nocturnos eram as estrellas, os lampeões das serventes academicas e o reflexo da luz coada pela suja vidraça d'algum quarto de

estudante, onde esta entidade queimasse as pestanas no consultar dos Cujacios e dos Pêgas.

A unica resposta que primeiro obteve Silva Pescada foi o prolongado ladrido de um cão da vizinhança; resposta que pouco lhe frisou; porque bateu de novo e com mais força na já velha e carunchosa porta, e repetiu: — Ó Coelho!

— Quem temos lá? — ouviu-se no interior da casa.

— Temos o Pescada que já espera há muito pela abertura da toca do Coelho.

— Já lá vou; espera um instante mais.

Pouco havia que esperava, quando se ouviram passos lá dentro; e, minutos depois, desandar a chave na fechadura e abrir-se a porta que chiou nos gonzos.

— Não te esperava aqui, disse Coelho Manço para Silva Pescada; tinhamos ajustado reunião em casa do Gonsalves Lobo, ás 10 da noute...

— Bem sei, interrompeu Silva Pescada; mas tambem combinámos sahirnos de tua casa junctos.

— Não me lembrava: tens razão. Sobe.

E Miguel Pereira Coelho Manço fez subir adiante Silva Pescada, fechou a porta e subiu tambem.

Um grande candieiro de metal amarello alumiaava uma pequena sala que, por Coelho Manço, estava convertida em sala propriamente de visitas, em casa de jantar e em quarto de estudo. Tinha apenas

uma janella para o becco de S. Marcos e duas portas: a que dava para a escada, e outra para uma alcova que Coelho Manço tinha fechada. O tecto cahia de velhice; e mais de um barambaz de teias de aranha, á maneira de sanefas, lh'o guarnecia.

O sobrado, meio desconjunctado, deixava ver na loja da mesma casa a claridade de uma luz, que por uma fisga maior se via manar de uma candeia de ferro, espetada 'num buraco da parede desguarnecida e negra.

Os dous entraram 'nesta saleta.

— Então vens de banza?!

— Um estudante sem ella, é como um homem sem mulher, respondeu Silva Pescada a Coelho Manço. Mas, a proposito, continuou elle reparando 'num capote de mulher que estava sobre uma cadeira de pau de pinho pintada de azul, aposto eu que não estás no caso da minha comparação? — E Silva Pescada lançou um olhar de soslaio para a alcova fechada, onde Coelho Manço tinha o leito.

— Eu te digo, respondeu Coelho, ás vezes as apparencias podem enganar.

— Podem, mas agora imprimem-te o sello da culpabilidade, e tanto mais fundamente quanto parece que só para ti reservas a presa colhida, com manifesta offensa do nosso Rancho.

— Enganam-te as apparencias, repetiu Coelho Manço; acredita que não ha nada.

— Pois muito bem, haja que não haja, abre-me a porta d'aquella alcova. Quero ver quem é que tem dominio directo sobre este traste.

E Silva Pescada indicava o capote pousado na cadeira.

— Sinto, amigo, que não possa satisfazer a teus desejos. Alguem tenho 'nessa alcova, é certo, mas alguem que não quer ser visto.

— Mas, entre nós, Carquejeiros, irmãos na sancta cruzada do divertimento, não deve haver segredos; não podem existir mysterios. O que um sabe, sabe o outro, e não ha divulgar-se jámais a estranhos qualquer negocio da confraria. Por tanto, em nome da nossa união, e mais ainda, nota bem, do juramento que fizemos, quero saber quem é a formosa que não esperou um rapto para vir ser companheira das alegrias e dos prazeres de um academico.

— És terrivel. Vou-te fazer a vontade; mas, antes d'esse momento, chega-te aqui.

Silva Pescada approximou-se de Coelho Manço. Este, pondo-se de cocaras no sobrado, convidou, com o exemplo, Silva Pescada a imital-o.

Um defronte do outro na mesma posição, viram na loja da casa, o que passo a narrar.

— Que vês? perguntou Coelho Manço a Silva Pescada.

— Vejo uma casa pobrissima, e uma mulher

fiando em uma roca, á luz amortecida e crepitante de uma candeia de ferro.

— E nada mais? continuou Coelho.

— Vejo mais, a um canto, uma enxêrga miseravel, que melhor parece o ninho de um animal, de um cão, de um gato, ou de qualquer outro, do que o lugar de descanso de uma creatura humana.

— Attenta bem, que observas mais?

— Vejo tambem um rôlo de papeis ao pé da enxêrga, respondeu Silva Pescada.

— Muito bem, como pouco te póde faltar, termina o quadro. Já descreveste as figuras do primeiro plano, agora faz-lhe o campir.

— As paredes denegridas do fumo, continuou Pescada, duas cadeiras velhas de pau, uma arca, uma lareira improvisada áquelle canto, composta de tres pedras, no meio das quaes vejo luzir algumas ascuas; uma pilheira com uns pratos e duas panellas de barro preto; muita teia de aranha, muitas esteiras velhas, muitos andrajos, muita pobreza, aqui tens o que mais encontro 'nesta possilga hedionda.

— Pois bem; falta só que observes as feições da velha que vês a fiar na roca.

— A velha parece-me asquerosa, continuou Silva Pescada. Os cabellos, de côr duvidosa, atados, e seguros por uma *travessa* gigantesca, o nariz aquilino e a barba aguçada, que pela falta de dentes por

bem pouco se não tocam, as mãos e braços negros e engelhados, os olhos amortecidos e fundos nas orbitas, coberta por farrapos nojentos, a velha parece-me uma furia, uma gorgona, um demonio.

— Não descreves mal, disse Coelho Manço, er-
guendo-se, não descreves mal.

— Não descrevo mal; mas para que serve o qua-
dro que me fizeste pintar? para que me fizeste obser-
var tanta pobreza e miseria?

— Para que? respondeu Coelho, para te dizer
agora que foi 'nesse antro medonho que a encon-
trei.

— Que a encontraste; quem?

— A formosa que alli guardo, disse sorrindo-se,
Coelho Manço, e apontando para a alcova fechada.

— Pois se é filha d'aquella Clotho e Lachesis,
sempre te digo que deve ser uma horripilante
Alecto.

— Aprel que eloquencia gentilica, disse, sorrin-
do-se muito, Coelho Manço.

— Emfim, vejâmos sempre essa deidade. Chamo-
lhe deidade porque me lembrou agora aquella pas-
sagem de Camões, que, com uma simples volta,
póde ter aqui applicação:

« Do justo e duro Pedro nasce o brando,

« (Vêde da natureza o desconcerto!)

« Fernando... »

— *Fiat*; e Coelho Manço foi abrir a porta da camara, dizendo, para dentro: póde sahir; é gente amiga.

A porta conservou-se aberta, mas de dentro ninguém sahia. Silva Pescada, julgando ver uma brincadeira de Coelho Manço na promettida belleza que tinha na alcova, disse-lhe em tom meio de zangado, meio de curioso:

— Não esperava pela caçoada. Cahi em boa esparrella.

— Espera, não desesperes, disse Coelho Manço. A moça é muito pudica e envergonhada.

E entrou no quarto.

Momentos depois, sahiu d'elle um vulto, andando com timidez e encolhendo a cabeça.

— *Frei João* das Mercês!! exclamou Silva Pescada, 'num grande frouxo de riso.

— Ah! ah! ah! Que te parece a formosa donzella? Ah! ah! ah! E Coelho, ria como um perdido, como um louco.

— Olá *frei João*! com que o amigo cá está em casa de um Carquejeiro, de um possesso do diabo! Ah! ah! ah! E Silva Pescada ria a mais não poder, fazendo côro com as risadas de Coelho Manço.

— Não me façam mal, murmurou João das Mercês; não me façam mal: *te rogamus, audi nós*.

— Queremos já um sermão; suba a essa cadeira e pregue, disse Silva Pescada.

Frei João das Mercês, tremendo de medo e todo encolhido, começava a trepar ao pulpito (á cadeira), e, para não perder tempo, ia pedindo o thema a *Silva Pescada*, que se não fez rogar, e lhe disse :

— Ahi vae o thema *seor frei João* : — Dos pobres de espirito é o reino do ceu.

O beguino começava a fazer cruces, e já se dava alguns ares de orador sagrado, quando *Coelho Manço* interveio, enojado da mercenaria simonia de *João das Mercês* :

— Por hoje dispensa-nos do sermão.

— Só com uma condição, respondeu *Silva Pescada*.

— Qual? tornou *Coelho*.

— A de me explicares, tu, ou elle (e indicava o beguino), o motivo por que o illustre orador se achava na loja, ou antes, no persigal d'esta casa.

— O motivo te não posso eu dizer, respondeu *Coelho*; mas, *frei João* é extremamente bom e delicado para se negar a tal serviço.

— Explique tudo isso, disse *Silva Pescada* a *João das Mercês*, e sem rodeios, nem redundancias.

Frei João estendeu um pouco o pescoço, titubeou e começou a grunhir :

— *Josepha* das onze mil Virgens é minha conhecida de ha muito... desde a mocidade... venho fazer-lhe a minha visitita de tempos a tempos... ve-

nho ajudar-lhe a fazer a reza ás onze mil Virgens, de quem ella é muito devota... venho...

— Percebo famosamente, interrompeu Silva Pescada; vem... vem... vem ser o Philemon d'aquella Baucis. *Frei João das Mercês, frei João das Mercês!*.. E Silva Pescada deu-lhe uma leve pancada no hombro.

— Vens esta noute com uns profundos conhecimentos mythologicos! disse alegremente, Coelho Manço.

— Vamos ao essencial: são horas de sahirmos d'aqui; sabes que nos esperam em casa do Lobo...

E, como tomado de subito pensamento, exclamou: — Ó Coelho! *Frei João* vae comnosco.

— Não, não vae; *frei João* ainda não fez a reza ás onze mil Virgens, em *duo* com a velha, de modo que, convém não o desviar do caminho do ceu...

— Ó Coelho! Mas olha que *frei João* faz-nos uma grande conta; deixa-o ir, insistiu Silva Pescada.

— Não, hoje não.

— Então... hasde-me dizer já a razão porque o tinhas alli fechado. E Silva, apontou para o quarto de dormir, de Coelho.

— Logo t'ó direi. Agora vamos até casa do Lobo.

E voltando-se para João das Mercês, o nosso Carquejeiro disse-lhe: — vá, vá *frei João*, passar pelas mãos as camaldulas de Josepha das onze mil Virgens.

Frei João das Mercês despediu-se dos estudantes e desceu a escada. Os dous carquejeiros acompanharam-no; e, do cimo da escada, cada um lhe disse, em vez do adeus da despedida:

— Prudencia, João das Mercês.

— Não me exorcismes, beguino.

João das Mercês sahiu; mas, pouco depois, ouviu-se-lhe a voz em casa de Josepha das onze mil Virgens.

Silva Pescada viu o relógio e disse para Coelho Manço:

— São quasi dez horas, e nós aqui! Vá, prepara-te para sairmos; mas, para adiantar serviço, vae-me contando o para que tinhas aqui o beato.

E's impertinente! respondeu Coelho; pois, visto que tanto o desejas (e Coelho Manço ia mudando de traje), fica sabendo que, para colher informações ácerca do Beneficiado de S. Bartholomeu, me servi d'aquelle idiota...

— Mas, atalhou Silva Pescada, não nos trahirá o velhaco?

— Trahir! Estás louco. Ai d'elle, se fizesse tal cousa! que não fazia mais exorcismos e excommunições.

— Muito bem. E então que instrucções te deu o homem?

— Deu-me as necessarias. O Beneficiado é um gamenho de força: d'ahi vem que o homem vae to-

das, ou quasi todas as noutes, a casa de uma beata que vive na rua de Tinge-rodilhas, talvez para lhe apontar o caminho da salvação. Já vês, portanto, que sabido está o logar onde o podemos apanhar, sem lhe darmos tempo de chuz nem buz.

— Então estás realmente disposto a chegar ao padre? perguntou Silva Pescada.

— Ha de levar a sua conta, para o curarmos da doença que tem, e o acostumarmos a curar do seu rebanho espiritual, unicamente.

— Estás gongorico ; queres *curar* o homem para elle unicamente *curar*...

— Ora, adeus! deixa-te de observações, e vae empregando os meios para entrarmos em casa d'essa alcoveta da Mathematica, em quem tu fallaste esta manhã.

— Involve duas respostas a tua recommendação : não queres que eu te chame gongorico, e disseste, ha pouco, que a minha eloquencia era admiravelmente gentilica. E's injusto. Quanto á sanctarrona da Mathematica, crê que me não esquece, que a não perco de vista.

— Bello. Viva o Rancho da Carquejal!

E Coelho Manço acabava de enfiar na cabeça a ultima peça da armadura, a historica carapuça encarnada.

— Estás prompto? hein?!

— Promptissimo.

Os dois academicos sahiram. Deus os leve em boa hora.

Para lhe irmos no encalço convem seguil-os já. Venha, pois, commigo o curioso leitor. A noute está escura como uma *verruma*; não se vê quasi nada: temos, portanto, necessidade de marchar com cautela, para não tropeçarmos 'nalguma pedra, ou encalharmos 'nalguma poça d'agua e lama, onde, alem de nos enchermos de chocas, podemos cahir e amarrotar os narizes.

Parece-me ouvir a mais de um leitor:— E esta! para saber a historia do Rancho da Carqueja não vale a pena andar sempre na pista aos estudantes. Têm razão, os leitores; eu me encarrego de lhes narrar tudo, sem que seja preciso expol-os a alguma quéda por essas ruas escabrosas de Coimbra. Attendam, pois, aó que passo a contar-vos.

Os dous estudantes subiram a couraça dos Apostolos; e logo que bateram, por um modo especial, á porta de Gonsalves Lobo, esta abriu-se-lhes. Os dous subiram.

Ao cimo do primeiro lanço de escadas havia um corredor estreito e curto, e na extremidade d'elle, uma pequena sala. Entraram alli os Carquejeiros.

Para que o leitor faça uma ideia bem exacta d'esta casa, e do que 'nella se passar, convém des-

crever-lh'a miudamente, sem, comtudo, o enfatizar.

Tinha dous andares a casa, e duas entradas tambem. Uma pela Couraça propriamente, e outra pela chamada hoje rua do Museu. Esta, dentro da porta que dava para a rua, tinha um pequeno pateo quadrado; depois, nova porta em frente da primeira, e uma escada que conduzia á mesma pequena sala, onde entraram os estudantes.

A saleta era quadrilonga: tinha o tecto trabalhoso, com seus arabescos antigos, e no meio, uma especie de pinha de madeira, bem acabada e pendente. Além da porta por onde entraram 'nella Silva Pescada e Coelho Manço, só recebia luz por duas janellas que diziam para a amena e fresca matta, ou cêrca dos Jesuitas.

Guarnecida em volta com bancos de madeira, toscamente feitos, a sala apresentava seus ares de tribunal, ou de escola de primeiras letras.

E o que mais lhe imprimia tal feição, era uma cadeira magistral, no topo da sala, e uma mesa de pinho, pintada d'azul, collocada no centro, com uma cadeira ao pé, e um tinteiro em cima.

Quando os dous entraram, apenas uma escassa luz a lumiava. Eram dous candieiros de lata, pregados na parede, ao pé da cadeira grande.

Coelho Manço e Silva Pescada, depois de habi-

tuarem a vista á penumbra da sala, observaram
'nella o seguinte:

Sentados nos bancos, viram obra de trinta vul-
tos de academicos, mascarados todos, mas conver-
sando, a meia voz. Na cadeira grande estava tam-
bem um academico, como os demais, disfarçado;
è na de pinho, ao pé da meza, via-se um ou-
tro, novo ainda, mas sem mascara. — Para que
todos alli estavam, veja o leitor o seguinte capi-
tulo.



The first part of the paper is devoted to a general
 introduction of the subject. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.
 The second part of the paper is devoted to a
 detailed study of the special case. It is shown
 that the theory of the present paper is a special
 case of the more general theory of the preceding
 paper.

The third part of the paper is devoted to a
 study of the special case. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.
 The fourth part of the paper is devoted to a
 study of the special case. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.

The fifth part of the paper is devoted to a
 study of the special case. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.
 The sixth part of the paper is devoted to a
 study of the special case. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.

The seventh part of the paper is devoted to a
 study of the special case. It is shown that the
 theory of the present paper is a special case of
 the more general theory of the preceding paper.

III

PALLAS E BELLONA

Os costumes academicos têm tido em Coimbra um certo cunho de originalidade.

É immemorial o tempo em que deram principio em Coimbra as caçoadas, ou *troças* feitas aos novatos, vulgarmente chamados *caloiros*.

Sendo nos principios apenas o tributo da *patente*, que o novato pagava para almoços, ou merendas, foi, com o andar dos tempos, crescendo esse tributo. Já não era só o tributo pecuniario; o caloiro tinha de ser apupado, caçoado, graduado.

Se algum havia que se negava ao cumprimento religioso d'aquelles costumes e praxes academicas, esse lavrava, com recusa, a sentença condemnatoria que o obrigava a provações mais sérias e tremendas.

E assim, o *grau*, com a prévia tonsura, a *defeza das theses*, e peor que tudo, a prova do *esquife*, eram trabalhos a que se não eximia nenhum; era a forca caudina de todo o novato valentão e desobediente.

Occasiões havia em que exorbitavam os executores d'alta caçoada. O excesso é sempre mau; mas, quando em termos razoaveis eram feitas estas brincadeiras, o resultado era sempre proficuo para o estudante inexperiente; porque, além do paciente antever no horizonte do seu viver academico o direito, ou licença para poder caçoar tambem, e, para lá chegar, haver necessidade de considerar a caçoada como um estímulo bemfazejo, elle não podia, ou devia sahir de casa, para evitar a occasião, e, portanto, as troças; d'onde vinha, que o caloiro se applicava mais, e, consequentemente, em menos tempo aprendia os preparatorios.

Isto sabido, vejâmos agora para que se tinham reunido os trinta academicos em casa do padre Vicente Gonsalves Lobo.

Era, nem mais nem menos, para obrigarem um caloiro a defender theses.

Quando entraram os dous Carquejeiros Coelho Manço e Silva Pescada, a conversação a meia voz suspendeu-se; e, a um signal do academico da cadeira grande, todos se levantaram. Os dous to-

maram assento nos bancos, e, a outro signal do que parecia chefe, um estudante que mais perto se achava da porta, fechou-a e foi levar a chave ao da cadeira grande.

Outro estudante accendeu em seguida mais candieiros, e sem mais ceremonias, a funcção começou.

— Senhores! disse o da cadeira magistral, a reluctancia de um mancebo inexperiente e fogoso, e a obrigação que temos de dar cumprimento a nossos estatutos. e horas folgazãs a nosso espirito, são as molas que nos impelliram a fazer esta reunião.

O mancebo que alem vêdes, e apontava para o caloiro da cadeira de pau, desobedeceu á voz auctorizada de um de nossos irmãos, portanto:

Attendendo á falta de reflexão com que obrou;

Attendendo a ser um moço de boas feições e apparencias;

E attendendo a que o culpado mostra todos os desejos de entrar para a nossa sociedade, hei por bem e conveniente que elle apenas defenda as theses, que lhe vou dictar.

Sentaram-se todos, a exemplo do chefe.

— Escreva, continuou o sujeito da cadeira grande, escreva seor caloiro as theses seguintes:

I

Perfecta utilisque burrimalis raça?

II

Cur sini badalum abent? (1)

— Defenderá sómente estas theses, continuou o chefe, por obsequio especial, e poderá escolher para campo de sua defeza qualquer dos lados das mesmas theses.

Depois, voltando-se para a direita da sala, chamou: — o sr. Aristippo; o sr. Aristoteles; o sr. Anaxagoras. Nomeio estes senhores para arguentes do illustre candidato.

Sahiram, em seguida, tres mascarados e foram collocar-se á direita do que parecia mandar em todos.

O maioral sentou-se, e os demais imitaram-no.

— Vamos, *seor* caloiro, proseguiu aquella especie de reitor Universitario, qual dos lados escolhe para si, na primeira these?

O caloiro decidiu-se pela affirmativa. Immediatamente o estudante Aristippo começou de combater a these:

(1)

É perfeita e util a raça asinina?

II

Qual o motivo porque os sinos têm badalo?

— O illustre caloiro, a quem por sorte me coube argumentar na these sobre a perfeição e utilidade da raça asinina, é um moço d'alta intelligencia e de recursos variados; por isso já conto com uma brilhante impugnação a meus argumentos. Começemos, pois.

— Na mais desviada antiguidade, a parte historica da sua these é um cahos de incertezas. Quando por culpa dos homens o Senhor mandou á terra o diluvio, sabe muito bem o nobre candidato, que o velho Noé construiu por aviso celeste uma arca, ou barca em que recolheu um casal de toda a bicharia; de todas as especies, diz o Genesis no Cap. VI, versiculos 13, 14, 15 até 22; e que, depois de abaterem as aguas, Noé mandou um corvo, assim como para pescar nas aguas turvas; sabe que o corvo não voltou, e que, só quando pela segunda vez enviou a pomba, é que obteve, como primicias de terra firme e de novo mundo, o raminho de oliveira.

— Agora deduzo eu: em lugar do corvo e da pomba porque não mandou Noé o burro á descoberta? porque o não tinha lá. Pois que se o tivera, sendo elle um animal tão util, perfeito, como diz a these, e corpulento, e, portanto, possante, de certo o mandára em vez de fracos entes como o corvo e a pomba.

Mas, objectará o meu illustre antagonista, se

Noé mandasse o burro, o burro não voltaria como aconteceu ao corvo; porque não tendo azas para voar, a sua morte era certa, o trambulhão seria inevitavel.

A esta observação respondo eu já: — o illustre candidato sabe muito bem, que assim como um cavallo do Helicon voava até ás planuras, assim o burro póde voar, como elle, das planuras até ao Helicon.

Por consequencia, depois dos versiculos citados, a existencia do burro é duvidosa, e, por tanto, a sua perfeição e utilidade.

Mas, admittida a *sua* existencia, eu direi:—ha nada mais desairoso, mais nojento e repugnante do que um burro?

— Não ha. Aquella tromba, ou melhor, focinho mal acabado e tosco, aquellas orelhas, aquellas orelhas! veja que elegancia negatival aquelle rabo, aquelle pello, tudo no burro é desgraçado e feio.

— Utilidade? que utilidade póde offerecer ao homem aquelle conjuncto de imperfeições? Se o montâmos, serve para nos encostar ás silveiras com a mais estúpida teima; se o esporeâmos cahe trezentas vezes, fazendo-nos cahir outras tantas, e ficando elle algumas em cima de nós; em fim, não serve para cousa alguma util.

O tempo está acabado, espero, portanto ouvíl-o.

Ainda tomarei a palavra se alguma coisa se me offerecer ponderar.

O caloiro concertou-se na cadeira, e principiou de responder :

— É de um extremo refutar a argumentação de vossa Mercê...

— Diga Senhoria, *seor* caloiro, que já se usa ha muito tempo, atalhou o academico da cadeira grande.

— E' de um extremo refutar, continuou o caloiro, toda a argumentação de V. S.^a. Senão, vejâmos :

As citações dos versiculos do Genesis, feitas para provar a não existencia do burro nos primitivos tempos, não têm força alguma; não colhem nada. Eu demonstro :

Quando Deus disse a Noé que entrasse 'naquella arca que lhe havia mandado construir, recommendou-lhe que recolhesse um par de cada especie d'animaes : — «Farás tambem entrar na arca dous animaes de cada espece, machos e femeas, para que vivam contigo.» Genesis, no mesmo cap. VI, vers. 19.

Ora, se Deus disse e recommendou, um par de cada especie, claro está, e é obvio que um d'esses pares devia ser o burro e a burra. D'onde vem que a existencia d'elle era real, realissima; pois é certo que havendo creado o Senhor toda a bicharia no

sexto dia da criação, e não constando dos livros sagrados, ou dos profanos uma nova criação, é fóra de toda a duvida, que, quando sôbre o Ararath pousou a arca, o burro devia sahir promiscuamente com o gato, o porco, o macaco, etc. Logo, a existencia do burro não é ficticia, é verdadeira. Ha burros desde o comêço do mundo.

A segunda parte do sua argumentação negou a perfeição do burro.

Se, por exemplo, compararmos o burro com o homem, de certo que o achâmos imperfeito; mas, se o relacionarmos com os mais feios da criação, como o urso, ou o tapirete do Brazil, então hemos de o considerar perfectissimo.

Aquellas orelhas são magnificos leques contra as moscas, (quem me dera umas assim!); aquelle rabo, penacho de finos pellos, tem, para a rectaguarda do bicho, o mesmo emprego que as orelhas para a frente; aquelle pello, todo aquelle pello é um famoso e quente vestido contra o rigor e contra a intemperie das estações; emfim, tudo 'nelle é preciso, e, consequentemente, perfeito. Negar a perfeição da raça asinina é negar a providencia do Creador, é negar até o proprio Deus.

Falta-me apenas responder ás objecções contra a utilidade do animal.

Este campo é o mais vasto e rico de razões. Refutarei primeiramente as razões que apresentou

para lhe negar a utilidade. Disse V. S.^a que, se o montâmos (ao animal), nos encosta ás silveiras com a mais estúpida teima; assim sohe acontecer. Mas, que fim tem o burro em vista? Tem o de se desviar a si, e a quem o montar, dos raios solares ardentíssimos, para o pôr ao abrigo da sombra das silveiras, e mais arvores que bordam as estradas. Ergo, 'nesta parte, o burro é útil.

Se o esporeâmos faz-nos cahir, disse V. S.^a; que muito, se o pobre animal esporeado, se livrar da carga que o incommoda? Eu quizera que V. S.^a estivesse em logar d'elle, para ver o que faria a quem...

— Entre na ordem! troou a voz do vulto da cadeira grande.

— Perdão, disse o caloiro; isto é mera hypothese, e nada mais.

Como ia dizendo, continuou o caloiro, se o burro expelle e deita fóra a carga que o incommoda, obra com juizo, e nunca se poderá, com justiça, dizer que o burro, por isto, é inútil.

Quanto a ficar o burro por cima do cavalleiro algumas vezes, direi unicamente que são essas cousas os percalços do officio. A ponto me vem uma passagem de Ovidio, nos *Fastos*. O velho Sileno montava um burro. Vejâmos se posso citar de memoria:

Ut Satyri, levisque senex, tetigere saporem,

Querebant flavos per nemus omne favos,
Audit in exesa stridorem examinis ulmo,
Adspicit et ceras, dissimulatque, senex.
Utque piger pandi tergo residebat aselli,
Applicat hunc ulmo, corticibusque cavis.
Constitit ipse super ramoso stipite nixus;
Atque avide trunco condita mella petit.
Millia crabronum coeunt; et vertice nudo,
Spicula defigunt, oraque summa notant.
Ille cadit praeceps, et calce feritur aselli;
Inclamatque suos, auxiliumque rogat.

D'esta bella passagem se deduz a verdade da minha asserção. Se Sileno não fosse sobre o burro afuroar a melgueira, certo, que nem seria mordido, nem levaria couces do burro, como elle mordido das abelhas.

Mas, terminando com este incidente a defeza da these, contra os ataques do meu sabio arguente, direi mais em favor d'ella :

A jumenta de Balaam é uma das mais antigas noticias que temos do animal burro, ou burra. Foi por meio d'esta burra, a quem Deus concedeu a falla, que o Senhor começou o castigo do desobediente Balaam, quando, contra a vontade divina, elle se ia caminho do palacio do rei dos Moabitas, para amaldiçoar todo Israel.

Chronologicamente temos depois a burra em que a Virgem partiu para Belem, com seu amado

Filho, obedecendo ao decreto de Augusto, que mandava registrar os Judeus na terra de seu patrimonio.

Não fallando no illustre Pegaso, já mencionado por V. S.^a; lembrarei, comtudo, a famosa récua de burros, que fizeram as delicias de Mafoma, quando este famoso impostor era ainda arrieiro.

E' vastissima a historia burrical. Além d'essas citações de memoria, quantos burros haverá notaveis ainda, e quantos terão passado despercebidos por sobre a terra?

Aqui mesmo, que de burros não haverá?

— Explique-se, *seor* caloiro, bradou o sujeito da cadeira magistral.

— Quando digo aqui, quero dizer Coimbra, respondeu o orador. E proseguiu:

Para não enfastiar, encarecendo por mais tempo as qualidades asininas, terminarei com estas considerações, ou interrogações, que a mim faço: Quem havia de dar leite aos phtysicos, se não houvessem burras? Quem os levaria a passeio se não existisse semelhante animal? Quem geraria a possante e prestadia mulla, se não fôra o burro? Quem puxaria aos alcatruzes de uma nora? Quem... basta de perguntas.

Se o que expendi é exacto, como penso, o burro é um animal prestadio e muitissimo util.

— Muito bem, visto que tão galhardamente se

houve na defeza da primeira these, disse o chefe, e certo do modo brilhante como defenderia a outra, dispenso-o d'esse trabalho, para passarmos á cerimonia do juramento.

Em seguida ergueu-se, veio ao meio da sala, abriu a gaveta da meza que estava diante do caloiro, tirou d'ella um livro, e disse, fallando para o adepto:

— Ao juramento que eu lhe dictar, basta que responda — eu o juro.

O estudante poz a mão sobre o livro—sobre os estatutos da sociedade—e o homem da cadeira magistral formulou o juramento: — Jura cumprir cegamente, sem observações, sem replicas, quaesquer resoluções da nossa sociedade, embora essas determinações possam ferir interesses de familia? Embora possam ir de encontro aos laços do sangue?

— Eu o juro, respondeu o caloiro.

— Optimamente, continuou o maioral; agora venha de lá o abraço fraternal. E Francisco Jorge Ayres, que tal era o da cadeira grande, tirando a mascara, continuou: abraça Francisco Jorge Ayres, o seu mais dedicado amigo.

— Agora, para terminar esta sessão do nosso Rancho, diga o seu nome e vá abraçar seus novos e terriveis irmãos.

— Eu sou José Antonio d'Azevedo.

Em seguida o novo Carquejeiro começou de

abraçar todos os mascarados, que, na occasião do abraço, iam dizendo seus nomes e descobrindo o rosto.

Quando terminou o ultimo abraço, Francisco Jorge Ayres alçou a voz e disse: — Viva o Rancho da Carqueja!

— Viva! Responderam todos.

— Viva o sagrado divertimento!

— Viva! Repetiram os mais.

Silva Pescada começou a afinar a banza.

O recém-carquejeiro fallava com todos, ria com todos.

Reinava a alegria no Rancho.

— Ordem! Bradou Francisco Jorge Ayres. Tudo se calou.

— Amigos! Ao Arco da Traição! Se algum ha entre vós que não possa acompanhar-nos, póde-se julgar dispensado, que para isso lhe dou licença. Precisamos lavar a nodoa que o petulante futrica lançou no Gonsalves Lobo, com dois bofetões, que lhe deu; por tanto ao Arco da Traição!

— Ao Arco da Traição! Gritaram todos.

E Silva Pescada, que tinha a viola afinada começou a tocar e a cantar:

Se acaso vires, Moreira,
Que o mundo de ti murmura,
Por louvar a formosura,
D'uma dama ou d'uma freira,

Sem criminal pensamento,
Tem soffrimento :

Mas se em tuas acções boas
Põem demasias ou mingoas,
Não se te dê das más linguas
Nem de calumnias te doas,
Mas com socego profundo
Caga no mundo.

Se o frade é grave e prudente
Modesto, casto, e sisudo;
Se se occupa em douto estudo,
Se no pulpito é frequente,
No altar, no côro, no templo,
Serve d'exemplo :

Mas se o vires pelas ruas
Passeiario vagabundo,
Tractar das cousas do mundo,
Entrar em casas commuas
Ultrajando a castidade,
Caga no frade.

Se freira sisuda e bella
Só no côro canta e toca,
Se acaso almofada e roca
Lhe occupa o tempo na cella,
Sem que amor entre em seu peito,
Tem-lhe respeito :

Mas se cheia de vaidade,
Profanas modas lhe ouvires,
Ou no mirante ou na grade

Toda alegre e lisongeira,
C... na freira.

Se na desgraça inclemente,
Ou na fortuna inconstante,
Teu amigo sempre amante
Se segue sabio e prudente,
E se te empresta o seu ouro,
É um thesouro:

Mas se foge na desgraça,
Se se aparta na inclemencia,
Se te maltracta na ausencia,
Se volta o rosto na praça,
Por não passeiar contigo,
C... no amigo.

E o Rancho ia sahindo da casa de Gonsalves Lobo.

Dava meia noute o relógio de Sancta Cruz.
Quando o Padre Vicente Gonsalves Lobo, depois de haver descido a escada e atravessado o pateo, mettia a chave na fechadura, ouviu-se um tropel, que vinha da Couraça; e que, passando pela porta de Gonsalves Lobo, se ia perdendo ao longo da rua do Museu. Gonçalves Lobo parou, e, a meia voz, impoz silencio:

— Caluda!

Silenciosos ficaram todos.

Teriam decorrido tres minutos, quando se ouviu

um assobio agudo e um pouco prolongado, que parecia ser dado na matta dos Jesuitas, e que sobresaltou todos os do Rancho, por ser d'elle conhecido.

Gonsalves Lobo e Francisco Jorge Ayres, que lhe estava ao pé, disseram aos do Rancho, que ficassem alli um instante, em quanto elles iam observar a matta e ver se alguma novidade havia.

E foram.

— Querem-nos apanhar; estamos arranjados... disse Carneiro dos Sanctos, o mais timido e acanhado de todos.

— Qual! respondeu Silva Pescada, aquelle assobio é do Rancho; na reunião faltava o Paim; o Paim namora a Josepha, costureira, do Terreiro da Pella; ergo, o Paim foi apanhado pela ronda, talvez a escalar-lhe alguma janella, e fugiu para não ir á cadeia. E' o que deve ser.

— Nada; temo alguma traição, disse Coelho Manço.

— Qual traição! respondeu o Pescada. E continuaram a nadar em conjecturas.

Deixemol-os a braços com hypotheses, e vejâmos no entretanto, se Gonsalves Lobo e Jorge Ayres descobrem alguma cousa.

Quando estes chegaram a uma janella pequena que dava para a cêrca dos Jesuitas, ainda ouviram os ultimos sons do assobio.

Como a pequenez da janella não consentia que ambos se debruçassem 'nella, Gonsalves Lobo deitou a cabeça e escutou.

Apenas o silencio e a escuridão! As copas das arvores, algumas das quaes beijavam quasi a pequena janella, murmuravam brandamente. Piava um mocho lá em baixo, batia meia hora para a uma o relógio de Sancta Cruz, o mais, profundo silencio, trevas cerradas!

Gonsalves Lobo, depois de observar algum tempo, retirou-se para dentro, e disse a Jorge Ayres que visse se descortinava alguém.

Jorge Ayres deitou meio corpo fóra da janellita, e poz-se a escutar.

— O assobio foi dado por um dos nossos, disse de dentro Gonsalves Lobo. Já me lembrei do Roque. Anda doudo com a Josepha...

— Cala-te de pressa! interrompeu rapidamente Jorge Ayres. Ouço alguma cousa.

De facto, lá em baixo, no fundo das arvores ouvia-se um rumor leve, como de quem vinha correndo ainda ao longe. O ruido approximava-se, e Jorge Ayres percebeu effectivamente que alguém corria para o lado em que se achava. Attentou muito, e disse para dentro: — é gente e vem para aqui.

Instantes depois, erguia-se uma voz por baixo da janella: — Ó Lobo!

Quem procura o Lobo? respondeu, perguntando, Jorge Ayres que não conhecêra a voz.

— Sou eu, o Paim.

— Então, o que quer dizer isso? Tu por ahí?

— Quer dizer que é preciso já, já, que me lances por essa janella, a escada *celestial*. Perseguem-me os verdeaes, em numero de seis, e, se não lanças immediatamente a escada, agarram-me os velhacos.

— Ahi vae já.

Em quanto Lobo correu a procurar a escada, Ayres perguntou a Paim:

— Porque te perseguem esses patifes?

— Logo t'ó digo. Agora a escada, a escada; que já me parece ouvil-os na matta, respondeu com voz um pouco suffocada e tartamudeante, Roque Monteiro Paim.

Gonsalves Lobo chegára 'naquelle instante com a escada, a que os do Rancho chamavam escada *celestial*. Ayres tomou-a e disse para baixo:

— Ahi vae. E lançando-a, ficou presa em cima com dous ganchos de ferro.

Por fatalidade era curta; pouco mais orçava do do que ahi pelo meio da distancia que havia do terreno da matta á janella. Impossivel se tornava, por tanto, a subida por alli.

Más, que fazer? Os momentos eram preciosos; o tempourgia.

— Não chega abaixo, disse desesperadamente Paim. E parece-me que sinto passos... Os marotos agarram-me...

Francisco Jorge Ayres, que nos momentos criticos e de maior apuro, era como as mulheres, no feliz lembrar dos meios, no desatar instantaneo de qualquer *gordio* que lhe apparecesse, diz de repente para Paim :

— Sobe a essa arvore; não percas tempo. Sobe até encontrares a escada, depois vem por ella, aproveita-a.

Este plano, rapidamente concebido e velozmente executado por Monteiro Paim, não era mau, mas tinha o defeito de ser como a fructa colhida antes de sazoadada.

Como a Levino, que julgando vencer o exercito de Pyrrho, só com a bravura e virtudes de seus romanos, não contou com os elefantes dos epirotas, que fizeram pender o fiel da balança para seu lado, com o susto que causaram nos contrarios, que nunca os tinham visto, assim Jorge Ayres, que não se lembrára da distancia que havia entre a parede e a arvore a que subira Paim, conheceu que não tinha calculado bem, e que essa distancia era para elles, academicos, o que para os romanos foram os elefantes.

A escada ainda se podia fazer chegar á mão de Paim, por um impulso, ou movimento proprio

que Jorge Ayres lhe imprimisse; mas, como subir por ella? Se Paim se lhe agarrasse, a escada sôlta, e curva como estava, procuraria rapidamente a sua verticalidade e chaparia o corpo de Paim na parede da casa de Gonsalves Lobo. O caso estava mau.

Nisto, ouviram-se passos. Paim que se julgou nas garras dos verdeaes, fez um esforço grande sobre si, empenhou as forças todas, agarrou-se á escada, horisontou as pernas, para irem adiante como batedores escaramuçar com o inimigo (com a parede), e entregou-se ao espaço...

A lembrança de mandar adiante os pés e pernas, foi magnifica. O desespêro pôde muito. A escada que mediu a distancia com o corpo de Paim, ia como um peñdulo grande de relógio, e teria estampado na parede o vulto de Paim, se as pernas, em posição gymnastica, não foram aparar a pancada, o embate da parede.

Feito, pois, com felicidade, este primeiro movimento ascensorio, Paim começou a subir a escada, e em breves instantes enfiava o corpo pela janella pequena da casa de Gonsalves Lobo.

Escapára aos verdeaes.

Vejâmos agora o que terá succedido no pateo da casa onde ficaram os do Rancho.

O ruido de passos que a Paim pareceu serem dados na matta, o haviam sido na rua, hoje do Museu.

Em quanto Coelho Manço, Silva Pescada, Carneiro dos Santos e os mais, conjecturavam sobre o que seria a origem do assobio, a ronda dos verdeaes, que perdêra de vista Monteiro Paim, voltára para o lado da Couraça; e, ao passar juncto da porta da casa de Gonsalves Lobo, ouvira a conversa, e suspeitára de que no pateo d'onde as vozes sabiam havia alguém que convinha vigiar, por isso que se calaram, quando elles verdeaes se approximaram.

— Silencio! disse na rua uma voz.

— Parece-me que achámos o covil. Um desappareceu-nos alem; aqui ha homens escondidos. Observemos.

E o sугейto que assim fallára dava ordem para se subir ao muro.

Foi neste instante que Jorge Ayres e Gonsalves Lobo, acompanhados de Roque Monteiro Paim, assomaram á porta que dava para o pateo.

— Estão á porta os verdeaes, e dispõem-se a escalar o muro, disse Silva Pescada para Jorge Ayres.

— Essa é boa! respondeu Ayres; pois então tomemos a defensiva.

— Nada! disse Gonsalves Lobo, tomemos antes a offensiva; a elles, e já!

— Seja: tornou Ayres. Vão alguns de vossês pela Couraça e tapem a rua, que nós os enxotaremos por este lado.

O padre Vicente Gonsalves Lobo, á frente de um grupo, subiu a escada, e, em pouco tempo, abria a porta da casa que dava para a Couraça, e sahia com os seus bravos, que tomaram posições.

Jorge Ayres deu tempo a que os outros chegassem á Couraça, e abriu de mansinho a porta.

Em frente, e cingido quasi com a porta, estava um verdeal corpulento, em pé; e, sobre elle, um outro tentava deitar a cabeça para observar o que se passava dentro. Francisco Jorge Ayres mette os hombros áquelle vulto, leva-o adiante e dá um as-sobio. O verdeal que estava em pé nos hombros do corpulento, porque lhe faltasse rapidamente o apoio, deu com o costado no chão. E tão infeliz foi, que no momento da quêda teve de ser capacho dos estudantes! Os que vinham sahindo do pateo passavam-lhe por cima; e, porque viam um homem deitado, e porque seria uma cobardia dar 'num homem em tal posição, contentavam-se em lhe assentar uma palmada no roliço dorso, e passar ávante.

O verdeal barafustava no chão, sem encontrar lugar de se poder erguer, e a pancadaria começára.

Foi tão inesperada esta aggressão, que os pobres verdeaes pouco mais tempo tiveram do que para arrancar as tarascas ferrugentas.

Do valor triumphou o numero: os estudantes venceram, sem custo, os verdeaes, que 'naquelle tempo mesmo eram quasi todos velhos e achacosos.

Não foi sanguinolento o combate.

Quem ficou mais maltractado foi o verdeal, que passou pelo jugo dos estudantes, ou, melhor, o jugo por elle, e o lorpa do conservador, que commandava a força, e que não aproveitára com a lição da manhã. Deixando-se desarmar, ficou sem um dedo da mão direita, que a sua boa lamina de Toledo ou de Damasco, lhe deixou sómente preso por um musculo, tendão, ou nervo.

Como despojos do combate, ou do inimigo, os estudantes ficaram com seis espadas de mais; os verdeaes com algumas taponas e o conservador com um dedo de menos.

Os verdeaes desapareceram ao longo da rua; ficaram os estudantes.

— O que é certo é que nós temos de mudar de casa, disse Coelho Manço para um grupo que o rodeava.

— Não será preciso, respondeu Gonsalves Lobo. Elles não suppõem que um padre se intrometta 'nestas cousas; e depois, de noute todos os gatos são pardos. O conservador não nos conhece.

— Isso não vale nada. Ao que interessa: tencionavamos ir esta noute ao Arco da Traição; como, porém, aqui mesmo tivemos uma victoria como lá podíamos alcançar, termine por hoje o nosso movimento, e vamos repousar todos á sombra não, porque não faz sol, mas sobre os louros colhidos

no combate entre Minerva e os môchos, — disse a final, Francisco Jorge Ayres.

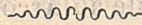
A sua voz auctorisada foi obedecida. Os estudantes começaram a debandar em grupos, e só ficaram, á porta do Lobo, este, o Paim, e Jorge Ayres.

— Conta agora o motivo por que vinhas fugindo, disse Ayres para Monteiro Paim.

— Conto, respondeu Paim. A causa é simples. Vossês sabem que eu gosto muito da costureira do Terreiro da Pella (Gonsalves Lobo sorria-se); pois bem, pouco mais haverá de hora e meia, dispuinha-me a entrar-lhe em casa; subia uma escada, e, por um és não és, estava a penetrar 'nella, quando o diabo da ronda me bispou e correu sobre mim. Tive de fugir. Aqui está o caso.

— Já me tinha lembrado d'isso mesmo, disse o Lobo.

— O que se não fez em dia de Sancta Maria, far-se-ha no outro dia, disse Jorge Ayres.



de aquelle de muito tempo para todos os habitantes de Coimbra.

E mais tarde, Entramos naquelle casa grande que ainda hoje se vê na rua do Correio com o n.º 6, e escuria **IV** o becco ou ramo do Becco da Carqueja.

Entramos nella pela porta do becco. Sigam-se

O BAPTISMO DE UM ALFAIATE

dos do Rancho.

A escuria, entre comigo numa sala grande Proximo do antigo e venerando templo de N. S. da Assumpção — a Sé Velha — cujas paredes denegridas pelo halito destruidor do tempo, assistiram, segundo uns, á fundação da monarchia, sem terem maior antiguidade; e segundo outros, ergueu-as alli a raça islamita, depois de 714 da nossa era; isto é, da invasão arabe, ainda hoje existe, e já existia em 1720 o Becco da Carqueja, que fica quasi fronteiro ao templo, e que, bifurcando' numa extremidade, vae dar á rua do Correio, ou de S. Christovam, e manda outro ramo para cima, para a rua da Ilha, Grillos, etc.

Neste becco é que iremos encontrar agora os nossos estudantes.

São decorridos alguns dias depois que succederam os acontecimentos narrados no anterior capitulo.

É quinta feira, dia de sueto para os estudantes,

e aquelle de muito frio para todos os habitantes de Coimbra.

E' meia tarde. Entremos 'naquella casa grande, que ainda hoje faz frente para a rua do Correio com o n.º 6, e esquina para o becco, ou ramo do becco da Carqueja.

Entremos 'nella pela porta do becco. Siga-me o leitor, que se quizer orientar bem em todos os segredos do Rancho.

À esquerda, entre commigo 'numa sala grande. Esta sala é a das reuniões magnas do Rancho da Carqueja. Penetremos agora 'noutra, menor do que a primeira, mas sufficientemente grande e optima para quarto de habitação.

Deitado, ou recostado 'numa cama está um sujeito; perto d'elle, sentado 'numa cadeira, um outro: conversam ambos.

Antes de ouvirmos o que dizem os dous, observemos a casa e reparemos 'nelles.

O sujeito que está recostado na cama, cuja barra de pau, pintada d'azul, já foi moda academica em nossos dias, antes das barras, ou leitos de ferro, veste uma jaqueta de pelles de lontra, e tem a cabeça coberta com uma carapuça vermelha.

Terá de vinte a vinte e dous annos. Usa a barba cortada. Tem boas feições, insinuante aspecto, e agradaveis modos e palavras.

O outro, que está sentado na cadeira, representa

ter vinte e sete a vinte oito annos. Traja de capa e batina, e na cabeça traz uma gôrra preta.

— É homem sympathico.

— A casa pouco tem que notar. No meio do quarto tempera-lhe a atmospheria uma brazeira grande; ao pé do leito está uma meza e uma estante com alguns livros; alem mais, um armario; alguns tamborettes forrados de sola com lavores e chapas de metal, e um cabide, eis a mobilia d'esta casa.

— Falta-nos só conhecer os dous. Prestemos attenção a suas fallas, que talvez o consigâmos.

— Comtudo, eu julgo acertada a medida de não viver na casa, disse o da cadeira, para o da cama.

— Pois então, como o julgas conveniente, não vivas 'nella. Se queres, vem para aqui; a casa é grande e ha 'nella quartos devolutos, respondeu o que estava deitado.

— Pois, sim.

— Aceita. E... agora me lembra uma cousa: preciso eu d'essa casa, tornou o da cama.

— Para tu viveres?

— Não. Pois se tu a abandonas por causa da policia, claro está que pelo mesmo motivo não devo eu viver 'nella. Não deve viver lá nenhum dos nossos. Quero-a para a minha Maricas, respondeu ainda o do leito.

— Para a da Praça?

— Sim.

— Mas já lhe chamas tua? Explica-te.

— Eu te digo: Maria da Pureza é minha, porque me dá seu coração. Estimo-a, quero-lhe muito, amo-a como não amo outra. Aquelle coração é virgem, puro e bom. Já vês que a devo querer. Maria está resolvida a deixar a velha mãe, e a vir ser minha companhia, meu anjo consolador, minha mulher perante Deus e nossas almas. Filha de Cyrene, quer-me ajudar a levar cruz até ao cume da montanha. Devo, pois, abrir-lhe as portas de minha casa e as de meu peito.

— Conforme, respondeu o da cadeira de pau.

— Conforme? dizes tu, explana-te.

— Sim, tornou elle; eu me faço perceber. Que lhe consagres teus affectos, que lhe aceites o amor d'ella, acho eu natural e sancto. Mas que, tomando-a para casa, lances por esse modo a primeira pedra fundamental de um harem oriental, isso não, isso acho eu mau. Como consequencia forçosa e natural mesmo, podes haver filhos; d'ahi a necessidade de os crear, perfilhar, amar: e de tudo isto a precisão de casares com Maria da Pureza, fazendo assim um casamento desvantajoso. Olha, Ayres, sê como a borboleta; pousa nas flores que te agradarem; enebria-te no seu perfume, no aroma d'ellas, e passa ávante. Não deixes que algum visco te prenda as azas lindas.

Por esta resposta, do que estava na cadeira de

pau, se vê, que o casamento monetario já 'naquelle tempo era idolo que muitos adoravam, e a que muitos immolavam o sentir do coração.

— Essa doutrina é tua, e nem podia ser outra a de um homem que, a quatro ordens, a uma rapadella de cabeça, sacrificou liberdade, amor e vida. Um padre é um paria d' affectos, um sepulchro de sensações, que não receba passadas através de um filtro de gêlo.

Olha como tu pensas! Queres a mulher para que ella seja para o homem o que a flor é para a abelha ou para a borboleta. E onde queres tu achar, depois, a familia? Estás um bonito padre, disse, sorrindo-se, Jorge Ayres.

— Á solidez apparente de tua doutrina podia eu responder, se quizesse; mas, lembro-te sómente que a familia...

— Que talvez quizesse encontrar a familia abandonada nos valleiros e nos silvedos, interrompeu Jorge Ayres. Olha, deixemos essa questão, e diz-me: aceitas a lembrança de vires para aqui e de me cederes a casa da Couraça?

— Aceito.

— Pois então, vem quando quizeres.

— A casa só me é necessaria do natal por diante.

— Então...

— Então, interrompeu Jorge Ayres, queres saber tudo? Pois, sim. Maria não quer deixar a mãe, fu-

gindo-lhe ; mas quer vir para minha casa : portanto, na noute de natal, Maria vae com a mãe á missa do gallo a S. Bartholomeu; eu vou tambem; Maria faz-se perdida, ou roubada, e assim, vem commigo, sem mostrar á mãe que veio voluntariamente. Entendes?

— Entendo. Mas, agora me lembra ; não terá ella alguma affeição ao beneficiado de S. Bartholomeu, que ha tanto tempo lhe paira em volta?

— Qual, disse Ayres zangado, com a lembrança, ainda que fugitiva, de ter um rival ; — pobre d'ellé!

— Ó Ayres ! Ó Ayres ! ouviu-se 'neste momento na sala contigua.

— Entra, respondeu aquelle, que tinha conhecido a voz de Miguel Pereira Coelho Manço. Este abriu a porta e entrou.

— Adeus Lobo ; ó Ayres, salta d'ahi depressa ! chega á janella, corre !

Francisco Jorge Ayres saltou fóra da cama, embrulhou-se 'num cobertor d'ella e correu á janella, onde primeiro chegaram os dous.

— Conheces aquelle individuo que alem vem da parte da Sé Velha ? perguntou Coelho Manço a Jorge Ayres.

— Não, respondeu este.

— É o beneficiado de S. Bartholomeu, disse Coelho Manço.

— Olá ! E Jorge Ayres foi dentro, tomou uma

bacia d'agoa, correu á janella em occasião que o padre passava em baixo, e despejou-lh'a em cima, dizendo : *ego te baptiso*.

Os tres retiraram-se. O beneficiado, alagado, ergueu a cabeça, não viu ninguem, e foi-se murmurando imprecções, injurias e anáthemas.

O pobre diabo, que não esperava semelhante emboscada, em quanto avistou a casa traioeira, fez como a raposa da fabula: voltou amiudadas vezes o rosto, ao mais leve ruido que ouvia, na esperança de poder ver a côr ao inimigo; mas, qual? eram uvas que estavam verdes, e a que o padre não chegava.

Ao despedir-se da casa jurou, comtudo, nunca mais passar por semelhante rua, onde nem um sacerdote se respeitava. E mal pensava elle que aquelle baptismo era o preludio de sua paixão sem morte!

— Alagaste o homem, disse Coelho Manço.

— Foi para lhe acalmar a paixão, respondeu Jorge Ayres. Mas a proposito, não foste tu que lembraste a necessidade de lhe applicarmos um casti-guinho?

— Fui.

— E então?

— Hoje, logo se quizeres, podemos apanhal-o em certa parte, e...

— Está dito: fal-o-hemos entrar no caminho de que se transviou...

— Onde reuniremos?

— Aqui. As horas marca-as tu.

— Das onze á meia noute.

— Bem, passem avisos 'nesse sentido.

— Já não sabes antes d'essa hora? perguntou Gonsalves Lobo.

— Talvez. Se me parecer vou ver a minha Maricás.

— Até logo; disse, despedindo-se Coelho Manço.

— Espera, que te acompanho, disse Gonsalves Lobo. — Adeus, Ayres, até á noute.

— Adeus, amigos. Digam ao Paim, que não se esqueça da Josepha... e ao Silva Pescada, que não olvide a beata da rua da Mathematica.

— Pois sim, responderam os dous; e sahiram.

Deixemos Francisco Jorge Ayres, só, e sigamos os dous Carquejeiros, para conhecermos todos os movimentos d'esta sociedade.

A noute aproxima-se. Faz um frio de respeitar! O dia passou triste, e sem que um raio do sol o alumiasse. Vem perto a hora do crepusculo. O horizonte apresenta-se cintado de *cirrus* e de *stratus*. Devemos ter uma noute frigidissima, uma noute da Siberia!

Os dous academicos sobem pela rua das Covas; ao cimo, proximo do chafariz de S. João, param e conversam. Ouçamol-os.

— Vaes para casa? perguntou Coelho Manço a Gonsalves Lobo.

— Vou, se não tens necessidade de minha pessoa.

— Querendo tu, podíamos ir até casa do Paim.

— Prompto, respondeu o Lobo.

E subiram a rua de S. João, desceram até ao meio a de S. Pedro, e cortaram pela das Parreiras, á direita.

Ahí pelo meio da curta rua pararam, e Coelho Manço chamou: — Ó Paim?

— Sobe, respondeu aquelle.

Os dous subiram.

A casa de Roque Monteiro Paim não tem nada que se deva mencionar. E' uma casa mal construída, como são quasi todas em Coimbra. Sentados á uma meza estão com Paim, o Silva Pescada, o Coutinho, e o novo irmão, José Antonio d'Azevedo. Occupam-se na tavolagem, jogam o pacaú.

— Jogo! disse Vicente Gonsalves Lobo.

— Joga, respondeu, Paim, que talhava.

— Dous cruzados novos contra o rei, disse Coelho Manço.

— Jogo pela dama, gritou Gonsalves Lobo, pouzando na meza uma de doze.

— Perdeste, Coelho, clamou Paim.

— Não importa.

— Paga-me doze vintens, disse Gonsalves Lobo.

— Ah! tens, ganhaste, respondeu Paim. —

E o jôgo continuou. Coelho Manço que não jogou mais, chegou-se á janella.

— Ganhei! bradou Gonsalves Lobo.

— Se vens com tal fome, põe-te lá fóra, respondeu Paim. Por esse modo deixa-nos a pedir. —

— Ó Lobo! ó Lobo! disse de repente Coelho Manço, chega á janella.

O padre Vicente Gonsalves Lobo, correu ao chammamento.

— Alem vae o futrica que te deu.

Vamos a elle?

— Já! bradou Paim. E deixou o jôgo.

A noute começava a cerrar-se. Os estudantes sahiram; encaminharam-se para o lado do Arco da Traição, e lá se foram todos.

Quando chegaram á rua da Trindade ainda avistaram o futrica que, ao fundo da rua de S. Pedro, em vez de cortar para o bairro do Alemtejo, voltou sobre a esquerda para o Arco da Traição.

Os estudantes correram. O sujeito, que os ouviu, correu tambem; e, como tinha perto a casa, em menos d'um minuto entrava n'ella, e fechava a porta.

Esquecêra-lhe, comtudo, uma janella aberta, que dava para a rua, a rés do chão. Silva Pescada, Coelho Manço e Gonsalves Lobo precipitaram-se logo por ella dentro. Ao subirem o primeiro lanço

de escadas, ouviram fechar uma porta, em cima, e arrastar depois uma coisa pesada, que aos estudantes pareceu encostar-se á porta. Os tres, logo que chegaram ao ultimo degrau, encontraram effectivamente a porta fechada.

— A ella! gritou desesperado Coelho Manço.

E os tres, a um tempo, metteram hombros á porta, que sustentou o primeiro embate; mas não era sufficientemente forte para aparar por muito tempo as pancadas d'aquelle triplice ariete.

Á segunda pancada cedeu, voando em pedaços fechadura, couceira — tudo!

Dentro, encostada á porta, estava uma arca pesada. Arredou-se tambem, e os estudantes entraram. Viram a um canto, uma mulher velha deitada 'numa cama, e perto d'ella outra menos velha, pallida e de mãos postas. E no andar de cima ouviram passos de pessoa que fugia. Lá correram os tres. Quando chegaram, não viram ninguém; mas, no telhado, viram uma trapeira aberta. Tinha fugido por ella o futrica perseguido.

Coelho Manço desceu rapido ao primeiro andar, chegou a uma janella e disse para a rua, que postassem sentinellas do lado da rua do Borrvalho. E desceu tambem.

O pobre homem, acossado nos telhados por Gonsalves Lobo e por Silva Pescada, tentou fazer uma descida pelos muros de um pequeno quintal,

que ainda agora existe ao fundo da rua do Borrvalho; mas, ao saltar á rua, sentiu-se agarrado por José Antonio d'Azevedo e por Silva Coutinho.

O homem quiz gritar; mas, Silva Coutinho, já experimentado 'nestas lides, dando-lhe um valente murro, bradou-lhe: cala-te, bruto, ou te cravo um punhal no peito!

Esta fanfarronada lembrada e dicta adrede, produziu o effeito desejado. O futrica teve medo e calou-se. Entretanto reuniram-se todos os estudantes.

— Vamos! disse Paim. E foram todos.

Teriam dado meia duzia de passos, quando Silva Coutinho, encarando muito com o prisioneiro, exclamou, voltando-se para Coelho Manço: este é o contramestre do alfaiate da rua das Fangas!

— Olá! disse Coelho Manço, olá! Pois o amigo não contente com haver manchado a batina a Gonsalves Lobo, ainda se intrometteu na desordem da rua das Fangas! — Parem todos. Pararam.

— Agora, continuou Coelho Manço, salte-me já sobre este futrica, sr. Gonsalves Lobo.

Gonsalves Lobo não se fez rogar. De um salto se achou descarranchado no pescoço do contramestre João Peixoto.

E o grupo foi subindo pela rua do Borrvalho, e

desceu depois pela dos Loyos. Ao fundo d'esta rua quedaram todos.

— Alto! bradou Coelho Manço. Gonsalves Lobo que até alli tinha montado o pobre João Peixoto, desceu dos hombros d'elle.

Eram mais de oito horas, de uma fria noute sem luar. Os estudantes tinham parado defronte do chafariz.

— Ó Coelho! bradou Monteiro Paim, lancemos este diabo ao tanque?

— Boa ideia! acudiu Silva Pescada.

— Execute-se! disse Coelho Manço.

João Peixoto, o bellicoso da rua das Fangas, o heroico ajudante d'ordens de Mestre Jacob, tinha soffrido calado todo o tiroteio de remoques e offensas, e, sem se queixar, tinha, oh dor! exercido o mister de burro! Mas, ao ouvir aventar semelhante ideia, ao ouvir dizer que o queriam rebaptisar no chafariz, o medo deu-lhe por emprestimo um pouco de valor, e João Peixoto começando a distribuir murros nos que mais á mão lhe ficavam, principiou a gritar: — Aqui d'el-rei! Aqui verdeaes!

Que fez o misero?! Antes soffresse sem queixumes o mergulho, do que exasperasse assim os académicos!

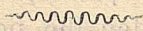
Agarrado á força, o miseravel do alfaiate foi mettido inteiro no tanque do chafariz, apesar do

seu estrebuxar, do seu barafustar. E cre-se que apanhou o seu bofetãozinho.

Logo que o colheram na agua, os estudantes deixaram-no a patinhar 'nella, e debandaram, porque ao Paço do Bispo descobriram a ronda dos verdeaes.

— Adeus! disse Gonsalves Lobo; vá cada um por seu lado. E assim se fez.

Quando a ronda chegou a cima, ao chafariz, achou João Peixoto a gritar, a chorar raivoso por se não poder vingar e por não poder sahir do tanque.



UM RAPTO FRUSTRADO

Em quanto os verdeaes ajudaram a sahir do tanque o pobre alfaiate, molhado, entanguido, e tiritando, vejâmos se Francisco Jorge Ayres está em casa, ou se tomou o expediente de ir visitar a sua Maria.

Depois que Gonsalves Lobo e Coelho Manço sahiram, Jorge Ayres vestiu-se; isto é, vestiu umas calças, calçou umas botas, accendeu um cachimbo magnifico que tinha, e sahio.

Francisco Jorge Ayres era dos poucos academicos que fumavam 'naquella época.

Desceu a rua de Quebra-costas, entrou na Calçada, desceu o becco de S. Thiago e foi Praça acima.

— Maria da Pureza já lá não estava no lugar em que vendia fructa. Tinha ido para casa.

Jorge Ayres zangou-se por não ter vindo mais cedo; e, depois de pensar um instante sobre o que faria, resolveu-se a ir passar á porta de Maria, para d'este modo a ver.

Desceu, portanto, a S. Bartholomeu, e á direita da rua que conduz á Sota, cortou por uma travessa, voltou sobre a esquerda e entrou no Romal.

Aquella casa que ainda hoje lá existe com a imagem de N. Senhora em azulejo, era a casa em que morava Maria da Pureza.

Francisco Jorge Ayres parou defronte da casa, na extremidade do largo, e olhou para lá. Quando assim parado estava, pareceu-lhe ouvir passos no becco dos Prazeres: voltou-se e ainda viu um vulto que dobrava o cotovelo do becco, e que se retirava.

Jorge Ayres reparou no vulto, notou aquella circumstancia de não querer passar por alli, por onde elle estava, uma pessoa que, evidentemente, vinha para o Romal, por isso que do Romal não sahira ella. Reflectiu um instante; e, apesar de se lembrar do beneficiado de S. Bartholomeu, não deu pêsco áquelle incidente e fitou de novo as janellas de Maria da Pureza.

Para que o leitor saiba já o que não sabia Jorge Ayres, dir-lhe-hei que o vulto que dobrára o becco e se voltára, quando deu com o estudante, já o seguia e lhe media os passos desde a Calçada. Agora

isto dicto, façâmos, eu e o leitor, como Jorge Ayres que não pensou mais em tal cousa para se approximar da casa de Maria.

Pouco havia que o academico lhe fitava as janellas quando a uma d'ellas assomou um vulto de mulher.

— Deus louvado, que o vejo! disse uma voz na janella.

— Ó minha linda, pois não tenho eu apparecido sempre? Não venho eu todos os dias esquecer-me aos raios vivificantes do lume de teus olhos?

— Vem. Eu é que sou muito exigente. As mulheres são assim; despoticas com seus amores. Depois, vem tão poucas vezes só!...

— Tens razão. Mas, a proposito: tua mãe está ahi?

— Não, mas não tarda.

— Feliz momento, minha formosa, para me acompanhares.

— Meu Deus! em que me falla?!

— Fallo-te na tua, na minha ventura, no bem estar d'ambos. Fallo-te no amor, no tributo que tens de lhe pagar; fallo-te na solitariedade de tua alma, na terra promettida do gôzo e da ventura!

O promettido é devido. Acompanhas-me?

— O promettido é devido, mas só na noute do natal, respondeu Maria, vacillante, como a mari-

posa adejando em volta da luz, como o passarinho que esvoaça á roda do laço traíçoero.

— Ó querida de meu peito! anticipa esse momento suspirado, vem!

— Mas, hei de fugir assim a minha mãe?

— Não o farias tu na noute de natal?

— Mas... ó meu Deus! meu Deus!

Jorge Ayres, aproveitando o estado de duvida do espirito de Maria, e, temendo que a mãe chegasse, continuou: — se me tens verdadeira affeição, Maria, cumpre tua palavra, dá-me a última prova do teu amor, para...

— Para? interrompeu Maria, anciosa.

— Para eu não supportor que são fingidas tuas fallas...

Maria era innocente ainda; não conhecia estes laços, estas sancadilhas que os homens levantam ás timidas donzellas; e a nobreza de seu coração não supportava offensas de tal ordem. Duvidarem do seu amor? De um amor puro como o primeiro aroma que exhala a rosa, como a primeira lagrima que chora a manhã? Era muito. Esquecendo tudo 'num momento, com uma anciedade extrema, Pureza disse para Jorge Ayres:

— Eu vou contigo, sr. Ayres.

— Desce á terra, anjo do Senhor! vem depressa!

E Maria da Pureza, com toda a dignidade de

uma mulher casta e nobre, desceu a escada, abriu a porta e lançou-se nos braços do estudante, que a apertou contra o peito, e lhe cobriu de beijos amorosissimos os lindos olhos.

Um vulto apparecia 'neste momento á bocca do becco dos Prazeres.

Francisco Jorge Ayres não deu por semelhante cousa; não via mais do que um rosto de mulher formosa, para elle mundo inteiro 'naquelle instante!

— Vamos! disse Jorge Ayres. Deu o braço a Maria e encaminhou-se para o becco dos Prazeres.

Jorge Ayres lembrou-se do vulto que vira, e, casualmente, olhou em volta; não viu pessoa alguma.

Ao entrar no becco, Jorge Ayres notou que alguém dirigia passos em opposição aos seus, e lembrou-se rapidamente do beneficiado de S. Bartholomeu.

A pessoa que vinha, adiantou-se grave, mediu a rua e estacou no centro d'ella.

Era evidente, por aquella paragem, que Jorge Ayres tinha alli alguém por sua causa.

— Quem se atreve a embargar-me os passos? bradou Ayres, com voz forte e firme.

— Quem póde, respondeu o vulto.

— Francisco Jorge Ayres, nunca encontrou obs-

taculo que não vencesse, inimigo que não sopeasse!

E Maria da Pureza tremia como vime novo, ou cana de canaveal batido pelo vento. Cingia com seus braços aquelle por quem abandonára o ente a quem mais devia na terra, aquella a quem tinha dado sempre o suavissimo nome de mãe, e supplicava, exorava a Jorge Ayres que não passasse por alli, que deixasse estar quem estava. Baldados pedidos! Jorge Ayres que viu nos receios e supplicas de Maria, outros tantos motivos para se exasperar, e desviar com a ponta do pé o empecilho que o incommodava, dá mais dous passos e brada:

— Ao lado!

— Nunca! em quanto te acompanhar essa mulher! respondeu o vulto.

Jorge Ayres, mancebo fogoso e irascível, não era homem que não fosse logo ao fim principal, para se occupar 'num inutil *diz tu, direi eu*. Leva a mão ao peito, arranca de um bom punhal, consegue desligar-se de Maria que o enlejava como hera, para só com a mão esquerda a tomar pelo braço, e grita allucinado:

— Para traz, e já!

'Nisto, uma visinha que ouvira a altercação no becco, por simples curiosidade de mulher, tomou uma candeia e veio á janella. A ponto veio! Francisco Jorge Ayres, arrastando quasi o corpo de

Maria, brandindo um punhal na direita, corrêra ao vulto que lhe vedava a passagem, e teria, talvez, com o sangue d'elle, lavrado as escripturas de suas nupcias... se não fôra aquella apparição.

A luz da candeia foi quem desarmou Jorge Ayres! Batendo de repente e de chapa no rosto do desconhecido, fez cahir o punhal da mão ao academico, fez-lhe largar a mão de Maria, ajoelhar aos pés do estranho, e exclamar:

— Meu pae!...

A este tempo ouvia-se no Romal um alvoroço e gritos afflictivos.

A luz apagou-se, e só se ouviu no becco o seguinte rápido dialogo:

— Filho, filho! que fazias?

— Acompanhava este anjo que me adora.

— Mas um rapto é um crime, e eu nunca...

— Não é crime; Maria não vem constrangida.

— Minha filha! Roubaram-me minha filha! ouvia-se no largo do Romal.

— Entrega a essa mãe inconsolavel a filha que lhe levas. Olha que ainda tens mãe!

O tumulto crescia no Romal, e algumas vozes lembravam já o Rancho da Carqueja, e não sei até se o nome de Jorge Ayres.

Este, em tão má conjunctura tomou um expediente; desviou-se do pae e disse ao ouvido de Maria:

— Volta para tua mãe; segue-me.

— Mas... estou perdida, deshonrada... murmurou Maria. E assim o hei de deixar?! E assim me entrega a minha mãe e á vergonha?!...

— Tem valor. Até logo!

E Francisco Jorge Ayres puxou sobre o rosto a carapuça, deu o braço a Maria, conduziu-a á porta da casa da mãe, deu-lhe um beijo na testa e repetiu-lhe: — Valor! Até logo.

Jorge Ayres voltou ao becco, e foi com seu pae.

Agora tinha eu necessidade de poder dividir o leitor, para o fazer assistir ao mesmo tempo á scena tumultuosa, e mesmo aviltante, que succedeu á entrada de Maria para casa da mãe, e á conversa e destino que levam Francisco Jorge Ayres e seu pae Francisco Jorge Ayres, capitão-mór da terra da Feira. Ouçâmos primeiramente o que vão dizendo o capitão-mór e seu filho.

— E aqui estou eu em Coimbra por tua causa?! Não festejavas mal a minha chegada!

— Por minha causa, diz o pae? Porém, não sei...

— Sabes, sabes! interrompeu o pae. Não passou ha muito o primeiro dia d'este mez.

— Mas, onde quer meu pae chegar, fallando-me no primeiro do mez?

— Deixemos inuteis desculpas, Francisco; na grande desordem da rua das Fangas, foste o pri-

meiro; tenho uma carta de um amigo que assim m'o conta, e diz que estás mettido 'num processo, que já começou uma devassa contra ti... Estás perdido, filho!

— Não ha devassa alguma, meu pae: 'nessa parte informaram-no mal.

— Mas na outra, não?...

— E' verdade que lá me achei; mas, o pae sabe quantas vezes paga o justo pelo peccador!..

— Então, estás innocente?

Francisco Jorge Ayres aborrecia a mentira; de modo que, a ideia de occultar a verdade a seu pae, era como uma tunica de Nessus que lhe comprimia o peito e o torturava até que fallasse verdade. Portanto, para não mentir á propria consciencia, Jorge Ayres respondeu ao pae que não era criminoso; que tinha entrado em certas brincadeiras com alguns amigos, mas que não havia commettido crimes por que podesse ser castigado.

Jorge Ayres pensava de um modo celebre a respeito d'algumas cousas.

O rapto de uma qualquer moça, não incriminava, a seus olhos; meia duzia de taponas que desse, não era motivo para devassas e castigos, se o individuo que as apanhava, de certo modo as havia desafiado e merecido, etc.

Com estas e outras desculpas foi acompanhando o pae até á Calçada.



O capitão-mór da terra da Feira era um bom homem e pae: acreditou as palavras do filho. Como que esquecendo tudo, voltou-se para elle, e lhe perguntou onde morava.

— No becco da Carqueja, respondeu o estudante; e accrescentou logo: o pae fica lá esta noute.

— Pois sim, respondeu o capitão-mór.

E subiram ao Arco d'Almedina, foram pela rua das Fangas, becco das Cruzes, rua de S. Christovam, becco da Carqueja e entraram em casa.

Deixemos estes dous, que ficam em bom lugar, e voltemos ao Romal.

— Olha a honradinha! quem tal houvera de dizer!

— As sonsas são todas assim...

— Bem dizia a thia Arruda que a mosca morta não se penteava para nenhum da sua egualha!

— O palmo de cara não lhe ha de durar muito; tambem eu já fui bonita, e agora...

Assim conversavam as bisbilhoteiras do Romal ácêrca de Maria da Pureza.

Que murmurem até rebentarem! O serviço que agora vou prestar ao leitor é narrar-lhe o que se passou na casa da sr.^a Francisca Bogalha, a illustre matrona mãe de Maria.

A principio julgou Francisca Bogalha que Maria teria fugido, e por isso berrou, bateu o pé, injuriou e até deu uns bofetões na linda Maria! Depois, esta,

conseguiu fazer crer á mãe que tinha sido roubada pelo estudante que a tornou a acompanhar; e bom foi isto, porque senão Maria tinha para peras. Além do eterno *zum-zum*, a sr.^a Francisca havia de manchar a formosa Maria com pancadas... que sei eu?!

A tempestade serenou; as regateiras calaram-se depois de muito mal dizer, e a mãe de Maria fez o mesmo. Esta, coitada! é que não podia socegar já. Votada a ir ser companheira de Jorge, mas insultada pela mãe, desacreditada pelas visinhas, e loucamente fascinada pelo amor do estudante, Maria não era mulher que podesse resistir á sorte, ao destino que a esperava.

Recolhendo-se ao quarto, fez crer á mãe que se deitára e que dormia. Mas, qual! Havia de ter muito somno!

Quando julgou que a mãe dormisse, abriu com muito geito e vagar a porta do quarto, e, pé ante pé, se chegou á janella: não viu ninguém. Entristeceu-se.

Na casa materna não podia ella viver já. Assim lh'o dizia, pelo menos, o seu brio, o seu pundonor, a sua vergonha. Era preciso sahir; mas, como? Só? não. Acompanhada? por quem? se não enxergava viva alma!

Quando recostada na janella, se carpia por não dar uma solução a tal difficuldade, pareceu-lhe ver que alguém vinha pelo becco da Boa-união. Pene-

trou na noute polar de sua alma um raio de luz! Raiou uma aurora amiga, um crepusculo esperançoso nas tão longas trévas de seu peito!

Maria fixou o vulto, e contentissima ficou por julgar que o conhecêra.

Não se enganára Maria da Pureza; era pessoa conhecida a que entrára no Romal.

Quando o vulto, depois de atravessar o largo, já se dispunha a desaparecer no becco fronteiro, Maria tossiu levemente, como para prender a attenção ao que passava, e disse a meia voz: — Ó sr. João das Mercês, faz favor.

Era realmente João das Mercês, o sujeito que passava.

Talvez não; dirá o leitor sensato: João das Mercês a tal hora na rua!

O devoto beato em passeios, ás dez horas da noute! Elle, o sancto, o homem das excommunições!?

Não se admirem. Reflectam um pouco, e verão como explicam os passeios de *frei* João das Mercês. Eu auxilio o leitor.

Recorde, em primeiro logar, a casa de sr.^a Josepha das onze mil Virgens, onde João das Mercês costuma ir rezar ás Sanctas, que lhe enfeitam o nome; e, em segundo, lembre a tendencia que o beguino tem para dar informações, e uma certa quêda para onze letras. João das Mercês gosta muito do

numero 11; até habita na rua dos Gatos, a casa numero 11!

O homem, em nome da religião, de que tão zeloso é, anda a tractar da sua vida. Que temos com isso?

— Quem me chama? respondeu o beato.

— Sou eu, a Pureza.

Ó menina!... e *frei João* encaminhou-se para a casa d'ella.

— Espere ahi um instantinho, que lhe quero fallar, disse Maria, da janella.

Pouco depois, Maria abriu a porta.

— E então, que me quer a minha flor?

— O sr. João leva muita pressa?

— Levo alguma; porém...

— Faz-me um favor? vae-me ao becco da Carqueja?

— Ao becco da Carqueja?! ó menina! menos isso.

Frei João lembrára-se 'naquelle momento do Rancho da Carqueja, e mais do serviço que tinha de fazer a um Carquejeiro, e tremeu.

— E' um instante, continuou Maria, é levar-me um recado a um estudante. Pelo amor de Deus, faça-me este favor.

— Olhe, menina, eu tinha muita vontade de lhe fazer isso; mas ha um negociosito... e depois, bem sabe, ninguem anda seguro com os estudantes...

— Quanto aos estudantes nada receie; eu ensi-
no-lhe uma palavra, um nome, que, em o dizendo,
ninguem lhe faz mal.

— Então diga sempre o recado e a palavra, mas
depressa.

— Em dizendo que vae em serviço de Jorge Ay-
res já se lhe não faz mal algum.

— Mas, que nome é esse?

— Depois lh'o direi. O recado é dizer á pessoa
que tem esse nome, e que mora no becco da Car-
queja, que no Romal se espera por ella, ou por
uma capa e gorro de estudante.

— Ai! menina! que não sei se me sahirei bem.
Valha-me Deus!

E *frei* João partiu. Era obrigado a Maria, não
lhe poudo dizer que não. Esta, por sua parte, que
não sabia que Jorge Ayres era o chefe do Rancho,
mas que tinha a certeza da preponderancia d'elle
sobre a Academia, attentas as inequivocas provas
que esta sempre lhe dava, lembrou-se de dar ao be-
guino, como sancto e senha, o nome do seu amante.

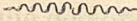
E Maria cheia de confiança no prestigio d'aquelle
nome ficou esperançosa e satisfeita. Tal é o poder
do amor!

O amor cerca sempre a pessão que adoramos de
uma aureola agradável de merecimentos e prendas,
embora essa pessoa não tenha prendas ou mereci-
mento algum! Até dá intelligencia e talento a quem

o não tem! E se não fôra esse poder, essa virtude intrinseca do amor, como explicar a constancia de Heloise, em tantas provações, e a coragem de Leandro nas aguas helespontinas, nas fortes correntes da Propontida?!

Mas, deixemos estas considerações sobre o imponderavel sentimento.

O que é certo é que *frei* João partiu, e Maria ficou cheia de fé, aguardando a volta do beato.



The first part of the book is devoted to a general
 introduction of the subject, and to a description of
 the various methods which have been employed
 for the purpose of determining the true
 nature of the matter in question. The second
 part is devoted to a detailed description of
 the various experiments which have been
 performed, and to a discussion of the results
 which have been obtained. The third part
 is devoted to a discussion of the various
 theories which have been proposed, and to
 a comparison of the results which have been
 obtained with the predictions of these
 theories. The fourth part is devoted to a
 discussion of the various applications of
 the results which have been obtained, and
 to a comparison of the results which have
 been obtained with the results which have
 been obtained by other methods.

The first part of the book is devoted to a general
 introduction of the subject, and to a description of
 the various methods which have been employed
 for the purpose of determining the true
 nature of the matter in question. The second
 part is devoted to a detailed description of
 the various experiments which have been
 performed, and to a discussion of the results
 which have been obtained. The third part
 is devoted to a discussion of the various
 theories which have been proposed, and to
 a comparison of the results which have been
 obtained with the predictions of these
 theories. The fourth part is devoted to a
 discussion of the various applications of
 the results which have been obtained, and
 to a comparison of the results which have
 been obtained with the results which have
 been obtained by other methods.

VI

A LUZ MYSTERIOSA

A casa conhecida hoje em Coimbra pelo nome de Estalagem do Fernando, ou do inferno, era em 1720 a mais frequentada Hospedaria d'esta Cidade.

Entremos 'nella. Na extremidade da rua da Calçada, no sitio em que demoliram em 1858 o arco, ou passadiço das casas dos Abreus, havia 'nesses tempos e existe ainda uma porta de entrada para a dita estalagem. Dobremos o limiar d'ella: desçamos por um como corredor estreito, tortuoso e ingreme, a uma especie de pateo que ha lá no fundo d'aquella descida: entremos outra porta, e, quasi em frente d'ella, penetremos 'num quarto, d'onde alguma luz dimana pelos defumados vidros da bandeira da porta, e onde parece que alguem conversa.

— Pois, filho, vae, vae para tua casa; mas pelo amor de Deus te peço que não saias hoje e que te não demores.

— Pois sim meu pae ; eu vou já para casa. Muito boa noute.

— Adeus, Francisco ; apparece de manhã, para almoçares commigo.

E o sujeito sahiu ; que não era outro senão Francisco Jorge Ayres.

— Mas, perguntará o leitor, o capitão-mór não tinha dito ao filho que ficava em casa d'elle? Tinha; mas, reconsiderou.

Reconsiderar é hoje o termo com que muitos velhacos desculpam a falta de palavra e firmeza de character. Felizmente o reconsiderar é para outros, ou em outros, a prova de um espirito recto e amigo da verdade; e que, se uma vez se enganou no que disse ou pensou, na outra emenda a mão e continúa immaculado.

O capitão-mór dissera ao filho que ficava em casa d'elle, porque o queria a ella acompanhar. A sua intenção era de ir pernoutar 'naquella estalagem, onde sempre costumava ficar.

Dados estes esclarecimentos, deixemos o capitão-mór na estalagem, e sigamos o filho.

Francisco Jorge Ayres sahiu por onde entrou, subiu a Couraça até ao Arco da Estrella e tomou a direcção da rua de S. Christovam. Quando chegou a par do antiquissimo templo que dá o nome á rua, pareceu-lhe ouvir algumas fallas, que vinham do

becco das Cruzes. O estudante parou e attendeu áquellas vozes.

— Mas eu não sou estudante, e muito menos carquejeiro ...

— Não é estudante; mas por que motivo vem com ares de mysterio, e nos repetiu por mais d'uma vez o nome de um academico compromettido na rua das Fangas?

— Eu não sei se o nome que disse é de um estudante, ou não.

— Então o amigo não sabe? Siga-nos ao Aljube, onde irá descançar um pouco, até que tenha consciencia do que diz.

— Pelo amor de Deus, pelos anjos, pelas onze mil Virgens, por tudo, não profanem João das Mercês! supplicava o beato.

Jorge Ayres, quando ouviu pronunciar o nome de João das Mercês, e depois de ter ouvido que elle dissera e repetira o nome de um estudante compromettido na rua das Fangas, ficou ancioso de curiosidade por saber que nome, e a que proposito frei João das Mercês o repetira.

'Nisto os passos de quem subia o becco fizeram-se ouvir. Jorge Ayres deu uma corrida, e em breve se achou sobre o muro que servia de amparar o pequeno adro da egreja de S. Christovam.

A noute estava escura, e Jorge Ayres não podia conhecer as pessoas que vinham a não ser pela voz.

Assim aconteceu. Era a ronda dos verdeaes que levava preso o beato João das Mercês, por fallar 'num estudante.

— Soltem-me, deixei-me, pelas onze mil Virgens! exclamava o beguino, appellando para as Virgens, de que tão devoto era, e a quem fazia reza em *duetto* com a sr.^a Josepha das supraditas onze.

— Qual soltar! Venha para a cadeia até que aprenda, ou queira dizer para que fallava no estudante Francisco Jorge Ayres, dizia uma voz, respondendo ao pobre beato.

— Não, não digo, porque o não sei, e que o soubesse, não seria eu quem tal fizera.

Jorge Ayres ao ouvir este breve dialogo, tomou maior interesse pelo beguino, e concebeu logo a ideia de o ir tirar aos verdeaes. Mas, como? Os verdeaes eram muitos e elle estava só! Feliz ou infelizmente para si, Jorge Ayres desfazia facilmente embaraços e difficuldades.

Na intenção de attrahir ao adro em que se achava, os odiados verdeaes, tomou uma pedra grande, alçou com ella o braço direito e arremeçou-a para o lado d'elles.

A ideia de Jorge Ayres era a de chamar alli a ronda, ou a maior parte d'ella; e, dando uma corrida por detrás da igreja, saltar sobre algum verdeal que ficasse de guarda a *frei* João, dar-lhe quatro bofetões bem puxados, tomar nos braços o bea-

to, que para isso tinha o estudante animo e força, e leval-o para casa, onde João das Mercês explicaria tudo, por bem ou por mal.

Logo que a pedra rolou pelas canellas dos verdeaes, estes, depois de um instante de indecisão, correram com effeito em numero de quatro; dous por um lado e dous por outro: isto é, pelas duas escadas que o adro tinha.

Destro como o gamo, Jorge Ayres correu pelo becco estreito, por onde o templo tinha uma porta lateral, deu volta por detrás, desceu pelo outro becco que ainda existe, e cahiu effectivamente sobre o beato e dous verdeaes que o guardavam.

No inesperado ataque os dous ficaram attonitos e assustados, e Jorge Ayres teve tempo de agarrar o beato, erguel-o nos braços robustos e deital-o ás costas, como o lobo usa fazer ao anho fragil. João das Mercês, tão subitamente accmmtido, nem tempo houve para pensar se seria agarrado por um homem.

Julgou que era o diabo em pessoa, e sob a pressão de tal ideia começou a estrebuxar desesperadamente, a gritar e a exclamar: — Heloym! Saday! Messias! Jehova! e outros nomes ainda, que sabia de cór.

O beato debatia-se nos braços de bronze do estudante, que, apesar da difficuldade, lá o ia levando, e os verdeaes que haviam acordado do momenta-

neo susto, gritando como orates pelos companheiros correram sobre o estudante, e o agarraram antes d'elle chegar ás casas, em que habitou o Dr. Luiz Manuel Soares.

Francisco Jorge Ayres que viu a impossibilidade de levar mais longe o tolo do beato, pelos estrebuxões espantosos que dava com as mãos e pés, e alem d'isso vendo-se com dous verdeaes ao lado, e já ao fundo da rua ouvia correr os que ficaram no adro da igreja de S. Christovam, pespega com o beato no meio da rua, distribue alguns sopapos nos verdeaes, que nem das catanas se atreveram a puxar, e, rapido como a setta, os deixou a concertarem os queixos, o beguino estatelado no chão, semi-morto e gritando, subiu o becco da Carqueja e entrou em casa.

Deixemos o estudante alli e vejâmos agora o que se passa na rua de S. Christovam.

Os verdeaes reuniram todos ao pé de João das Mercês, que, deitado no chão, gemia e excommun-gava, sem se poder levantar, e amaldiçoava a nefasta hora em que Maria da Pureza o havia feito mensageiro de tal negocio.

João das Mercês não se podia erguer: tinha o corpo moido, algumas contusões e uma fractura na clavicula esquerda.

Nestas circumstancias o que precisava o beato era que o conduzissem ao hospital da Praça; mas,

os verdeaes zangados com tão grandes tropelias que lhes faziam os estudantes, e com tantos revezes, e julgando que o beguino seria cúmplice com elles nas desordens e nos crimes, resolveram, os barbaros! levar assim mesmo para o Aljube o ignaro e miserando João das Mercês, ou das onze mil Virgens.

Aos gritos de João das Mercês sobresaltou-se a visinhança e algumas janellas se abriram.

Improvisada uma singela maca, pelo empréstimo de uma pequena escada de mão, facultada por um caridoso visinho, os verdeaes levaram 'nella para o Aljube o infeliz beato, cuja vida parecia desfazer-se-lhe em gritos agudos vindos do fundo d'alma.

Pouco depois, o silencio e a escuridão reinavam de novo na rua de S. Christovam.

São dez horas da noute. O que terá acontecido no largo do Romal, onde Maria da Pureza ficou aguardando anciosa a volta do beguino?

Em casa de Jorge Ayres, o que se passará de novo? Já reuniriam os Carquejeiros para a prometida correria nas terras do beneficiado de S. Bartholomeu?

Devemos saber tudo isto: corrâmos, pois, a casa de Jorge Ayres, que nos fica perto.

Para conhecermos ambas as entradas da casa, penetremos agora 'nella pela rua de S. Christovam.

Entremos e subâmos uma escada de pedra que nos fica ao lado esquerdo. Estamos na mesma casa onde se póde entrar pela porta do becco.

Na sala contigua, isto é, na das reuniões magnas do Rancho, ha luzes accesas e animada parece correr a conversação.

A porta está fechada; mas, esperemos um pouco pela abertura d'ella.

Pela do becco entrou 'neste instante um academico, dirigiu-se á da sala grande, bateu por um modo convencionado, e a porta abriu-se-lhe. Entremos com elle.

— Ias tardando! disse Silva Pescada para o recém chegado Coelho Manço.

— Venho desesperado, respondeu este; procurei em casa o idiota João das Mercês e não o encontrei: fui ver se o topava em casa ahi de uma velhota de suas relações, e nada! Qual beato nem meio beato!

— Foste a casa da Josepha das onze mil Virgens? á tua casa? perguntou Pescada.

— Fui. E faz-nos uma certa falta porque nos ia pessoalmente ensinar onde a estas horas está o beneficiado.

— Mas elle não te disse qual era a casa?

— Disse, mas o ponto está em acertarmos com ella. Póde haver um engano...

— Não importa, interrompeu Silva Pescada, em tantas podemos entrar e entraremos, até que o homem appareça.

— É um pouco arriscado esse modo de busca; mas, faça-se! respondeu Coelho Manço.

O curto dialogo terminou. A sala estava quasi cheia. O Rancho, dividido em grupos, conversava. Só 'nelle faltava Francisco Jorge Ayres.

'Nisto abriu-se a outra porta da sala que o leitor já conhece, e Jorge Ayres entrou, n'ella.

— Então, vamos á empresa? disse Ayres, dirigindo-se a Coelho Manço.

— Vamos, respondeu este.

— E não será difficil agarrarmos o tal padre?

— Não, qual difficil! Era bom que apparecesse aquelle idiota que nos excommungou em Sancta Cruz, porque nos indicava precisamente a casa onde o hemos de encontrar, mas o bruto sumiu-se....

— O beato João das Mercês? perguntou Jorge Ayres.

— Esse mesmo.

— Coitado! está preso no Aljube. E o peor é que talvez com as costas quebradas!

— Conta lá isso, pediu Coelho Manço.

— Quebrei-lh'as eu. A ronda levava-o preso, e eu, por que elle pronunciou o meu nome, furteio aos verdeaes, pul-o ás costas e trazia-o para aqui. Mas tão asno foi, que depois de muito gritar e barafus-

tar me obrigou a atirar com elle ao chão, e a fugir para não ser conhecido.

— Mas porque fallava o homem em ti? Não o podeste saber?

— Não; e tenho pensado 'naquelle acontecimento...

— Mas como elle está preso...

— Heide lá ir, interrompeu Jorge Ayres; vou amanhã conversar com elle.

Soavam 'neste momento onze horas no relógio da Estrella.

Coelho Manço, dirigindo-se aos collegas, bradou:

— Á rua de Tinge-rodilhas!

— A Tinge-rodilhas! respondeu o Rancho. E começaram a sahir.

Francisco Jorge Ayres foi deixando ir os companheiros, mas fez signal a Coelho Manço e Gonalves Lobo para que se demorassem.

Effectivamente, os ultimos que restavam na sala eram Francisco Jorge Ayres, e os que ficaram por convite d'elle.

— Amigos! disse Ayres, não vos posso acompanhar 'nesta empresa, e preciso até do vosso auxilio.

— Essa é melhor! disse, muito admirado, o padre Lobo.

— Querem-te prender? Receias alguma emboscada? Se queres mando suspender a marcha aos nossos bravos e vae hoje o diabo em Coimbra.

— Não, nada d'isso. Careço unicamente de vossês. De ti, e Jorge Ayres indicava Gonsalves Lobo, para ainda hoje correres ao Aljube e dares as precisas providencias para que o pobre beato seja bem tractado. Se for necessario um mestre, um licenciado, chama-o; deixa-lhe dinheiro, e, claro está, nem palavra!

— Facil te parece o negocio! Mas não lembras que se eu for proteger o beato posso lá ficar tambem? O beato queixa-se e accusa-me, e olha que a final, fico por companheiro d'elle. De mais a mais creio que amarrotastes os narizes aos verdeaes...

— Eu te digo: tudo isso é timidez. Pois haverá nada mais facil 'neste mundo do que apresentares-te como Prior ahi de uma freguezia de Coimbra, em cuja egreja o beato seja sacristão? Prior não direi, mas padre encommendado ou cousa que o valha.

— Podem conhecer-me...

— Qual conhecer! interrompeu Jorge Ayres. É célebre, que o teu valor tenha intermitencias! — Vae, falla á sentinella, unta-lhe as mãos, e crê, se o fizeres, que é como se untáras as fechaduras da prisão. Abrir-se-te-hão as portas.

— Pois está tractado. Vou.

— Vae e nada temas. Francisco Jorge Ayres póde, se quizer, abrir as prisões de Coimbrá; por bem, ou mesmo por mal...

Depois de se interromper, Jorge Ayres voltou-se para Coelho Manço e disse-lhe :

— De ti quero a companhia. Hemos de ir ambos ao Romal...

— Acaso será esta noute a do Natal? interrompeu Gonsalves Lobo, sorrindo-se.

— Não é, respondeu Ayres, mas anticipo-a talvez.

— Ao teu dispor completamente, disse Coelho Manço. Mas has de consentir que eu dê o sancto e senha a nossos irmãos... que eu nomeie um comandante...

— Pois, sim. Saiâmos, e na rua tractaremos isso.

Os três sahiram da sala, desceram a escada de pedra, e, em obra d'alguns segundos, achavam-se na rua junctos com os mais Carquejeiros.

— Por que lado querem ir? perguntou Monteiro Paim a Coelho Manço.

— Pela Quebra-costas é mais perto, vamos por ella respondeu Coelho Manço.

E lá se encaminharam todos para o becco de Sancta Margarida, que da rua de S. Christovam dá passagem para a bem conhecida em todo o paiz rua de Quebra-costas.

— Vae ao Aljube, não te demores; disse Ayres para Gonsalves Lobo.

— Até breve! E o padre Vicente Gonsalves Lobo cortou para cima, em quanto Jorge Ayres, Coelho

Manço e os mais Carquejeiros desciam a escabrosa e empinada rua.

Ahi tem o leitor mais uma prova do bom coração de Jorge Ayres. Pungia-lhe no intimo do peito a lembrança de ter escangalhado o corpo do beguino João das Mercês; e no meio de sentimentos tão oppostos como os que lhe traziam á mente a imagem de Maria, e aquelles de applicarem uma boa tunda ao beneficiado de S. Bartholomeu, que outro crime não tinha senão o de sacrificar nos altares em que se adorava Maria da Pureza, Jorge Ayres não olvidava o misero mortal, que elle havia lançado ao chão, como a um pesadissimo fardo!

Tal era a alma incomprehensivel do filho do capitão-mór da terra da Feira.

— Então de que se tracta? perguntou Coelho Manço a Jorge Ayres.

— De me acompanhares ao Romal.

— É preciso encarregar alguém do commando da expedição. Quem te parece que me deva substituir?

— O Silva Coutinho, ou o Paim, respondeu Ayres. E o Rancho dobrava já o Arco de Almedina.

Coelho Manço, que era dos ultimos, para não gritar assobiou artificialmente, e os grupos que mais adiantados iam começaram a parar. Avistava-se a Calçada.

— Ó Coutinho!

— Que queres tu? respondeu aquelle.

— Olha cá.

José da Silva Coutinho approximou-se de Jorge Ayres, e este lhe disse:

— Nem eu nem o Coelho Manço vos podemos acompanhar. Vão vossês, e commanda lá e dirige tu mesmo o assalto.

— Sim, mas em que rua, e qual é o castello que temos de entrar?

— Rua de Tinge-rodilhas; lado, não sei, casa, tambem não; mas, cerquem a rua e esperem, ou cerquem-na e accommettam-lhe as casas, até encontrarem o padrega devasso.

— Nada mais? perguntou Silva Coutinho.

— Nada mais. Se houver demora, porque vossês tenham necessidade de assediado alguma casa, contem com mais dous obreiros nas obras de sapa.

— Isso era bello, se vossês se não demorassem!

Naturalmente não demorâmos, respondeu Jorge Ayres; e, para terminar o dialogo, acrescentou:

— Até logo.

E acompanhado de José da Silva Coutinho, Francisco Jorge Ayres desceu á Calçada, tomou a direcção da rua do Cego, e lá se perdeu no escuro, para os sitios de S. Bartholomeu.

O Rancho encaminhou seus passos para a rua de Tinge-rodilhas.

Ainda bem Jorge Ayres não havia chegado á

Praça, quando lhe pareceu ver uma luz ao cimo da rua das Azeiteiras; luz que por brilhar um instante, e por se sumir rapidamente, lhe chamou a atenção toda.

— Não te parece que teve proposito de se esconder a pessoa que alem vinha com uma lanterna? disse Ayres para Coelho Manço.

— Parece-me que teve, ou que tiveram, respondeu Coelho, porque não é só uma pessoa. Afigurou-se-me ouvir conversar.

— Vamos nós ver quem será?

— Vamos, respondeu Coelho Manço.

E, adoçando os passos, os dous dirigiram-se para o lado onde viram desaparecer a luz instantaneamente.

A noute estava escura. Os dous foram caminhando cautelosos para não serem presentidos.

— Diz-me o coração que temos aventura; que pensas tu a respeito d'isto?

— Se queres que te diga, não sei, respondeu Coelho.

Os dous continuaram a andar com toda a cautela, e já não poderiam estar muito longe da pessoa ou pessoas, que se não viam pelo escuro que fazia, quando Ayres, que mais adiantado ia, parou, e voltando a cabeça para trás e como que suspendendo com a mão direita a marcha de Coelho Manço, disse:

— Pára e calá-te.

Um curto silencio despertou nos dous Carquejeiros uma anciedade curiosa, que já os ia impacientando, e tel-o-hia feito se não foram uns sons, que uma aragem leve trouxe a seus ouvidos:

— Coragem! parecia dizer o silencio.

— Tenho-a; mas não sei o que me adivinha o coração... Serão estudantes?.. virão para aqui?.. Ai meu Deus, meu Deus! se me encontram, o que ha de ser de mim?..

— Nada tema! pediu-me protecção, ha de a ter em quanto eu podér, em quanto eu tiver forças...

— Falle baixinho, por Deus lh'o peço.

O dialogo suspendeu-se; houve outro intervallo de silencio, que os estudantes aproveitaram para se approximarem um pouco mais.

— Tudo isto fez aquelle homem!.. Não voltar!.. enganar-me... Jesus!..—Do silencio saíra mais este queixume.

— Pois confiou em semelhante gente?! O ceu me livre d'elles! Bebem azeite nas lampadas; arrenego!

— Veja se vê alguém e se ouve alguma cousa.

— Não ouço nada e muito menos vejo. O melhor será irmos andando.

— Pois sim, porém os estudantes...

— Oh! não os tema! Quem me dera vir ás mãos com elles! trago-lhe uma asca!...

Mais silencio. Durava pouco quando os dous estudantes ouviram passos, e um jacto de luz inesperada os veio quasi privar da vista.

Era da lanterna de furta-fogo.

Por felicidade os dous estavam para um dos lados, de modo que não foram vistos e puderam ver quem passava, um instante depois de levarem as mãos aos olhos e de os esfregarem.

Quem passava eram dous homens; um, corpulento, nutrido: outro, baixo e magro.

Como os raios luminosos da lanterna só alumiam uma porção de terreno em frente de quem a levava, aconteceu que os dous homens não viram os Carquejeiros Coelho Manço e Silva Pescada.

— Vamos a elles? bradou a meia voz Francisco Jorge Ayres.

— Já! respondeu Coelho Manço.

— Um, parece valentão. Trazes punhal? talvez tenhamos necessidade de fazer uso d'elle.

Ao fundo da Praça, na rua dos Sapateiros, ouvia-se 'neste momento um alarido grande de vozes, risadas e de assobios.

— Que será isto? perguntou Ayres, suspendendo a marcha que tinha começado na direcção dos homens que passaram.

— Hão de ser os nossos irmãos que apanharam o Beneficiado.

— Vae ver, disse Jorge Ayres.

— Em tal caso deixamos os dous homens?

— Não. Vou eu sobre elles até os conhecer.

— Pois sim; mas se precisares auxilio apita, respondeu Coelho Manço.

— Dito. Vae, e encaminhem-se para este lado, se porventura for o Rancho da Carqueja que para essa parte folga e ri.

Em marchas oppostas separaram-se os dous estudantes.

VIII

O Aljube, prisão ecclesiastica em Coimbra, já servia por fim, de casa de reclusão a todos, ou quasi todos os criminosos. Os proprios estudantes entravam 'nesse numero.

O Aljube era uma casa de bonita apparencia, e não dava a lembrar, ainda no mais recondito de suas masmorras, a origem arabiga do termo que significa cisterna, cova profunda. Tinha bons quartos, e salas de que ainda póde fazer ideia approximada o curioso, que vizitar hoje em Coimbra a casa do honrado cidadão Barão de Sancta Comba.

Esta prisão não existe desde que em 1858 foi convertida em habitação particular.

Em 1720 era ainda uma prisão ecclesiastica. Não convido o leitor para entrar 'nella, mas offereço-me para narrar circumstanciadamente uma scena de doloroso soffrimento e de caridade evan-

gelica, que alli se passou no dia immediato áquella noute, em que Gonsalves Lobo foi encarregado por Francisco Jorge Ayres de ir levar soccorros ao beato *frei* João das Mercês.

São dez horas da manhã. Deitado 'num grabato está o beguino: um chirurgião o ligava, porque o infeliz havia fracturado uma clavicula. João das Mercês soltava gritos agudissimos, coitado! e ao pé d'elle o capitão-mór da terra da Feira suavizava com palavras de consolação o pobre beato, provendo de todos os necessarios a victima de mais uma loucura de Francisco Jorge Ayres.

O capitão-mór estava triste: um véo de tristeza, e como de nefasto presentimento, lhe velava o rosto.

O que pensaria aquelle pae a quem o filho havia promettido na vespora não sabir mais de casa 'naquella noute? Antevia de certo no horisonte do seu viver, uma nuvem pardacenta e agoureira que lhe traria desgostos grandes... Seu filho era um complexo de virtudes, mas era tambem um homem que olvidava tudo, tudo para fazer tremenda realidade a mais extravagante concepção!

A primeira boa nova, e primeiro bom dia que lhe deram na hospedaria da Portagem, foi que os estudantes haviam feito cousas terriveis por toda Coimbra 'naquella noute, e que um leigo, ou donato idiota, especie de sacristão dos frades cru-

zios, tinha sido prezo pelos verdeaes, em occasião que evocava o nome, ou o prestigio de um estudante Jorge Ayres.—Ficou mortalmente ferido no mais intimo do peito o velho capitão-mór.

Fez algumas perguntas ácêrca das tropelias dos estudantes, e disseram-lhe que na rua dos Sapateiros, ou para esses lados, tinham apanhado um padre de S. Bartholomeu, e lhe haviam feito cousas que talvez não soffresse o proprio martyr que se adorava na egreja de que elle era Beneficiado..

Disseram-lhe mais, que os estudantes tinham furtado uma linda moça que vivia ao Romal, e que entre os academicos compromettidos, ou indigitados como auctores, se fallava 'num Jorge Ayres, a quem se attribuia tambem o miseravel estado em que no Aljube se achava, cheio de contusões, um homem que vivia em Coimbra de ser uma especie de carola, beato, sacristão maluco; um pobre homem que não fazia mal a pessoa alguma, antes entretinha o publico com seus ditos e chocarrices, e com seus escrupulos religiosos.

O velho capitão-mór, não indagou mais nada. Almoçou, com que vontade o faria elle! e sahio da estalagem dirigindo seus passos para o Aljube, logar onde o leitor o foi encontrar.

Depois de assistir ao doloroso curativo do beato, o pae de Jorge Ayres, deixou dinheiro e recom-

mendação para bem o tractarem, e sahio encaminhando-se para casa do filho.

Chegou ao becco da Carqueja, mas qual não foi sua admiração e o seu espanto quando achou fechada a porta da casa que o filho habitava! Fugiu-lhe o lume dos olhos, passou a mão pela testa e experimentou que lhe percorriam a mente mil ideias tristes, e que um fantasma de cabellos empastados e pendentos, faces chupadas e sumidas, livido como um cadaver de morte violenta, sobraçando um feixe de chaves, emfim, que a imagem horrorosa de uma prisão lhe sorria medonhamente e com diabolica satisfação... Tremeu pela sorte do filho!...

Depois de um instante de indizível soffrimento, de mortal atonismo e cruel lethargia, o velho pae de Francisco Jorge Ayres empenhou as forças todas 'num supremo esforço, acordou, e perguntou a uma vizinha pelo filho.

Nada! a vizinha não o tinha visto. Ninguém sabia d'elle.

O velho capitão-mór, em semelhante conjuntura, machinalmente se deixou ir para casa, sem que em tal resolução tomasse parte a vontade. Era um automato que andava e unicamente obedecia á *bête de* que falla Xavier da Maistre.

Um academico apparecia na extremidade do becco, vindo da Sé Velha.

O pae de Jorge Ayres sahia do becco pelò lado opposto.

Quando o estudante chegou á porta da casa de Francisco Jorge Ayres, soube, por via de uma vizinha, que o homem que alem desaparecêra, perguntára por seu filho; e que, ao dizerem-lhe que não sabiam d'elle, por bem pouco não cahira sem sentidos.

Gonsalves Lobo, que não era outro o estudante, apressou o passo e foi na direcção que levára o honrado e bondoso capitão-mór.

Alcançou-o em breve, porque trôpego e cambaleante era o andar d'elle.

— Sr. capitão-mór! disse o padre Vicente Gonsalves Lobo.

O velho estacou.

— Sr. Francisco Jorge Ayres! tornou o academico.

— Quem me chama? poude murmurar, voltando-se, o capitão-mór da terra da Feira.

— Sei que procurou seu filho...

— E que o não encontrei, interrompeu o velho. Acaso saberá alguma cousa? Diga-me, sr. estudante, meu filho está preso? não está?..

— Não, sr., nem para isso ha motivo algum.

— Não ha motivo?! diz o sr. — Pois esta noute passada não foi meu filho o auctor...?

— É inexacta a informação que tem, atalhou

Gonsalves Lobo. Posso afirmar-lhe que essa desordem em que tanto por ahi se falla, que essas pancadas no Beneficiado de S. Bartholomeu, não foram dadas por seu filho, nem mesmo assistiu a isso.

— Certifica-m'o?

— Confie na palavra d'honra de um padre.

— O sr. é, pois, amigo d'elle, conhecido, ou...

— Sou intimo amigo de seu filho.

E, na verdade, não mentia Gonsalves Lobo. Era um dos melhores amigos, que tinha o filho do capitão-mór.

— Esclareça-me então, sr...

— Vicente Gonsalves Lobo.

— Esclareça-me, sr. Lobo, diga onde pára meu filho, tranquillise um pae amargurado e afflicto.

E depois de se pôrem a caminho na direcção da hospedaria da Portagem, Gonsalves Lobo, que não era demasiado escrupoloso no fallar verdade, e que preferia servir melhor os seus interesses do que passar por Epaminondas, começou a tranquillisar por este modo, o inconsolavel pae de seu amigo:

— Dizem por ahi, por Coimbra, que todos esses disturbios e desordens são feitas por estudantes. Isto não é assim. Na desordem da rua das Fangas um dos elementos mais desordeiro foi inquestionavelmente o fradesco: na tunda que levou o pobre collega meu, lá para o bairro baixo, ha muito bons

dados para crer que foram os burguezes coimbrões os executores d'ella, e 'num trambulhão que fizeram dar a uma desgraçada creatura que por ahi ajuda ás missas pelas egrejas, e que até a mim mesmo tem prestado esse serviço, não se póde saber por modo algum quem foi que lh'o fez dar. A noute estava escura; ninguem conheceu o mal intencionado. Elle por si, o miserrimo beato, que lá está no Aljube com as costas quebradas, diz, jura e bate fé, que foi Satanaz em pessoa que, ao modo d'ave de rapina, o agarrou pelos cabellos, lhe cravou as garras e fugiu com elle.

— Mas, se em tudo isso não tem meu filho culpas, tem-nas, desgraçadamente, no rapto de uma donzella formosa, que era toda a fortuna de uma velha mãe, todos os encantos d'ella, toda a sua vida.

— Isso tambem se não poderá provar...

— Provo-o eu! acudiu, cheio de confiança e de certeza, o capitão-mór da terra da Feira.

— Penso, comtudo, que...

— Oh! 'nessa parte, não me resta duvida alguma.

O padre Vicente Gonsalves Lobo, notando a intimativa com que o capitão-mór lhe fallava, percebeu que boas informações colhêra o velho; e, 'neste presupposto, achou que não devia obstinar mais em adduzir razões que destruíssem as provas, ou dados que havia contra o filho. Temeu derruir o

edifício que erguera em favor do seu amigo. Calou-se. E continuaram a andar até que, mesmo quando passavam debaixo do arco da Estrella, o capitão-mór quebrou o silencio, dizendo:

— Mas, sr. Lobo, onde poderei eu fallar a meu filho?

— Isso não sei, porque desde hontem que o não vejo: no entanto eu vou indagar...

— Pois sim, respondeu quasi machinalmente o capitão-mór.

Gonsalves Lobo acompanhou-o até á estalagem; e, á porta d'ella, despediu-se.

Deixemos Francisco Jorge Ayres, senior, entregue a tristes pezares, e observemos a rota que leva o illustre Carquejeiro.

Depois de atravessar a Calçada, Gonsalves Lobo subiu ao Arco de Almedina, galgou a Quebra-costas até ao meio, e, á esquerda, tomou pela rua de Sobripas. Quando chegou ao Collegio-novo, ou da pomposa Sapiencia, cortou ainda sobre a esquerda e entrou no becco de S. Marcos. Defronte da casa de Coelho Manço, chamou por elle.

A principio ninguem lhe respondeu; mas logo que repetiu o nome de Coelho Manço e se fez conhecido pela voz, ouviu que alguem descia a escada e que a chave volteava na fechadura.

A porta abriu-se, e o sujeito, que appareceu no limiar d'ella, disse para Gonsalves Lobo:

— Estimo que chegasses. Sobee.

— Tambem te procurava, respondeu elle.

A porta cerrou-se e os dous subiram.

— Que é feito do Coelho? perguntou o Lobo.

— Foi para tua casa, disse Francisco Jorge Ayres, que outro não era o que abrira a porta.

— Ha alguma cousa?

— Ha. Mas, dize-me primeiro, onde te mettes-te hontem á noute? Agora, porque não appareces-te e o que passas-te no Aljube?

— No Aljube entrei facilmente, graças ao meu estado, e dei as necessarias providencias para que não faltasse cousa alguma ao beato. Voltei ao bairro baixo, mas já os não encontrei.

Mas, deixando isso, conta lá o que temos.

— Conto; porém explica tu o motivo porque me procuravas.

— Quero fallar-te de teu pae.

— Sim, mas deixa isso para logo.

Neste momento ouviu-se na alcova que o leitor conhece já, um leve suspiro sem pena, um como anceio de pessoa que dorme, de quem sente consolação inspirando e expellindo 'num preguiçoso hiato, todo o ar com que refez os lassos pulmões.

— Tens alli alguem? perguntou Gonsalves Lobo.

Jorge Ayres, em vez de lhe responder, chegou-se á porta da alcova, desviou um pouco a cortina que a velava, olhou para dentro, e, cravando a vista

'num ponto, acenou a Gonçalves Lobo para que se approximassem, dando-lhe a entender que fosse de mansinho.

Assim o fez o padre Lobo.

Sobre o leito de Coelho Manço dormia um somno sosegado e tranquillo, um somno de descuidada innocencia, uma mulher formosa.

Sem esforço a conheceu o padre Gonsalves Lobo.

Era ella, a rainha da Praça, a linda colareja de apar S. Bartholomeu, a primeira entre as regateiras, a peregrina belleza appetecida por todos os que uma vez a viam.

Tão serena dormia, que melhor a dissereis privada de vida

« Como o lyrio no campo ou a bonina

« A quem o arado talha em trespassando.»

no bonito expressar de Bernardes, do que donzella cheia de vida, de esperanza, d'amor e de ventura.

Até um angelico sorriso lhe adejava pelo rosto lindo, ao modo do sorrir de felicidade que deve contrahir as faces roseas dos anjos do Senhor.

Ai! que rosto aquelle, meu Deus!

Gonsalves Lobo ficou extatico, embevecido, contemplando mudamente aquella mulher. Uma como força magnetica de laços occultos da natureza o prendeu, o fixou 'num ponto certo, como se fôra

estátua, até que, despertando d'aquelle esmaecimento, disse unicamente a Jorge Ayres:

— És feliz!

E accrescentou logo:

— Contemplando as perfeições artisticas de Maria, declaro-te, amigo, que desculpo Adão... E ha quem chame um crime a estas legitimas pareas que pagamos á natureza! E ha de haver nescios, ignaros, broncos, que te alcunhem de criminoso! — Alli a tens; é tua: sê d'ella e olvida a estulticia do mundo.

Francisco Jorge Ayres, que se revia 'nella, deixou cahir a cortina do leito, que desviára, e começou a passeiar com o seu intimo Gonsalves Lobo.

— Dize-me agora, Lobo, és ainda da mesma opinião e do mesmo sentir a respeito das mulheres? Queres ainda que eu seja como a abelha, que me inebrie no perfume de cada flor e passe ávante?!

— Como ainda te lembras disso! acudiu, sorrindo-se, Gonsalves Lobo. — Depois que a vi, já te não posso dizer cousa alguma, accrescentou elle.

E tinha razão. A mulher formosa, a peregrina belleza que dorme descuidada, é como pilha de cem pares, cujas descargas até podem levantar os mortos, embora só lhe imprimam ephemero e ficticio viver!

— Então, parece-me que já sei o motivo por que Coelho me foi procurar, e por que tu estimas-te a

minha chegada. Queres a casa da Couraça, não é assim?

— Quero, respondeu Jorge Ayres. —

— Está ao teu dispor ; mas, lembrava uma coisa...

— Falla.

— Tu sabes que por conveniencia é que abandonamos a casa da Couraça : se os verdeaes, ou qualquer outra policia nos procurarem 'nella, poderão encontrar Maria da Pureza, se ella para lá fôr, e, quem sabe? até mesmo te podem agarrar a ti. Portanto, o que julgo acertado é não viver ninguem lá, e Maria ficar antes aqui, onde já está, e onde a casa não é suspeita nem conhecida de verdeaes.

— Isso póde ser ; mas, claro está, consentindo o Coelho, respondeu Ayres.

— Ora essa! consentindo, dizes tu ; pois não ha de consentir?

— A casa é muito pequena, talvez fosse melhor leval-a antes para a rua de S. Christovam.

'Neste comenos ouviram-se passos na rua, e a voz de Coelho elevar-se, chamando por Jorge Ayres.

Este desceu e foi-lhe abrir a porta.

Pouco depois entravam ambos na sala.

— Venho de tua casa, disse Coelho para Gonsalves Lobo.

— Já sei, respondeu este.

— Sabes para que te procurava?

— Sei.

— E então?

— Nada se póde fazer, disse Lobo. Ponderei que melhor seria que em tua casa, vivesse Jorge com a Maria, do que na Couraça, ou na rua de S. Christovam. Que te parece?

— Parece-me que não só é melhor, senão até mesmo necessario e urgente.

Francisco Jorge Ayres estava 'neste momento á porta da alcova, em extatica contemplação.

— Necessario e urgente, porque?

— Porque? (e Coelho Manço chamou para juncto da janella o padre Gonsalves Lobo); porque vae por ahi hoje o diabo. Fallei agora mesmo com o Paim que me disse que por toda a cidade se fallava no Rancho, e muito especialmente no Ayres. Que os verdeaes já conheciam os locaes das reuniões da sociedade, e que tudo isto, ou quasi tudo, provinha de uma denuncia.

— Denuncia?! E de quem se desconfia?

— Não sei. Tenho vindo a pensar 'nisso, e apenas me lembrou... mas, ora adeus, não póde ser.

— Diz sempre o que te lembrou, acudiu Gonsalves Lobo.

— É uma loucura. Não vale a pena pensar 'nella.

— Falla! com Deus ou com o diabo.

— E' uma cousa tão insignificante, tão pequena...

— Pequena é uma faisca e reduz a montes de cinza faustosos palacios, opulentas cidades.

— Lembrei que a timidez de Carneiro dos Santos o levasse a denunciar-nos...

— Não póde ser por modo algum. Um carquejeiro é incapaz de tal villania.

— Tambem o creio; mas,

« entre os Portuguezes

« Tambem traidores houve algumas vezes. »

Conheces a passagem, creio eu?

— Conheço, respondeu Gonsalves Lobo. Mas... não, não póde ser.

— Bem; o que não deves é fallar mais em semelhante cousa.

Eu lembrarei o meio de nos certificarmos d'esta desconfiança.

— Pois sim, disse Lobo; mas devemos dizer ao Ayres...

— Unicamente o que me disse o Paim. Na desconfiança do Carneiro, não se lhe falla.

— Seja.

— Ó Ayres! Chamou Coelho Manço, a meia voz. Jorge Ayres veio ao chamamento.

— Saberás que tu e Maria hão de ficar vivendo aqui, disse Coelho Manço.

— Porque? perguntou Ayres.

— Porque assim é mister. Parece fóra de toda a duvida que uma denuncia descobriu aos verdeaes as nossas moradas, e até l..

Jorge Ayres que só com a ideia de traição sentia uma commoção violenta em todo o corpo, perfila-se com o Lobo e com o Coelho, e diz:

— E ha alguma suspeita de quem fosse o cobarde traidor?

— Não ha nenhuma ainda, acudiu Coelho Manço.

— Quem te deu tão bonita nova? perguntou Jorge Ayres.

— Deu-m'a o Paim.

Jorge Ayres ficou um pouco meditando e disse depois:

— Avisem para reunião hoje á meia noute.

— Aonde?

— Na minha casa do becco da Carqueja.

— Pois sim, respondeu Coelho Manço. E, em vista d'isso, vou já por casa d'elles. Até logo.

E Coelho Manço, sahiu.

— Quero-te pedir uma cousa, disse Gonsalves Lobo para Jorge Ayres.

— Faço o que desejares, respondeu este.

— Disseste-me ha pouco que te fallasse em teu pae 'noutra occasião. Quero-te fallar d'elle.

— Sim; mas, ha alguma novidade?

— Creio profundamente que és meu amigo: portanto vou-te fallar com muita franqueza. Teu pae

está inconsolavel com os boatos que lhe têm chegado aos ouvidos. Por ahí falla-se em ti, e muito. Já lhe disseram que foras tu quem escangalhou o beato, quem furtou Maria e quem commandou o ataque contra o Beneficiado.

— Mas isso é falso: eu não fui ao Beneficiado.

— Não foste, não. Sabes, comtudo, que amarrotaste o beato e que Maria veio para tua casa.

— Sim, e então, que conclues de tudo isso?

— Concluo que é mau fallar-se em ti.

— E nada mais?

— Deduzo tambem que ha necessidade de fallar a teu pae. Aonde, tu o dirás.

— Aqui, ás trindades.

— Bem. Eu virei com elle. Mas, não importa que Maria...

— Seja vista por elle? interrompeu Jorge Ayres. Não, não tem duvida.

— Está dicto. Adeus.

E Vicente Gonsalves Lobo desceu a escada, sahiu e fechou a porta sobre si. Já na rua, como tomado de uma subita ideia, retrocedeu, abriu a porta e chamou por Jorge Ayres. Este appareceu no alto da escada.

— Creio que não será preciso lembrar-te a conveniencia de desfazeres todas as duvidas e medos, que teu pae traga no espirito.

— De certo, amigo, respondeu Ayres.

— Até á noute.

— Adeus!

E o padre Lobo correu de novo á porta, sahiu, e tomou a direcção do Collegio-novo.

Ayres ficou só com Maria, dormente ainda.

Depois de dar algumas voltas pela casa, assentou-se 'numa cadeira pensativo.

Talvez não seja cousa difficil de conseguir o saber que ordem de pensamentos lhe vagueia pela mente escandecida.

O rosto é, sem contradicção, um espelho liso e fidelissimo, onde se miram e reflectem os sentimentos intimos. E raro será apparecer alguém que mostre no rosto o que não sinta n'alma. Seria necessario, para isso, que o crime, o vicio com todo o seu hediondo poder, houvesse, por assim dizer, bronzado o coração e o rosto d'esse individuo.

São velhas estas ideias; mas são de uma exacção mathematica, e por isso dignas de eterna repercussão.

A um olhar experimentado, conhecedor do mundo, não escapa facilmente desapercibida a mais leve contracção de um musculo, sem que não atinja logo, com certeza muitas vezes, qual foi a ideia que o veio contrahir.

Observemos, pois, com attenção, o rosto ao filho do capitão-mór da terra da Feira. Sentado na cadeira, está colocado de fórma que o braço esquerdo

depois de abraçar parte do encosto d'ella, vem com os dedos da mão amparar e suster a pensadora cabeça. A perna direita pousa esquecida sobre a esquerda, em quanto a mão e o braço direito descansam sobre ellas.

Ayres olha fixo para um ponto certo. Tem o rosto sereno, mas empanado por halito de funda tristeza. Atropellam-se-lhe na mente ideias tristes.

Lembra os boatos, as tropelias, o rapto de Maria, o desgosto de seu pae e a mortal tristeza de sua mãe se um dia souber que tem seu filho preso. Depois, a imagem de Maria cercada de uma aureola de ventura para elle, passa-lhe vagarosa pela mente, e o rosto desanuvia-se, a cabeça eleva-se, e um sorriso tenta desabrochar em suas faces.

A lembrança de um traidor surge-lhe repentina. Enruga-se-lhe a testa, faiscam-lhe os olhos, ergue-se e passeia agitado pela casa, murmurando:

— Matava-o!.. Era criminoso então...

— Ó Ayres! clama 'neste momento na alcova a voz maviosa de Maria da Pureza.

— Eu vou, menina.

E entrou na camara, depois de ordenar ao rosto que se mantivesse sereno.

— Tu dormias agora? perguntou Maria com angelica doçura.

— Não, não dormia; passeiava; mas, que singular pergunta! disse Jorge, sentando-se sobre o leito.

— É que se me afigurou ouvir...

— O que? interrompeu Jorge Ayres.

— Eu sei! Talvez eu sonhasse...

— Não, querida minha, eu passeiava sem dizer palavra.

— Sempre era um sonho bem extravagante!.. Pois não te ouvi dizer que serias criminoso?..

— Ora essa! É notavel! Mas, não convem pensar mais em semelhante cousa.— E's tu feliz? Não estás arrependida de vir ser minha companheira em tão pobre casa?

— Arrependida! Porque? Por cumprir o meu destino? Por obedecer ao influxo de minha boa ou má estrella? Não, não estou arrependida... Lembra-me apenas minha mãe...

— Tua mãe ha de abençoar ainda sua filha...

— Como?! que queres dizer?

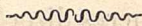
— O que te não disse ainda. Diante de Deus somos já esposos, perante o mundo breve o seremos tambem.

Maria, ouvindo aquellas palavras, ficou louca de alegria. Cingiu com os braços, que bastava vel-os para se ficar captivo d'ella, o peito de Jorge Ayres, apertou contra o seu a bonita cabeça do estudante, cobriu-a de beijos purissimos e deixou cahir depois a sua, em amoroso deliquio, sobre o braço direito do seu amante.

Bonito e venturoso quadro! Vede-a, a filha des-

obediente, a odiada das regateiras, a amaldiçoada de sua mãe, não tendo por luxuosa habitação mais do que a pobre casa do becco de S. Marcos, e por amparo unico o braço do academico, alvo das vistas publicas, e, quem sabe?! talvez de alguma sorte má, vede-a como é ditosa, como é feliz!

Bemdito seja o poder do amor que nos dá na terra a ventura!



VIII

ESCLARECIMENTOS.

Em quanto a noute se não approxima e desdobra sobre o mundo o seu manto silencioso e negro, e em quanto não posso contar ao leitor o que se passar no becco da Carqueja, polo-hei ao facto do que aconteceu a Francisco Jorge Ayres e a Coelho Manço na passada noute.

A grande algazarra que attrahira á rua dos Sapateiros o academico Coelho Manço, sahia do grupo do Rancho que trazia como em procissão o beneficiado de S. Bartholomeu.

Os remoques, os apodos, os belliscões e as caneladas eram tempestade desfeita em que o misero Beneficiado ia prestes a naufragar, sem antever ao menos a esperança de galerno favoravel, ou calma-ria.

Embaralhado no grupo, Coelho Manço seguira aquella especie de bacchanal que se fazia em honra do Beneficiado.

Á porta da igreja de S. Bartholomeu quedcu-se a turba; e, depois de muitas judiarias, houve uma proposta inaudita, insolita, barbara até, para terminarem com ella o castigo infligido ao pobre Beneficiado.

Fôra feita por José Antonio d'Azevedo, e consistia em despir o padre e amarral-o assim preso de pés e mãos, á porta da igreja de S. Bartholomeu.

Sujeita á discussão a proposta foi regeitada por maioria, havendo, comtudo, bons oradores que a defenderam com eloquentes e verbosos discursos.

Alli, á porta do templo deixaram o padre, debandando em seguida os do Rancho por diversas ruas.

Narremos agora o que succedeu a Francisco Jorge Ayres com o mysterioso par que apparecera da rua das Azeiteiras com a lanterna de furta-fogo.

Como o leitor já sabe o estudante seguira os duos personagens. Quando subiam a rua do Cego pararam, e o estudante poudo ouvir aos desconhecidos:

— Ai! Purezasinha, que não sei o que faz! Estudantes são estudantes: logram as moças e esquecem-nas por fim. Melhor fôra que a menina me acompanhasse. Estou solteiro, de modo...

— Em que me falla, sr. Peixoto? Pois não vê que fugi a minha mãe por amor que lhe tenho? desviarem-me do meu caminho é matar-me!..

— Ao menos consinta... e o alfaiate Peixoto, que não era outro aquelle individuo, tentava, o lascivo contra mestre de Jacob Maceira, manchar as faces lindas da donzella com impuros osculos de brutal concupiscencia.

Francisco Jorge Ayres conheceu logo Maria da Pureza. O contra mestre é que o não conheceu porque nunca ouvira aquella voz. Quando o mergulharam no chafariz, não estava lá o estudante, como o leitor deve recordar, por isso não o conhecia. Na desordem da rua das Fangas não o viu, de modo que lhe era estranho. Mas, ao perceber a carnal intenção do alfaiate, a primeira ideia que occorreu ao academico foi a de lhe partir a cabeça contra uma parede. Depois, outra o aconselhou a observar o modo por que Maria da Pureza repelliria o sr. João Peixoto.

Esperou; susteve-se. Quando, porém, viu que o alfaiate andava mais do que elle queria, avançando bradou:

— Suspende, bruto!

O alfaiate que não ouvira passos de ninguem, e que se julgára só com Maria, ficou petrificado.

Maria conheceu immediatamente o seu amante, correu a elle, e, a primeira cousa que lhe disse, foi pedir perdão para o alfaiate que não podéra resistir á occasião e á belleza d'ella.

Um pedido, um requerimento d'aquelles para

obter perdão, achou sempre generoso deferimento no tribunal de Francisco Jorge Ayres. Agora, que a pessoa que pedia, ordenava, como não aconteceria o mesmo ?!

O alfaiate, depois de ouvir dizer ao estudante que guardasse profundo silencio a tal respeito, ou que de contrario com elle se haveria, disse adeus aos dous, pediu perdão a Maria por alguma involuntaria offensa, e sumiu-se nas trevas, cortando para o bairro alto.

— Obrigado, Maria; és na verdade minha amiga.

— Nasci para ser sua. Ninguem póde resistir á sorte que o espera. Digam ao Mondego que não corra para o mar.

Jorge Ayres ficou extatico a olhar para o rosto d'ella, que tinha encostado ao seu peito, e que mal divisava nas trevas.

Aquella tão singela e bonita comparação de assemelhar a força do seu destino á eterna e imprescreptivel corrente das aguas para o oceano, fez antever ao estudante em Maria da Puteza uma alma, que, exilada entre cabazes de fructa, aguardava o momento ditoso do resgate, para haurir perfumes inebriantes 'noutra esphera de poesia e de amor.

— Dizes bem, Maria, penso que ninguem póde fugir ao destino que lhe prescreveu a Providencia. Eu mesmo, nos sonhos d'antemanhã, tenho visto algumas vezes no horisonte de minha vida um ponto

negro, á maneira de nuvem, que me tem obrigado a pensar no meu destino...

— Não repare em nuvens, que as leva o vento, sr. Ayres. Viva para o presente, que a Deus pertence o que ha de vir, respondeu Maria da Pureza.

O estudante sacudiu um véo de tristeza que lhe pousára sobre o coração, quando ouviu aquellas fallas de Maria.

— Tens razão, disse elle. Vamos.

E Jorge Ayres, dando-lhe o braço, foi na direcção do Arco d'Almedina.

— Quem era aquelle homem que te acompanhava? perguntou o estudante.

— Aquelle sujeito é um alfaiate meu conhecido, contra mestre d'um que vive aqui para a rua das Fangas.

— Mas, como appareceu elle no Romal a estas horas?

— Eu lh'o conto.—É verdade! o sr. não recebeu um recado que lhe mandei por João das Mercês?

— Não recebi. Agora percebo tudo! O beato foi agarrado pelos verdeaes que o levaram para o Aljube.

— Preso?! porque? disse Maria.

— Por fallar no meu nome.

— Oh! coitado! e só eu tive a culpa, que lh'o ensinei!

— Deixemos isso. Que recado era o que me mandavas?

— Pedia-lhe que enviasse ao Romal um fato de estudante para eu vestir, e com que pudesse assim ir ter consigo.

— Mas eu tinha promettido voltar...

— E' verdade. Eu é que não podia estar em casa de minha mãe...

— E então, pediste ao alfaiate...

— Eu estava á janella, esperando a volta do beato. Tinha-me fugido a esperança, porque a demora era já muito grande, quando ouvi tocar uma viola que vinha do lado do becco de Sancta Maria. Retirei-me um pouco para dentro, e vi entrar no largo tres sujeitos. Começaram a conversar, e eu conheci 'nelles o alfaiate. Despediram-se; dous, tomaram a direcção do becco da União, e João Peixoto voltou para trás, para a rua das Azeiteiras. Nesta occasião chamei-o, e pedi-lhe que me acompanhasse, sem lhe dizer para onde ia. Accendi a lanterna, que ahí fica na rua do Cego, e parti com elle. Na Praça ouvimos fallar alguém que estava perto de nós, mas que não viamos. Escondi a luz, parámos, e só quando não ouvimos cousa alguma é que continuámos a subir a Praça.

— Era eu quem lá estava, disse o estudante.

— Mas, alguém mais estava consigo?

— Era um meu amigo.

— E não me tinha conhecido? perguntou Maria.

— Não. Para saber quem era te vinha eu seguindo. E bom foi, porque...

— Oh! nada temesse! Sou fraca, sou mulher, mas forte quando é preciso.

— O patife do alfaiate abusou de quem lhe pedia protecção...

— Pelo amor de Deus! interrompeu Maria, não se lembre mais do homem.

Iam entrando no becco de S. Marcos.

Quando chegou á porta da casa de Coelho Manço, e quando batia á porta, foi que Jorge Ayres se lembrou de que não estava lá o seu amigo. Sabia, contudo, que a chave costumava ficar em casa da sr.^a Josepha das onze mil Virgens, que morava na loja.

Bateu-lhe á porta, e esperou. A porta continuou fechada; e, porque ouviisse lá dentro vozes, e visse que um raio de luz, sahindo pelo buraco da fechadura atravessava a rua e era mais uma prova de que alguém estava dentro, Jorge Ayres levado de muita curiosidade olhou por elle. Pouco depois, voltou-se, e, sorrindo-se, disse para Maria:

— Queres ver o que talvez nunca visses?

Com a curiosidade propria do seu sexo, Maria olhou tambem. Momentos havia que observava quando se voltou exclamando:

— Que faz ella, sr. Ayres?

— Faz sortilegios, feiticérias e rezas.

— Mas, para que?

— Não sei. Vê mais, se gostas.

Bem sabia o estudante o motivo das rezas, porque lhe ouvira o nome de João das Mercês, mas não o disse a Maria da Pureza.

Esta observava, e o academico ouvia distinctamente:

— Aqui tens, meu Leviathan,
Um raminho de phelonio,
Que tem feto e tem nepenthe,
Raxana e mandragora;
Dize tu, bichano, agora
Quem foi o cruel bolonio,
Que fez o meu bem doente.

Maria da Pureza voltára-se depois que a velha terminou aquella ladainha de dislates, e perguntou:

— A mulher é bruxa, sr. Ayres?

— Parece-me que sim — foi a resposta do estudante.

E, batendo á porta da velha, pediu em seguida a chave da casa de Coelho Manço, que a sr.^a Josepha das onze mil Virgens promptamente lh'e veio dar, abrindo para esse fim um postigo que havia na porta.

O estudante deu as boas noutes á beata, que fechou logo o postigo, e abrindo a porta de casa, entrou 'nella com Maria.

A PRIMEIRA NODOA DE SANGUE

São decorridos perto de dous mezes depois dos passados acontecimentos.

E' pelos fins de fevereiro. Debaixo do Arco de S. Agostinho, que dava uma entrada para Coimbra na extremidade da Ponte, dous individuos conversavam em voz baixa.

Tinham soado nove horas da noute no relógio da Estrella. Era uma verdadeira noute de fevereiro! Fazia um frio de gelar! A lua alumiaava de espaço a espaço a terra, quando as nuvens pardacentas e negras rareavam 'nalgum ponto. Rajadas de vento varriam de quando em quando o solo, acompanhadas de cordas de chuva e saraivadas. Era uma feia noute.

— Mas tu não lhe tens dado motivo para elle se affligir. Depois que lhe prometteste não entrar mais em disturbios, como por ahi chamam ás nossas brincadeiras, não tens effectivamente deixado de cumprir tua palavra.

— Assim é. Mas, creio que tenho inimigos que procuram desconceituar-me aos olhos d'elle. Têm-lhe dito cousas espantosas.

— Só falsidades lhe poderão ter dito. Do Natal para cá, a não serem as palmatoadas que se deram 'naquelles asnos á Estrella, e o furto dos bellissimos queijos do Dr. Rodrigues, a não ser o assalto que demos no terreiro do Marmeleira, e uma ou outra cousa d'estas, nada temos feito que nos comprometta.

— É verdade; mas esta noute quebro a palavra que dei a meu pae. Accusam-me, fallam em mim, murmuram sem haver razão... pois muito bem, tel-a-hão d'ora avante!..

O leitor já deve saber que a pessoa que assim fallava era Francisco Jorge Ayres. O outro sujeito era o amigo d'elle, o padre Vicente Gonsalves Lobo.

— Quem tal diria! Um velhaco a quem não esmigelhei a cabeça, um birbante a quem tratei bem, é o proprio que me trahiui! A mim, que o devia ter morto 'naquella noute em que tentou abusar da fraqueza de Maria!..

— Pois sim, mas levará hoje uma lição mestra.

— Ponto é que elle appareça.

— Ha de apparecer, disse com toda a firmeza Gonsalves Lobo. E depois de breve silencio:

— Ó Ayres! e nós a desconfiar-mos do Carneiro!

— Eu sempre disse que o nosso irmão Carneiro dos Santos era incapaz de semelhante villania.

Por todo este dialogo bem deve perceber o leitor que o alfaiate João Peixoto foi o denunciante, o traidor que os academicos tiveram, e que se tracta de o apanhar esta noute para um ajuste de contas.

Tambem deve ficar sabendo que houve a entrevista de Jorge Ayres com seu pae, o capitão-mór, e que tivera logar a convocada reunião no becco da Carqueja, á meia noute.

Na entrevista conseguiu Jorge Ayres dissuadir o pae de apprehensões que tinha, e na reunião, que convocára para ver se Carneiro seria realmente o cobarde fraco, conseguiu alcançar a certeza do contrario.

— Se o alfaiate apparecer que castigo achas que se lhe deva applicar?

— Trazes tu a escada celestial? perguntou Jorge Ayres, antes de responder.

— Trago, sim.

— Pois, muito bem. O castigo que lhe quero applicar é simples; ha de subir pela escada...

— Queres enforcal-o? interrompeu Gonsalves Lobo.

— Não.

— Dize sempre o que tencionas fazer.

— Logo o saberás, respondeu Ayres. Neste momento ouviram-se passos de quem descia a Cou-

raça; e, quando o vento o consentia, alguns sons como de voz abafada.

— Ah! vem nossos irmãos, disse Jorge Ayres.

— Parece-me que sim, respondeu Gonsalves Lobo.

E, para se certificar, assobiou. Não responderam ao assobio. Os dous estudantes admiraram isso, e a ideia de que não eram os Carquejeiros penetrou em suas mentes.

— Não são elles.

— Assim o parece.

— Convem esperar e guardar silencio.

E os dous, separando-se, cozeram-se com as paredes do arco, um de cada lado.

O tropel de passos approximava-se.

— Ó Ayres! disse a meia voz Gonsalves Lobo.

— O que é?

— A que horas prometeu vir o Pescada? —

— Ás dez.

— Então são elles. Estão para bater dez horas.

— Não são, não; porque se o foram teriam respondido ao teu assobio.

— Seja o que for. Elles não devem tardar. —

Calaram-se. Já se começavam a divisar os sujeitos que vinham. Caminhavam para a Ponte. Eram quatro: um, no meio de dous que o arrastavam á força, estrebuxava e soltava uns sons abafados e surdos, porque o quarto sujeito detrás dos tres, sus-

tinha e apertava um lenço que servia de mordação na bôcca do preso.

— Anda, maroto; lança-te-me ao chafariz da Feira, pois ao rio te lançarei eu!

E o grupo ia passando.

— Ó Lobo? disse em voz baixa Jorge Ayres, que será isto?

— Aos futricas! bradou com voz de stentor Gonsalves Lobo, respondendo assim a Jorge Ayres.

— Já! disse este. E, armados de cajados que traziam, deram sobre os quatro.

O que sustinha a mordação foi a terra á primeira pancada que lhe atirou á cabeça o estudante Jorge Ayres.

— Coragem! amigos! bradou o preso logo que poudê fallar, que outro não era senão José da Silva Coutinho.

Gonsalves Lobo repetia pancadas rijas nò sujeito que ouvira fallar debaixo do arco, e conhecêra ser o alfaiate Peixoto.

Á terceira cajadada João Peixoto largou o estudante Silva Coutinho, que se desembaraçou facilmente do outro que o agarrava, dando-lhe um valente murro no estomago; e, correndo a Gonsalves Lobo, lançou-lhe as mãos ao pau, torceu-lh'o rapidamente e conseguiu tirar-lh'o, mandando logo á cabeça d'elle uma pancada forte.

Lobo evitou a pancada na cabeça; mas com

uma força bruta havia sido ella despedida! Não deu na cabeça de Lobo, mas batendo-lhe no braço esquerdo, impossibilitou-o de qualquer movimento, pela dor enorme que lhe causou.

João Peixoto teria morto Gonsalves Lobo, se Jorge Ayres não acudisse a aparar as pancadas tremendas do desesperado futrica.

José da Silva Coutinho luctava braço a braço com o outro sujeito que não conhecia, e que por ultimo o largou. E' num choveiro de murros, que os dous se davam, ninguem podia ao certo dizer qual d'elles seria o vencedor.

O sujeito que primeiro fôra a terra com a pancada de Jorge Ayres, ou estava morto ou sem sentidos; Gonsalves Lobo, com um braço quebrado, assentára-se gemendo com dores enormes, e Francisco Jorge Ayres batia-se fortemente com o alfaiate João Peixoto, redobrando um e outro pericia e destreza.

Um assobio prolongado se ouviu 'neste instante.

Ayres sentiu-o mas não pode corresponder, porque se se distrahisse um segundo, estava desar-
mado, e quem sabe o que seria?!..

Gonsalves Lobo, apesar das dores agudas que sentia, pode ainda responder ao assobio.

Jorge folgou quando o ouviu; e, ou fosse porque estimasse a aproximação de seus irmãos diabolicos, ou porque não quizesse aos olhos d'elles pas-

sar por fraco, ou menos destro no jôgo do pau do que um futrica ignorante e bruto, começou a mandar ao alfaiate pancadas mais desconhecidas d'elle, certas e firmes.

João Peixoto foi-as aparando, até que perto de si viu tres estudantes armados de varapaus. Então, ou fosse porque se amedrontasse, ou porque não soubesse defender-se já de Francisco Jorge Ayres, deixou sair o pau das mãos, que voou até cair no rio, e entregou-se á descripção, desanimando completamente.

Os estudantes, que chegaram, correram ao futrica, e, tel-o-hiam morto, se Jorge Ayres não gritasse:

— Alto! amigos! Poupe-se, que tem bom pulso!

Com effeito, áquelle brado de Jorge Ayres, os academicos Coelho Manço, Silva Pescada e José Antonio de Azevedo suspenderam suas iras prendendo unicamente o marcio alfaiate.

Terminada estava a lucta. Apenas o pugilato continuava com fogo cada vez mais vivo de murros tesos.

Eram dous hercules os luctadores! Jorge Ayres admirou por um instante a scena. Pasmou!

Tudo se empregava alli! immensa força, enganos, cambapés, e os dous, firmes!

E como não teriam as caras esmurradas!

Jorge Ayres não esperou mais. Cheio de curiosi-

dade, por saber quem era o bravo que tanto tempo sustentava o fogo de Silva Coutinho, carquejeiro dos mais pulsantes do Rancho, correu a elle, apertou-o nos braços de bronze, que não tinham rival em Coimbra, e segurou-o, bradando a Silva Coutinho:

— Basta!

Acabou a lucta.

A noute estava áquella hora mais bonançosa. As cordas de chuva e as granizadas haviam parado, o vento soprava mais brando e as mesmas nuvens negras rareavam no espaço. A lua com triste pallor e mais desvendada, alumiaava o seu imperio.

Á luz d'ella poderam os estudantes conhecer no campo de batalha os mortos e feridos.

O sujeito que primeiro ficou fóra do combate, quem pensa o leitor que seria?—Era Mestre Jacob! O que se bateu com Jorge Ayres era o conhecido contramestre do Maceira, e o terceiro, que por tanto tempo pugilára com o estudante Silva Coutinho, esse é que o leitor com toda a sua perspicacia não imagina quem seja!

Os dous luctadores eram dous padres. José da Silva Coutinho é o beneficiado de S. Bartholomeu!

Aqui tem o leitor como estas duas columnas, que, em verdade eram fortes, em vez de segurarem o templo de Deus, esmurravam e escangalhavam mutuamente os narizes!

Francisco Jorge Ayres, Coelho Manço e José Antonio d'Azevedo, levando consigo o futrica João Peixoto, cortaram pela Ponte adiante, em quanto Silva Coutinho dando o braço e amparando Gonçalves Lobo voltaram para trás, para suas casas.

No campo de batalha ficavam apenas mestre Jacob, estendido no chão, e o beneficiado de S. Bartholomeu, sentado no passeio da Ponte, pensando, como podia, as arranhaduras do rosto e das mãos que gotejavam sangue.

Deixemos ir uns e outros e ficar o morto e o ferido, e acompanhe-me o leitor curioso.

Subamos de nosso vagar a ingreme Couraça, e paremos no Terreiro da Pella.

Afigura-se-me que alguém falla. Prestemos attenção.

— Talvez que nossos irmãos careçam de nós: se te parece vamos ter com elles, dizia uma voz.

— Não precisam, que m'o disse Jorge Ayres, respondeu outra.

— Então vamos a isto.

— Pois sim. Fica tu de sentinella que eu subo a cima.

E Roque Monteiro Paim, que assim fallára, prendia á janella de uma casa pequena a escada celesstial e subia por ella.

E Antonio Carneiro dos Santos ficou esperando e de atalaia.

Á janella, por onde penetrou na casa Monteiro Paim, appareceu este, depois de breve demora, e disse em voz baixa para Carneiro dos Santos:

— Não precisamos empregar a força. A mulher vae.

— Então, sem demora, respondeu o que estava na rua.

Pela porta da casa que pouco depois se abriu, sahiram com effeito Roque Monteiro Paim e a sr.^a Josepha da Conceição, costureira de 25 a 30 annos, mas sympathica e donairoza.

Depois de haver fechado a porta deu o braço a Paim, e, entre os dous carquejeiros tomou a direcção da rua dos Anjos.

Encaminharam-se para a Couraça dos Apostolos e só pararam á porta da casa do padre Lobo.

— Oh! diabo, que me não lembrou a chave!

— Quem a tem? perguntou Carneiro dos Santos.

— Tem-a o Ayres ou o Coelho.

— Eu vou buscal-a; esperem aqui.

E Carneiro dos Santos desceu rapido a Couraça, e a rua da Esperança, até ao becco de S. Marcos, para onde se dirigiu.

Quando entrava 'nelle pareceu-lhe ouvir a monotona marcha da ronda universitaria, na outra extremidade do becco. Encurtou os passos que foi dando mais leves até que chegou á porta de Coelho Manço.

O ruído de passos extinguiu-se, para ser substituído por um rumor leve de pessoas que pareciam conversar.

Carneiro dos Santos, antes de bater á porta, attendeu áquelle rumor.

— Ai! vizinha Josepha, que não sei o que me adivinha o coração!..

— Socegue, menina, que tenho muita fé nas cartas.

Carneiro dos Santos ouvira distinctamente aquellas palavras, e conheceu que se fallavam na loja das casas de Coelho Manço.

Curioso por ouvir uma voz tão linda e tão harmoniosa a lamentar-se, e, sem de nada mais se lembrar, chegou-se á porta da loja, agachou-se e olhou pelo buraco da fechadura.

Sentadas ao pé de uma velha meza estavam duas mulheres: idosa uma, a sr.^a Josepha das onze mil Virgens, formosa e moça, a linda e encantadora Maria da Pureza.

A velha benzia-se e fazia cruces sobre um baralho de cartas que tinha na meza, correndo de vez em quando a mão por um gato preto belpíapudo e corpulento que assentado sobre a meza presidia impassivel ás imposturas da dona.

A velha partia o baralho das cartas, benzia-o, tornava-o a partir até que depois de muitas evo-

luções e pantomimas começou a estender as cartas sobre a meza.

— Menina, este valete de copas diz que brevemente tomará conhecimento com uma pessoa muito rica que lhe fará um grande presente.

Maria sorriu-se, meia crente meia incredula.

— O sette de copas, menina, diz que por caminhos encubertos ha de vir uma mulher que lhe prestará serviços grandes, e esta dama de paus diz que a mesma pessoa a consolará e será sua amiga nos desgostos que a esperam.

— Nos desgostos!.. disse Maria aterrada.

— Este rei de espadas annuncia noutes de penosas inquietações; doença...

— Credo! visinha, se me hão de consolar as suas cartas, mais me entristecem ainda!.. Jesus!..

— Espere menina, deixe ver o que diz este az d'ouros. — Diz que a menina ha de receber uma carta que muito a inquietará...

— Ai! Mãe Sanctissima! não diga mais.

— Ó minha linda menina, só esta; deixe ver o que diz o az de copas. — Esta carta sim, menina; diz que brevemente será feliz e se cumprirão os seus desejos: até falla em casamento...

— Tambem é a melhor noticia que me dão as suas cartas!..

Carneiro dos Santos enojado com aquella scena

de Cartomancia, em que a velha tanto abusou da innocencia e credulidade de Maria, retirou-se da porta e bateu á de Coelho Manço na intenção de attrahir alli Maria da Pureza.

— Esta, quando ouviu bater á porta, julgou que fosse Jorge Ayres, ergueu-se assustadissima e tremula, e correu á porta.

— Ó meu Ayres, perdão... disse Maria indo ao vulto.

— Não é Jorge Ayres, menina, sou Carneiro dos Santos, um amigo d'elle.

— Então peço-lhe um favor: não lhe diga que me encontrou alli, não?

— Não digo, não. Mas a menina acreditar aquellas cousas!..

— O sr. viu?!.. Pois não hei de acreditar? cousas más são sempre certas...

— A menina tem a chave da casa de Gonsalves Lobo?

— Tenho sim, senhor. Eu dou-lh'a. Faça-me o favor de subir.

Carneiro subiu adiante, Maria cerrou a porta e subiu tambem.

Quando procurava a chave, ouviram-se passos no becco, e em seguida na escada.

Era Francisco Jorge Ayres. Um veu de tristeza lhe tornava o rosto sombrio.

Maria veio-lhe ao encontro. Jorge Ayres rece-

beu-a friamente, deixou cahir o corpo sobre um tamborete, olhou para Carneiro dos Santos e disse para elle: — cahiu esta noute a primeira nodoa de sangue no Rancho da Carqueja.

X

TREMENDA REALIDADE

Estamos em quarta feira 19 de Fevereiro de 1721.

São decorridos mais de trinta dias depois dos successos narrados no antecedente capitulo. —

É meia tarde.

Um nevoeiro denso pousa renitente sobre Coimbra.

Acompanhe-me o leitor que desejar saber o fim d'esta historia, que para isso se encaminha já este capitulo decimo.

Entremos na casa da Couraça que pertenceu ao padre Lobo e agora é habitada pela sr.^a Josepha da Conceição e por Monteiro Paim.

Na sala da casa, que o leitor conhece por assistir alli á defesa das theses de José Antonio de Azevedo, conversam em voz baixa Paim, Silva Coutinho e Carneiro dos Santos.

Ouçamol-os :

— O que temo são as consequências de tal loucura.

Foi o diabo !.. respondeu Silva Coutinho a Paim, que primeiro fallou.

— Lá que o matasse, com todos os diabos, vá!.. mas a lembrança de atirarem o cadaver para a cerca das freiras, realmente, foi celebre, pessima, disse Carneiro dos Santos.

— E o peor é que estamos todos comprometidos...

— Talvez que não façam caso do acontecimento. O cadaver não se pode conhecer... acrescentou Silva Coutinho.

— Pois sim, mas é como se o fôra: desapareceu o alfaiate, e dentro da cerca appareceu um gorro de estudante...

— Admirado estou eu, accudiu Paim, em só agora apparecer o alfaiate!

— Porque diabo o mataria Jorge Ayres?.. Ainda lh'o não quiz perguntar.

— Depois o saberemos, respondeu Coutinho, Mas o que vos affirmo é que Ayres foi obrigado a perpetrar semelhante crime.

— O que é certo é que isto não está bom. A policia meche-se, e nós ainda hontem demos uma tunda no criado de D. Francisco d' Almeida... ponderou Paim.

— Quem não quer ser Lobo não lhe veste a pelle, diz o vulgo; já agora vá para a frente, e saia o que sair.

Ouviram-se passos no corredor e a voz do padre Lobo chamar:

— Ó Paim!

— Entra, respondeu este.

— Estimo encontrar-vos reunidos. Sabem o que ha?

— Não.

— Não sabemos, responderam os que estavam.

— Fallei agora com o padre Goes, que vem da Universidade, e me deu uma nova pessima.

— Qual foi? acudiu um.

— Conta depressa! bradou outro.

— Disse-me que ouvira uma conversa a dous empregados da Secretaria com respeito ao Rancho da Carqueja, e que percebera que sobre Coimbra marchava de Lisboa uma força grande.

— Isso é peta, atalhou um d'elles. Uma força grande! que vem cá fazer uma força grande? Eu não acredito.

— Tambem me custa a crer, disse Silva Coutinho; e tanto mais, quanto não ha motivo plausivel.

— Não ha, dizem vossês? É porque não sabem tambem que o Bispo se queixára para Lisboa e pedíra promptas providencias, para se descobrir o auctor ou auctores do assassinato.

— Mas, seja como for, o que achas que devemos fazer?

— Acudir primeiramente a Jorge Ayres, infelizmente indigitado como cúmplice na morte do alfaiate, no rapto de Maria e em tudo.

— Acudir-lhe? Mas, acudir-lhe como? perguntou Paim.

— Persuadindo-o a deixar Coimbra ainda hoje, licenciando-se previamente para não causar suspeita a sua retirada.

— Um!.. Receio que Jorge deixe Coimbra e seus irmãos... Não lhe conhecem o genio? ponderou o padre José da Silva Coutinho.

— Eu o resolverei, tornou Gonsalves Lobo.

E para não perder tempo accrescentou:

— Quem vem d'ahi até casa d'elle?

— Vou eu, disse Paim.

— Mais eu, accrescentou Coutinho.

— Vamos todos, bradou Carneiro dos Santos.

E saíram. Era noute fechada. Já desciam a Couraça, quando Paim disse para os companheiros:

— Vão indo que eu já vos alcanço.

E, retrocedendo até á casa, abriu a porta d'ella e chamou:

— Ó Conceição?

— Sr. Paim! respondeu uma voz de mulher.

— Se alguém vier não abras a porta, nem falles.

— E se for algum irmão?..

— Ainda que o seja.

E, fechando de novo a porta, saiu, desceu rapido a Couraça, e foi-se junctar aos tres na rua da Esperança.

Junctos os quatro penetraram no becco de S. Marcos, bateram á porta de Jorge Ayres, que apenas estava encostada, e subiram.

— Cá vamos subindo, disse Gonsalves Lobo, que na frente caminhava.

— Entre sr. Lobo, respondeu Maria da Pureza.

Maria foi ao encontro dos quatro, erguendo-se de uma cadeira em que se assentára a ler os Lusiadas de Camões, livro muito querido de Jorge Ayres.

Sorrindo fôra Maria receber o padre Lobo. Mas o sorrir de Maria era como raio de sol tibio e descorado em ceu de nuvens. O seu rosto vinha desbotado, pallida a tez rosada, cor de lirio o carmim dos labios. Pureza havia chorado ha pouco.

— O Ayres não está cá? não é assim?

— Saiu haverá duas horas, respondeu a linda moça.

— Ignora o destino que levou?

Ignoro. Mas Jorge Ayres prometteu vir brevemente.

José da Silva Coutinho aproximou-se de Maria, fitou-a tristemente, e disse-lhe:

— Tem alguma afflicção, Mariquinhas? Vejo-a triste, pesarosa...

— Nada tenho, respondeu Maria, procurando sorrir agradado.

— Acaso não se julgará feliz com o amor de Jorge Ayres? perguntou Gonsalves Lobo.

— Julgo, sou feliz; porém...

Maria interrompeu-se. Duas teimosas lagrimas borbulhavam trevêças em seus olhos. Maria sentiu-as brincar nas palpebras, e, como pensando que ellas se recolhessem, esforçou-se por mostrar o rosto sereno. Mas, ellas, as teimosas, rolaram-lhe mansamente pelas faces de jasmim, e foram-lhe cahir sobre o anciado e amoroso peito.

— Que é isto? Lagrimas! Lagrimas rosto formoso?!

Gonsalves Lobo, que se encostára á meza, viu nella um livro aberto; tomou-o: era o livro de Camões, era o livro que nos ha de fazer Portuguezes audaciosos em todos os tempos, embora da lista das nações desapareça um dia o nome da nossa. Estava aberto no III canto, e signaes de lagrimas se via que o orvalharam nas paginas consagradas á desditosa Ignez. Um signal especial marcava a estancia:

Estavas, linda Ignez, posta em socêgo,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Bem sabia Pureza

« Que amor sem versos é jardim sem flores, »

como bem ponderou Braz Garcia de Mascarenhas.

O padre Lobo comprehendeu, pois, o motivo do chorar de Maria.

Não a quiz inquietar mais com perguntas impertinentes.

— Vamos, amigos, disse elle.

— Vamos, respondeu Coutinho e Carneiro dos Santos.

E saíram, depois de se haverem despedido de Maria da Pureza.

Tomaram a direcção do arco do Collegio-novo, rua do Corpo de Deus, e entraram na Calçada.

— Entremos na loja da Catharina velha? disse Gonsalves Lobo.

— Entremos, porque até lá podemos encontrar o Ayres, respondeu Coutinho.

Catharina velha, era dona de uma notavel loja de bebidas que por aquelles tempos havia na Calçada. Alli se reunia o melhor da Academia.

Bellos licores, conversações variadas, tudo se gastava cada tarde!

Era o Marrare, ou o Suisso de Coimbra em 1721.

'Naquelle botequim entraram os quatro estudantes.

De facto, sentados a uma meza conversavam e bebiam, Francisco Jorge Ayres e José Antonio d'Azevedo.

— Boas noutes! disse Roque Monteiro Paim, o que primeiro entrou.

— Olá! estimo que chegassem, respondeu Ayres. Sentaram-se todos em volta da meza.

— Sabes qual é a mais fresquinha?

— Não sei nada, respondeu Ayres a Gonsalves Lobo, que o interrogára.

— Affirmam-me, continuou o ultimo, que vem sobre Coimbra uma força grande.

— Para que? perguntou Ayres, um tanto admirado.

— Não sei, disse o outro.

— Pois que venha; que temos com isso? Antes nos occupe as atenções este doce e estes licores. Tal foi a resposta do filho do capitão-mór da terra da Feira.

O padre Lobo que bem sabia o perigo que corriam todos os Carquejeiros, e que não queria contrariar Jorge Ayres, bebeu, conversou e riu.

Ia adiantada a noite quando saíram todos.

— Então, não ha empresa nenhuma para esta noite? perguntou Ayres a Paim.

— Não, esta noite não haverá nada, respondeu Lobo.

— Não haverá?! porque? atalhou Ayres. Acho-me esta noite com vontade de dar quatro bofetões.

— Isso ficará para amanhã. Agora iremos para casa. É tarde já: não ouves cantar os gallos?

E Lobo que assim fallára dirigiu-se aos collegas, dizendo:

— Amigos! até amanhã, ou até logo, que não virá longe o dia. Franqueza, franqueza; quero ficar só com o Ayres. Adeus!

Despediram-se; e Gonsalves Lobo, dando o braço a Jorge Ayres, foi subindo a couraça de Lisboa.

— Tens-me na conta de verdadeiro amigo? perguntou Gonsalves Lobo ao notavel chefe do Rancho.

— Tenho, respondeu Ayres.

— Pois bem, has de sair immediatamente de Coimbra. Vamos a casa do Santareno, alluga-se um cavallo, e vaes já marchar para tua casa.

— Mas, eu é que não vejo motivo para sair de Coimbra com tanta pressa.

— É porque não recordas o passado. Já esque-

ceste a denúncia onde o teu nome figura na cabeceira do rol?..

— Denúncias são denúncias ! não poderão provar cousa alguma, atalhou Ayres.

— Já olvidaste o alfaite a quem...

— Menos isso ! interrompeu Jorge Ayres; a culpa teve-a só elle : matei-o em justa defesa quando traiçoeiramente me apontava uma pistola ao peito.

— Mas que pessima lembrança a de o atirares para a cerca das freiras !

— Foi para desviar suspeitas, respondeu Ayres.

— E deixaste lá um gorro ! Vê como são as cousas !

— Não me falles mais 'nisso. E Jorge Ayres calou-se, e entristeceu-se.

— Pois sim ; mas tu vaes montar a cavallo e sair de Coimbra.

— Não vou, respondeu seccamente o chefe do Rancho.

Gonsalves Lobo não gostou da intimativa d'aquella recusa. Conhecia o character duro de Jorge Ayres, e tremeu por elle!..

Estavam proximos do becco de S. Marcos; entraram em casa.

O padre Vicente Gonsalves Lobo, não desistiu do empenho de resolver o seu amigo a deixar Coimbra. Fallou-lhe bastas vezes 'nisso, empregando todos os meios.

Jorge Ayres respondeu sempre que não.

— Por teus paes te peço que montes a cavallo já.

— Não saíio de Coimbra, amigo; não deixo Maria.

De repente bateram á porta, e a voz de Coelho Manço pediu que lh'a abrissem.

Gonsalves Lobo foi-lh'a abrir.

— Está Coimbra cercada por soldados! Procedem a uma busca em nossas casas, que faremos? exclamou, um pouco amedrontado, Coelho Manço.

— Nada. — Respondeu friamente Francisco Jorge Ayres.

— Mas, estamos perdidos todos...

— Talvez não, tornou, impassivel, o filho do Capitão-mór.

'Nisto ouviu-se chorar na alcova. Era Maria que acordára quando Coelho bateu á porta, e que ouvira tudo.

— Talvez ainda haja tempo; por Deus, saí! exclamou o padre Lobo.

Jorge Ayres não respondeu. Sentou-se 'numa cadeira, com o rosto sereno e triste, e só accrescentou:

— Ninguem póde resistir ao destino que o espera, disse Maria; e tem razão.

Era manhã. Um susurro ao longe, um borborinho por toda Coimbra, um como terror panico era a alvorada do dia 20 de Fevereiro de 1721!

Maria da Pureza entrára na saleta. Depois de cumprimentar com um leve movimento de cabeça

a Coelho e a Lobo, foi sentar-se ao pé de Jorge Ayres. Cravou 'nelle os olhos, lindos até razos d'agoa, mirou-o por algum tempo, e, cahindo-lhe nos braços, prorompeu em soluços, gritos e lagrimas.

Francisco Jorge Ayres não dizia palavra. Era uma estatua do silencio. Mas pelas faces desciam-lhe vagarosas duas bagas de pranto. Que pranto seria aquelle?! Gonsalves Lobo e Coelho Manço participaram da mudez de Jorge Ayres. Nem palavra! Que scena! Maria chorava como louca; e nem uma falla consoladora! Os tres haviam emmudecido!..

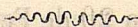
Uma pancada forte, dada na porta da casa, veio accordal-os.

— Em nome d'El-Rei, quer-se esta porta aberta! disse uma voz, no becco.

A porta abriu-se. Ao cimo da escada appareceu o Conservador, á frente de um grupo de verdeaes e de soldados.

— Sr. Francisco Jorge Ayres, acompanhe-me!

— Ah! que sorte a minha, meu Deus! Foi o grito afflictivo, doloroso, vindo dos seios d'alma, com que Maria da Pureza respondeu áquella intimação!..



XII

LUA DE LAGRIMAS

São 17 de Junho de 1722. Ha mais de um anno que o leitor e eu se achava em Coimbra. Ha mais de um anno que se dera a busca rigorosa que o leitor viu começar no fim do anterior capitulo, com o fim de prender todos os dyscolos academicos, que compunham o Rancho da Carqueja, e que o Desembargador Rodrigo d'Oliveira Zagalo instalára uma devassa contra elles.

Fôra preza toda a Academia, mas apenas dezenove se julgaram compromettidos, e se retiveram nas cadeias até que d'ellas foram saindo, por se lhes não provar os crimes, durante o decorrido anno.

Apenas Francisco Jorge Ayres não saíra. Apenas elle ficára e fôra para Lisboa, onde a justiça queria vingar 'nelle as turbulencias e crimes praticados em Coimbra.

Estamos na capital do Reino. Lisboa não havia

experimentado ainda o notavel tremor de terra de 1755. Era uma outra cidade: tinha boas ruas, porém inferiores ás d'hoje, especialmente na baixa, erguida de um monte de ruinas á voz poderosa de Sebastião José de Carvalho e Mello.

Entremos, portanto, no mais alabyrinthado bairro de Lisboa, no de Alfama. Atravessemos a multidão de ruas estreitas, humidas e mal cheirosas.

Contigua quasi á Cathedral, destaca e eleva-se uma casa grande, que parece haver sido paço de nossos Reis em tempos de prosperidade nacional. É o Limoeiro, famosa prisão do estado.

Não se assuste o leitor, ou leitora, por termos necessidade de penetrar 'naquella casa.

Á entrada de um corredor largo e extenso, conversam duas pessoas assentadas em um banco.

Attendamos.

— Peça a Deus forças e conforto, menina; seja a palma da esperança a do seu martyrio. Possa a ancora d'esta virtude theoloyal amparar e prender o fragil baixel de sua vida. Os leitos de rosas tem seus espinhos. O mundo é valle de amarguras; e só tem verdadeira coragem quem adoça as agruras d'elle com evangelica resignação e sancta paciencia.

— Resignação, paciencia e coragem tenho eu tido, sr. Lobo, mas a saude tem-se-me alterado, a febre escandece meu sangue... Valha-me, Virgem Sanctissima, o teu poder!

— Hão de valer-lhe as lagrimas d'Ella, balsamo divino que sara e cura os ferimentos do infortunio.

E, depois de soltar um profundo suspiro, Maria da Pureza, a desditosa interlocutora do padre Vicente Gonsalves Lobo, perguntou-lhe se ainda muito se demoraria o carcereiro.

— Não, não deve tardar. O que só receio e temo é a formal recusa d'elle...

— Falle baixo, que nos pódem ouvir. — Um tinir de ferros como de correntes, e um gemer de porta que se abria lá no fundo do corredor, veio alegrar o coração de Maria, como o raio do sol alegre e alumia a terra, em dias tristes e nevoentos.

Era, de facto, o carcereiro que se approximava.

Percorreu o corredor com andar grave, sobraçando um pesado e grande feixe de chaves de tamanhos diversos.

A impassibilidade não teria melhor e mais expressivo rosto, do que tinha aquelle sujeito.

— Já o esperava, disse Gonsalves Lobo, cortejando tão importante creatura.

— Recebi uma carta de meu compadre Silva Pescada, mas creio que não poderei satisfazer ao pedido... No entretanto, como não sei bem de que se trata, respondeu o carcereiro, queiram ter a bondade de se explicar.

— O favor que se pede é o de consentir que vejamos o preso Francisco Jorge Ayres.

— O estudante de Coimbra? perguntou o carcereiro.

— O mesmo.

— Sinto não poder obsequiar o meu amigo. Ha ordens terminantes a respeito d'esse preso.

Maria emmudecera completamente, depois que as palavras do carcereiro começaram a ferir sua esperança.

— Já não peço para mim, que sou amigo d'elle, mas ao menos para sua mulher. E Gonsalves Lobo indicava Maria da Pureza.

— Sr... como é sua graça? perguntou o carcereiro, que, apesar de não ter boa cara, não parecia comtudo mau.

— Padre Vicente Gonsalves Lobo, respondeu este.

— Pois, sr. padre Lobo, eu desejava muito servir a meu compadre, ao sr., e a esta menina, mas não o posso fazer, com toda a franqueza o digo. Apenas... (e o carcereiro pensou um momento), apenas me lembra, tornou elle, um meio d'esta menina lhe fallar...

— Qual é? interrompeu o padre Lobo.

— É o de se disfarçar com a roupa do confessor da prisão, que todas as noutes aqui vem fazer-lhe a sua predica, e entrar assim disfarçada em logar d'elle.

— Boa lembrança! Por esse meio tambem eu o posso ver?

— Tambem, respondeu o carcereiro, mas o essencial é fallar ao confessor, e se elle consentir...

— Quem é o confessor? como se chama? onde mora? perguntou rapidamente Gonsalves Lobo.

— Na rua velha. Chama-se João Evangelista de Sousa.

— Vou ter com elle immediatamente.

E o padre Lobo, contente e alegre, despertou Maria do momentaneo turpor, contou-lhe tudo e dispunha-se a sair com ella, quando o carcereiro lhe disse:

— Mas tenha a maior cautela, sr. padre Lobo. Neste negocio deve haver muito segredo.

— Confie na minha descrição. Eu vou; fallo com o confessor; e, se elle acceder a nossos desejos, promptamente aqui voltarei para combinarmos a hora.

— Proceda com toda a prudencia, respondeu a final o carcereiro.

O padre Lobo, dando o braço a Maria, despediu-se do carcereiro e saiu.

Poucos passos haviam dado na rua, quando encontraram uma pessoa muito de suas e nossas relações: era Francisco Jorge Ayres, o velho capitão-mór da terra da Feira.

— Approximaram-se.

— Procurava-o, sr. Gonsalves Lobo, disse o capitão-mór. Haviam-me dito em casa que viéra para o Limoeiro.

— E de lá venho, por certo; respondeu o padre Lobo.

— Então, dá-me alguma noticia boa? accrescentou o velho, com voz suffocada, deixando adiantar pelas faces rugosas duas grossas lagrimas. —

— Infelizmente, não, respondeu Lobo. Apenas tenho a esperança de poder vizitar o prisioneiro.

— Pois ainda o conservam incommunicavel?.. Oh! meu Deus! meu Deus!..

— Valor, sr. capitão-mór! — Diga-me, por sua parte tem conseguido alguma cousa?

— Não senhor... Tenho esgotado os recursos todos... — O magnanimo D. João v, Rei de Portugal e dos Algarves, teima em não perdoar a meu filho como teima em edificar Mafra para abrigo de mandriões... respondeu com amargura o velho.

— Não percamos a esperança...

— O Monarcha opulento, interrompeu o velho sem attender ao que dissera Gonsalves Lobo, é solícito em olvidar os serviços de seus vassallos, como prompto em acudir a Odivellas, e...

Interrompera-se. Gonsalves Lobo nada mais disse, e Maria da Pureza, a triste donzella, a esposa infeliz, essa, coitada! vivia como se não vivesse; andava, porque o braço de Lobo a isso a impellia!..

Entraram em casa. Vicente Gonçalves Lobo depois de convidar Maria a que fosse repousar, e de

se despedir até á noute do pae de seu amigo, saiu, tomando a direcção da rua Velha. Era meia tarde.

Ao lusco e fusco, Gonsalves Lobo voltou a casa. Não encontrou o capitão-mór que saíra tambem. Maria aguardava-o anciosa.

— Que disse o confessor? perguntou ella indo-lhe ao encontro.

— Consente, respondeu o padre Lobo.

— Oh! Deus lh'o pague! Bem haja pelo bem que me faz!

— E' preciso, pois, que a menina vista a minha roupa. Não percamos tempo.

Maria toda alegre deixou de pressa o traje de seu sexo, para vestir aquellas vestes negras do padre Vicente Gonsalves Lobo.

— Recebi agora uma carta mysteriosa, sr. Lobo, uma carta para abrir d'aqui a oito dias, disse Maria, como pessoa que se ia esquecendo de fallar 'nella.

— Mysteriosa?! E não presume...

— D'onde virá? interrompeu ella; não, pois tenho pensado bastante!..

— Esta carta, disse Lobo, tomando-a, parece-me que vem de fora do reino.

— Talvez. Esta recommendação dos oito dias, realmente...

— Emfim, menina, partamos, e depois pensaremos na carta.

E ambos disfarçados tomaram o caminho do Límoeiro, onde chegaram prestes.

Depois de trocarem com o carcereiro umas fallas breves, este, adiante do padre Lobo e de Maria da Pureza, dirijiu-se para a prisão de Francisco Jorge Ayres.

A pesada porta de ferro gemeu lugubre nos quicios enferrujados.

Uma columna de ar frio e cheirando a mofo saiu por ella.

Maria, corajosa como uma virgem druida, penetrou 'naquella noute.

Sobre ella fechou a porta o carcereiro, que ficou conversando fóra com o padre Lobo.

A tibia e frouxa luz de um lampião alumiava escaçamente a prisão de Jorge Ayres.

Maria avançou grave e anciosa. Nenhum rumor! Nem o respirar do preso ella ouvia!.. Tremeu!.. A ideia de o achar morto passou-lhe fugitiva pela mente, sentiu que lhe fugia o lume dos olhos, que se lhe dobravam as pernas, que perdia o uso das faculdades todas. Soltou involuntaria um suspiro breve, um ai que mal se ouviu.

— Que tem hoje, padre confessor? que me pareceu ouvil-o suspirar. Disse Jorge Ayres vindo lá de um canto ao encontro de Maria.

Esta não respondeu. Aquella voz, aquellas palavras, produziram uma forte reacção em Maria. D'um

estado de abatimento e prostração mortal, Maria passou a um de alegria tão grande, que lhe embargára a voz na garganta. Queria fallar, mas não podia: uma como ephialta a suffocava.

— Boa noute, padre confessor, repetiu Jorge Ayres. Que nova de consolação ou de maior desgosto me annuncia hoje?

— Maria não pode responder ainda, mas teve as precisas forças para se desligar da capa que a envolvia, para abrir os braços, correr ao estudante, lançar-lh'os ao pescoço, e apertal-o 'nelles.

Jorge Ayres attonito com semelhante abraço do que suppunha seu confessor, conservou-se mudo, um segundo apenas; mas, puxando mais para a luz o corpo que o cingia, encarou-lhe soffrego as feições.

— Oh! bemdito seja o Senhor! Agora já me não custa o morrer! já me não entibia o carrasco! — exclamou alegre o estudante, que conhecera Maria.

— Oh! Meu Ayres, que sorte a nossa!..

E um choveiro d'honestos beijos cobriu o rosto de Maria.

— Somos felizes, minha formosa. Pois não cumprimos nós o nosso destino? o nosso fadario? Digam ao Mondego que não corra para o mar! — Ouvil'ó dizer em Coimbra.

— E' verdade. Mas que destino!..

— Toldou-se bem cedo o ceu azul de nossa ventura!..

— Oh! não lembres o passado, meu amigo! Devaneios formosos, sonhos felizes, momentos abençoados, dissiparam-se para nós!.. Nem a luz da esperança me alumia já...

A porta da prisão abriu-se. A esqualida figura do carcereiro assomou alli, dizendo: — Não se permite maior demora.

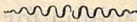
Aquellas palavras foram para os amantes como as primeiras e mais tremendas da eternidade!

Chegára ao carcereiro uma ordem terminante para o prisioneiro entrar no oratorio.

Afundira-se no mar dos terriveis desenganos a ultima taboa de salvação...

Começava para a formosa Maria da Pureza uma lua de lagrimas em uma noute, Deus sabe se de perpetua viuvez!..

— Que nupcias aquellas!..



XIII

« Depois de procellosa tempestade,
Nocturna sombra, sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento.»

CAMÕES.

Como o philosopho que mandára cavar a sepultura á entrada de sua casa, para de tal modo se lembrar da morte quando 'nella entrasse ou saísse, a nossa sociedade manda dobrar os sinos pelos que morrem, para lembrança dos que vivem.

Os sinos de Coimbra tocam a finados. É tetrico o seu concerto.

Quem morreria? — foi a pergunta que mutuamente fizeram os habitantes de Coimbra, ao despertar na madrugada do dia primeiro de julho de 1722.

Era que, das oito para as nove horas da manhã, tinha Coimbra de assistir a um spectaculo retrogrado, deshumano e barbaro. Na extremidade de um comprido poste devia subir ao ar na Praça

d'esta cidade a cabeça do infeliz estudante Francisco Jorge Ayres, morto de morte violenta em Lisboa, em 20 de junho do mesmo anno, por mando das justiças d'El-Rei D. João v de Portugal!..

Pessoas havia que se preparavam para assistir a semelhante funcção, como outras para se ausentarem d'aquelle escarneo ao Creador, feito á luz do dia 'num seculo de religião, de conventos, basilicas, frades e freiras!..

Pertencam a este numero o leitor e eu: deixemos que a justiça do absolutismo, da incompetencia e da barbaridade cumpra seus infernaes artigos.

O filho do velho capitão-mór da terra da Feira, expirára em Lisboa, tres dias depois d'aquelle em que fôra intimado para entrar no oratorio, d'onde só devia sair para entrar 'numa eternidade de descanso.

Ao barbarissimo espectáculo, ao attentado contra Deus, á injuria cusvida na face dos homens, á morte d'elle, não quiz eu que assistisse o leitor.

De suas vistas retirei o cadafalso do caes do Tojo, throno hediondo em que se assentava um saião canibal, tendo por sceptro um cutélo, por capa de arminhos a alva branca do condemnado, e como redeas de seu infernal governo, a medonha corda de canave de tres ramaes.

O espectáculo em que o capricho d'um homem

feito rei privava o corpo social d'um membro, susceptivel, quantas vezes! de cura e regeneração, um espectáculo d'esses não podiam presenciar homens que nasceram em quadra mais humana e de maior civilisação.

Matar! Quem vos dava o direito de assignardes uma sentença de morte? Seria Aquelle que ordenou a um pouco de barro que se animasse e vos desse vida? — Não era. Só o despotismo, co-irmão da crassa ignorancia, tal decretava!..

Sabeis vós o que é matar um homem? É privar a familia d'um pai, d'um irmão, d'um filho, e, quando é d'este, a sociedade da familia futura, contra toda as leis divinas e humanas!.. E' roubar ao homem o que elle almeja conservar, ainda nos dias de maior atribulação, nas horas de mortal angustia, nos momentos de maior e mais intimo sofrimento!..

Matais para exemplificar?! E' contraproducente o exemplo.

O homem regenera-se e civilisa-sé pela instrucção.

Instrui-o, moralisai-o, garneai seu espirito, mas contando sempre com sua fragilidade!..

O contrario é um impossivel perante a razão.

Mas, deixemos estas considerações por já mui sabidas, e narremos aos leitores os acontecimentos finaes d'esta historia.

Entre commigo o leitor 'num sitio bem seu conhecido: na casa da Sr.^a Francisca Bogalha, illustre matrona regateira da Praça de Coimbra.

Maria da Pureza, a encantadora Maria, convalesce morosamente d'uma doença que a arrastou á beira da sepultura. Em volta de seu leito ha rostos conhecidos :

Josepha da Conceição, á cabeceira do leito afaga o rosto de Maria e diz-lhe palavras consoladoras. A velha das onze mil Virgens, acorada a um canto, passa pelos dedos as suas bentas camaldulas. *Frei* João das Mercês, sentado em uma cadeira, reza um livro de orações, e, encostado a uma meza, defronte do leito de Maria, um mancebo de 26 annos, com so braços cruzados sobre o peito, encara fixamente o rosto d'ella.

São nove horas da manhã. Os sinos recommçam o dobrar funebre.

— Minha mãe? chamou brandamente Maria.

— A mãe está lá dentro, respondeu Conceição.

— Sinto dobrar os sinos; para quem pedem elles orações? tornou Maria.

— Para quem já não vive, respondeu Conceição.

— Pois rezemos por alma de quem se finou... E Maria da Pureza, sentando-se no leito com o auxilio de Josepha da Conceição, começou a murmurar, de mãos postas, algumas preces pelo finado.

Bonito quadro! Que unção religiosa! Cinco pes-

soas rezavam fervorosas as preces que se dão aos mortos, no lugar onde tem agonizado a que pedia orações aos vivos! Era uma verdadeira scena de religiosa edificação!...

Quem seria aquelle mancebo que contemplava mudamente Maria da Pureza com os olhos razos de pranto? — Era Augusto, o marçano apaixonado de Maria, que chegára da America com uma fortuna boa.

Era elle, o filho natural de Josepha das onze mil Virgens, e, na opinião publica, de João das Mercês.

Fôra elle que escrevera a Maria aquella carta mysteriosa, vindo do Brazil e achando-se a bordo de um navio mercante, suspeito de trazer peste. E por esta circumstancia é que recommendára que só abrissem a carta oito dias depois da recepção, porque era costume defumal-as e não as abrir senão passados dias, com receio do contagio se communicar.

Por João das Mercês, que fôra a Lisboa receber seu filho, soubera Augusto do lastimoso drama em que figurava a mulher por quem abandonára o seu paiz.

Teve conhecimento de tudo. Soube a difficuldade invencivel com que se luctava para salvar Francisco Jorge Ayres, marido de Maria da Pureza, com quem havia casado no mesmo dia em que saiu de Coimbra.

Para que se conheça a boa e generosa alma de

Augusto, direi ao leitor que na carta que mandára a Maria, offerecia elle toda a sua fortuna para se salvar Francisco Jorge Ayres! Que ciume o d'elle!

Talvez que se se abriera aquella carta se podesse comprar o carcereiro, ou alguem, e que o pobre filho do capitão-mór não subisse na flor da idade ao medonho patibulo!

Até 'nisto lhe foi avesso o destino!

E como elle acreditava no seu poder!..

Aos 23 annos, quando todo o mancebo vive de sonhos venturosos, quando Francisco Jorge Ayres amava loucamente Maria da Pureza, corta-lhe o fio da vida um decreto assignado por El-Rei D. João v!

Um anno depois d'estes acontecimentos, dava Augusto a mão de esposo a Maria da Pureza, na igreja matriz de S. Bartholomeu. O tempo havia completado a sua obra de esquecimento: a linda viuva de um anno ia fruir agora uma lua de mel, depois de haver esgotado até ás fezes as amarguras da sua lua de lagrimas.

Os estudantes foram saindo das cadeias uns pós outros, e muitos d'elles terminaram suas formaturas.

O beneficiado de S. Bartholomeu aproveitou com a lição.

O velho capitão-mór da terra da Feira, finou-se mezes depois da morte de seu filho.

Josepha da Conceição foi-se de Coimbra com Roque Monteiro Paim.

João das Mercês e Josepha das onze mil Virgens ainda viveram alguns annos, em companhia de Francisca Bogalha e de seus filhos.

Falta só que o leitor saiba o destino do notavel alfaiate da rua das Fangas, que viu ficar estendido na Ponte.

Não morreu aquelle marte, da tremenda cajadada que lhe deu Jorge Ayres!

Restabeleceu-se, continuou a cortar boas casacas de todos os feitios, e só o que nunca mais tornou a fazer foi sair á noute de casa, e metter-se outra vez em funcções d'aquella ordem.



NOTAS

« Já no largo de Sansão... pag. 2 »

Este appellido provém de um chafariz que houve no mesmo largo e que tinha uma estatua d'esse valente filho da tribu de Dan, que deu a morte a mil Philisteus com uma queixada de burro, que ao acaso encontrou. A estatua já não existia em 1836, anno em que o chafariz foi demolido.

« Aquelles, pespegam-lhe a sua raposa, etc. pag. 3.

Raposa é termo que exprime em lingoagem familiar academica o R; letra com que nas votações o lente mostra que não approva. Dão-lhe aquelle nome talvez por ser aquella letra a inicial de *raposa*.

Aos *futricas*!... pag. 9.

Futrica é termo que não vem nos nossos Dictionarios. Parece-nos um termo da *giria*, lingoagem que usam os ladrões, os presos, os contrabandistas, ciganos, etc. Empregam-na para designar uma d'estas lojas ordinarias e por vezes ambulantes, em que se vendem mil bagatellas e insignificancias. Em Coimbra é termo com que os estudantes designam os habitantes. Não é facil saber de que tempo data o emprego do vocabulo 'nesta acceção; mas, date de quando datar, é um termo popularissimo

em Coimbra, e que empregamos a despeito de anachronismo que possa haver.

... especie de *taba* de selvagens negricios... pag. 24.

Taba que empregámos como significando senzala, ou melhor, choça de negros, não é verdadeiramente a mesma cousa. « Tabas são as aldeias ou praças fortes dos Indios, fortificadas com grandes cêrcas de madeira. » Nota de Gonsalves de Magalhães á *Confederação dos Tamoyos*.

Escrevemos a palavra com aquelle sentido por lembrança que tínhamos de a ter lido assim.

« ... ou caminho *subaereo* e sem luz..... » pag. 27.

Subaereo é um termo que se nos formou mesmo nos bicos da penna. Notámol-o depois de escripto, e, com fraqueza o confessamos, não tivemos forças para o riscar e dissemos como Pilatos: *quod scripsit, scripsit*. No entretanto, como ha pessoas que de tudo escarnecem e mofam, e como talvez mais algum vocabulo nos saisse da penna novo, ou antiquado, aqui poremos duas opiniões que se devem acatar: serão em prosa e verso: « ... o arbitrio de um só escriptor não funda logo uso, contudo elle o principia. » A. das Neves Pereira, *Memorias de Litteratura*, Tom. V.

— « Imite-se a pureza dos Antigos,
« Mas sem escravidão, com gosto livre,
« Ao tempo estão sujeitas as palavras;
« Assim vemos a fértil Primavera

« Encher de folhas ao robusto tronco,

« A quem despio o Inverno desabrido.

« Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes:

« Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;

« O ponto está que ambos expliquemos

« Aquillo que pensamos;.....»

Garção, *Satyra II.*

Um outro motivo por que empregámos o termo, foi por nos parecer que assim como se diz *subterraneo*, se poderia dizer *subaereo*.

A noite está escura como um *prégo*... pag. 28.

É esta uma phrase que não vem ainda nos Dictionarios que temos. Consultámos Moraes, Constancio, Lacerda e Bluteau, e em nenhum d'elles a encontrámos. Vimos tambem um curioso livrinho que se intitula — *Enfermidades da lingua* — escripto no seculo passado por Manoel José de Paiva, onde se acham compendiadas inumeras phrases de nossa lingua. Apesar de tudo isto, a phrase é portugueza de lei, e inquestionavelmente de muito uso no seculo passado.

Não achámos analogia na comparação, a não ser a escuridão da madeira em que o *prégo* entra.

Os cabellos de côr duvidosa, atados e seguros por uma *travessa* gigantesca... pag. 34.

No seculo passado e até ao primeiro quartel d'este, chamava-se *travessa* a um pente grande, largo, com seus labores e dentes grandes, com que as mulheres atavam e sustinham os cabellos. Tem escapado aos nossos Lexicographos este vocabulo.

A noite está escura como uma *verruma*. . . 41.

Da-se com esta phrase o mesmo que se dá com a que tratámos na nota III. Não a encontrámos em parte alguma, nem mesmo no prolixo Bluteau.

Quanto á analogia, conjecturámos o mesmo que conjecturámos, a respeito da outra.

Ut satyri, levisque senex, tetigere saporem, etc.
pag. 53.

É tão bonita a traducção que d'estes versos fez o sr. A. F. de Castilho, que não podémos combater o desejo de a apresentar aqui:

« Não bem tinham do mel provado os satiros,

« e o calvo folgasão, quando já todos

« se andavam pelo bosque a farejarem,

« buscando loiros favos. O meu velho

« que ouviu zumbir inxame em cayo de olmo,

« e lobrigou lá dentro as aureas ceras,

« desfarça ; vae tocando o derreado

« jumentinho, que o leva bambaleante,

« té o incostar ao tronco carcomido,

« e estaca. Ali, valendo-se dos ramos,

« sobe-se em pé na albarda, se impertiga

« co'o madeiro, decrepito como elle ;

« mette-lhe uma das mãos pela abertura ;

« afuroa-lhe soffrego a melgueira ;

« borbotão de vespõis rebenta, ferve,

« zôa, cobre-o ; milhão de ferroadas

« o indoidece, lhe assanha a calva, o rosto ;

« vai-se de chofre a terra ; o burro aos coices

« a malhar 'nelle, e o desastrado aos gritos

« a bradar pelos socios que lhe valham».

Sr. A. F. de Castilho. *Fastos*. T. II,
part. I pag. 85 a 87.

Passeiario vagabundo, pag. 58.

Passeiario diz o original manuscripto d'onde extra-
támos a poesia. E' um neologismo evidentemente. Mas,
apesar d'isso, parece-nos um vocabulo bem formado e
muito expressivo. Pois se *solitario*, por exemplo, é o
que se entrega á solidão amiudadas vezes, como parece
ser o verdadeiro sentido da desinencia — ario — tambem
passeiario exprime o costume, ou vicio que alguém tem
de pesseiar.

Não achamos o termo nos Dictionarios que temos,
nem mesmo o verdadeiro sentido da terminação.

... bairro do Alemtejo... pag. 78.

Bairro do Alemtejo, era a Couraça de Lisboa. Cha-
mou-se assim por ser muito habitada aquella rua pelos
estudantes transtaganos.

... Arco da Estrella... pag. 100.

O arco da Estrella, foi demolido depois de 1834.
Por nos parecer util para curiosos, aqui o descreverem-
os.

Sobre o Arco tinha um oratorio com duas imagens:
uma olhando para fóra da cidade; era de S. Sebastião,
e tinha por baixo este letreiro — ORA PRO NOBIS B. SEBAS-
TIANE — a outra, que olhava para a cidade, era de N. S.

da Estrella e tinha esta letra — STELLA MATUTINA ORA PRO NOBIS — De cada lado havia no arco duas inscripções abertas em pedra. A da parte esquerda dizia assim :

ANNO AUREO LEGIS GRATIÆ 1720, REGENTE ECCLESIAM, DEI CLEMENTE 11, ANNO 21, REGNANTE INVICTISSIMO AUGUSTISSIMO JOANNE 5, PORTUGALIÆ ET ALGARBIORUM REGE 21, NATIVITATIS 21, QUO TEMPORE DOCTOR PETRUS RODRIGUES DE ALMEIDA, SENATOR HONORARIUS, ADMINISTRATOR SUO PRO FLUMINE MONDÆ ET RERUM ADMINISTRATOR CIVITATIS, HOC OPUS FUIT RENOVATUM — GLORIA V. MARIE DEI MATRIS A STELLA MAGESTATE REGIS CONIMBRICÆ LAUREA — PATRI HONOR — REIPUBLICÆ SPLENDOR — ET SAXO ISTO IN POSTERUM MEMORIAM ALUMNUS PATRIÆ DIGNISSIMUS, IMMORTALI FAMA, HAS LITERAS OMNI EVO ENCAUSTICO CONSCRIPSIT.

A inscripção da parte direita já se não podia ler.

Se for preciso um *mestre*, um licenciado, chama-o. pag. 109.

Mestre era o chirugião, e tambem se chamava ao medico. Licenciado era nome por que tambem os designavam. Vem-nos do hespanhol o termo com este sentido.

«...» pela rua de Sobripas, pag. 124.

Sobripas diz-se geralmente. Cremos, porém, e um amigo nos diz que já o havia lido, que melhor se deverá dizer *sobreribas* pela situação da rua em uma riba do Mondego, num sitio pitoresco e lindo. O illustre pos-

suidor actual da notavel casa d'aquella rua, onde se supõe, segundo a tradição, haver sido assassinada D. Maria Telles, o sr. Perestrello, tambem nos affirmou que, por documentos que possui, o nome da rua é *sobre-ribas*.

« ... rua do Corpo de Deus... pag. 165».

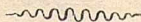
O caso seguinte motivou a mudança do nome:

Um judeu chamado Josepho, induziu um christão a trazer-lhe da Sé uma particula consagrada, em uma capsula de prata que o judeu «comprou e metheu em uma certã com azeite fervente, da qual saltou por duas, ou tres vezes, e se pôz em uma cruz; e então o dito Judeu a quebrantou com suas sujas mãos, e a foi soterrar em um máo, e fedorento logar, onde então era a Judearia».

Vid. *Antiquario Conimbricense*, pag. 68.

« e muitos d'elles (estudantes) ainda terminaram suas formaturas » pag. 186.

Por ser curiosa aqui daremos os nomes dos que ficaram comprometidos: Francisco Jorge Ayres — João Pedro Ludovico — O padre Vicente Gonsalves Lobo — Manoel Antonio Ramos — José Rodrigues Esteves — José Antonio d'Azevedo — Antonio da Costa Silva Pescada — O padre José da Silva Coutinho — Manoel Pereira Coelho Manço — Roque Monteiro Paim — Antonio Maceiro — Jeronymo de Figueiredo — José da Horta — José Pereira Manoio — O padre Francisco Ferreira de Goes — José da Cunha Borges — Antonio Carneiro dos Santos e José Pereira, creado de servir.



ERROS PRINCIPAES

- Pag. 48 abent.....leia-se habent.
- “ 58 Se segue..... “ Te segue.
- “ 107 entrou, 'nella..... “ entrou 'nella.
- “ 115 Nos exemplares em que se lê Coelho Manço e Silva Pescada..... “ Coelho Manço e Jorge Ayres!
- “ 125 responder..... “ responder.
- “ 131 duos..... “ dous
- “ 186 esqueciamento..... “ esquecimento.

Frontispicio pag 1 - Barate *Da tala*



Liza cart.

